



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

CLAYTON DENIS ALINO DA SILVA

**FUTEBOL EM MESA DE BAR:  
O TORCER NA CIDADE DE LONDRINA**

CLAYTON DENIS ALINO DA SILVA

**FUTEBOL EM MESA DE BAR:  
O TORCER NA CIDADE DE LONDRINA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (*Strictu Sensu*) em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito final à obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Flavio Braune Wiik

Londrina  
2019

CLAYTON DENIS ALINO DA SILVA

**FUTEBOL EM MESA DE BAR:  
O TORCER NA CIDADE DE LONDRINA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação (*Strictu Sensu*) em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito final à obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Flavio Braune Wiik  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Fábio Akira Shishito  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Celso Vianna Bezerra de Menezes  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 01 de julho de 2019.

Dedico este trabalho a meus pais, Lázaro e Sandra, e à minha irmã, Bárbara. Meus sinceros agradecimentos e todo o meu amor.

## AGRADECIMENTOS

Completar um mestrado não é tarefa tão simples quanto se imagina. Envolveu dois anos de bastante esforço da minha parte e a contribuição de muita gente, quais espero singelamente retribuir com algumas palavras de agradecimento:

Aos meus pais, Lázaro e Sandra, que com muito carinho e muito trabalho me deram oportunidades e incentivos durante toda a minha jornada, às vezes se privando dos seus sonhos para realizar os meus. Agradeço à minha irmã, Bárbara, um oceano de doçura que me ronda e uma amizade magnífica, para além dos laços de sangue.

À Laís, minha companheira, que me segura durante os momentos de tensão e que através do seu amor, sorriso e sabedoria me traz felicidade.

Agradeço ao meu orientador, Flavio, por todos os puxões de orelhas, compreensão e a amizade obtida desde antes da realização dessa pesquisa e que se materializaram nessas páginas. Também ao professor Celso, pessoa fantástica que a Antropologia colocou na minha vida. Ao professor Giovanni, muitíssimo obrigado pelas dicas quais ajudaram essa pesquisa a tomar uma direção mais prazerosa.

Ao corpo docente do mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina e seus servidores. Agradeço aos companheiros de mestrado que colaboraram muito com esta pesquisa durante as importantíssimas conversas de bar. Obrigado Bia, pela ajuda técnica com a ortografia do texto.

Aos meus avós maternos, Aparecida e Antônio, e paternos (*in memorian*), José e Olívia, pelas famílias maravilhosas que me presentearam e por todo o cuidado e amor. Junto a eles, agradeço à enorme família que me cerca, cujo os nomes encheriam diversas páginas, mas que alguns não podem deixar de ser nomeados: Ana, Anninha, Bruno, Chico, Dimas, Dito, Emília, Érika, Fernanda, Gustavo, Hilda, Ivo, Ivo Henrique, Jéssica, João, João Henrique, José, Jovana, Jurema, Kauam, Letícia, Lucas, Lurdinha, Maria, Maria Beatriz, Miguel, Pollyane, Rosa, Sônia, Terezinha, Thiago, Vagner, Vânio, Vera, Victor Hugo e Vitor.

Seguindo a lista de agradecimentos, não posso deixar faltar os amigos que me acompanham desde pequeno: Aninha, Arthur, Baraldi, Caio, Cesinha, Dí, Fael, Lincoln, Nado, Parkour, Pombinha, Quiabo, Raíssa, Rique, Sônia, Tia Ana Bianchi, Tio Berto, Tio Paulo, Toninho, Xande, Wanessa e Yuri. Deixando uma menção honrosa para Gustavo e Herman, aqueles que comigo compartilharam diversas noites de futebol em boteco, mesmo antes de ser o campo de pesquisa. Ainda, agradeço àqueles que a vida me regalou em Londrina: Ana, Bruno, Danilo, Diego, Diogo, Felipe, Fernanda, Léo, Marina, Mayara, Nayara, Olímpio (*in memorian*), Preto, Rafael e Raniery.

Ao fim, agradeço ao Bar Brasil, seus administradores, funcionários, clientes e torcedores que compartilharam comigo emocionantes noites de alegria e tristeza ao assistir e torcer futebol. Também agradeço à Eduardo Galeano, pelo prazer de poder lê-lo e pela forma que consegue transformar futebol em poesia, materializando a paixão pelo esporte.

O futebol é um lugar estranho e precioso, parte da nossa cultura comum, uma hernaça fabulosa de mais de cem anos de jogo, um repositório de indentidades poderosas e solidariedades, um complexo jogo de rituais coletivos e conversas públicas num mundo profundamente individualista, atomizado e dividido, um lugar onde nos misturamos socialmente, que trata do nós, e não do eu.

**David Goldblatt**

ALINO-SILVA, Clayton. **Futebol em mesa de Bar**: O torcer na cidade de Londrina. 2019. Número total de 123 f. Dissertação de Pós-Graduação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

## RESUMO

A presente pesquisa busca compreender aspectos ligados ao futebol e à cultura pelas práticas de torcer realizadas dentro do Bar Brasil em Londrina no Paraná. Entendendo que o esporte é um sistema simbólico enraizado na cultura brasileira, busca-se por decifrar como são dadas as interações sociais entre torcedores durante as partidas que são transmitidas nesse espaço de sociabilidade e lazer.

Esta investigação tem a Antropologia como referencial teórico e metodológico, a fim de analisar as formas de torcer e as relações simbólicas que são compreendidas enquanto rituais e performances, permeadas de signos, emoções e idiosincrasias identificados entre os torcedores durante a pesquisa etnográfica realizada de junho a novembro de 2018, acompanhando torcedores dentro do bar.

Busca-se, com os resultados, explicar a paixão dos torcedores londrinenses por meio dos sentidos que dão ao jogo e dos signos que compartilham entre si no bar, levando em consideração importantes contextualizações que fazem o futebol ser o esporte mais popular no país e as relações entre torcedores e torcidas dentro desses espaços de sociabilidades.

**Palavras-chave:** Torcer. Torcedores. Antropologia. Futebol. Rituais.

ALINO-SILVA, Clayton. *Foot-ball at a bar table: Cheering in the city of Londrina*. 2019. Número total de 123 p. Dissertação de Pós-Graduação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

### ABSTRACT

This research seeks to understand aspects related to football and culture through the practices of cheer held inside the Bar Brasil in Londrina, Paraná. Understanding that sport is a symbolic system rooted in Brazilian culture, we try to decipher how the social interactions between the fans are given during matches transmitted in this space of sociability and leisure.

This is an anthropologic research in theoretical and methodological reference, in order to analyze the forms of cheering and the symbolic relations that are understood as rituals and performances interposed by signs, emotions and idiosyncrasies identified among the fans during the ethnographic research carried out from June to November 2018 with fans inside the bar.

The results are intended to explain the passion of the fans in Londrina through the senses that they give to the game and the signs they share between themselves in the bar, considering important contextualizations that make football the most popular sport in the country and the relations between its fans within these social spaces.

**Key words:** Cheering. Football fans. Anthropology. Football. Rituals.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Localização de Londrina no mapa brasileiro .....	53
<b>Figura 2</b> – Fachada do Bar Brasil durante o dia .....	55
<b>Figura 3</b> – Localização do Bar Brasil no mapa de Londrina .....	56
<b>Figura 4</b> – Arte de chamada do Bar Brasil nas redes sociais.....	57
<b>Figura 5</b> – Mapeamento (não oficial) do Bar Brasil.....	59
<b>Figura 6</b> – Logomarca do Bar Brasil .....	59
<b>Figura 7</b> – Reprodução do cadápio de pratos do Bar Brasil .....	63
<b>Figura 8</b> – Bar Brasil durante jogo do Brasil na Copa 2018.....	117
<b>Figura 9</b> – Balcão do Bar Brasil antes de jogo da Copa 2018.....	118
<b>Figura 10</b> – Ala estádio-bar do Bar Brasil cheia durante jogo do Brasil na Copa 2018.....	118
<b>Figura 11</b> – Ala boteco do Bar Brasil pouco antes de jogo do Brasil na Copa 2018.....	119
<b>Figura 12</b> – Torcedores assistindo ao jogo pela janela do Bar Brasil.....	120
<b>Figura 13</b> – Torcedor escondendo o rosto na desclassificação do Brasil na Copa.....	121
<b>Figura 14</b> – Torcedores da seleção comemorando um quase-gol.....	122
<b>Figura 15</b> – Torcedores do Corinthians assistindo a uma partida no Bar Brasil.....	122
<b>Figura 16</b> – Torcedores do Palmeiras comemorando o título em frente ao Bar Brasil.....	123

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BARBRA	Bar Brasil
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CRF	Clube de Regatas Flamengo
CRVG	Clube de Regatas Vasco da Gama
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEC	Londrina Esporte Clube
SCCP	Sport Club Corinthians Corinthians Paulista
SEP	Sociedade Esportiva Palmeiras
SPFC	São Paulo Futebol Clube

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO AO TORCER DE FUTEBOL EM BAR</b> .....	12
1.1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA .....	15
1.2	ESCALAÇÃO DOS CAPÍTULOS .....	16
1.3	PRINCIPAIS DECISÕES METODOLÓGICAS .....	17
<b>2</b>	<b>FUTEBOL E O TORCER</b>	
2.1	BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL .....	22
2.2	SURGIMENTO E REINVENÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL .....	25
2.3	REDEFININDO O TORCER E TORCEDOR .....	32
<b>3</b>	<b>BARES, TELEVISÃO E RITUAIS</b>	
3.1	LAZER, BARES E ÁLCOOL .....	44
3.2	TELEVISÃO E <i>SETTING</i> .....	47
3.3	RITUAIS E PERFORMANCES DO TORCER EM BARES .....	48
<b>4</b>	<b>O TORCER EM LONDRINA</b>	
4.1	A CIDADE DE LONDRINA E O BAR BRASIL .....	52
4.2	TORCER NO BAR BRASIL .....	63
4.3	TORCEDORES, TORCIDAS E TIMES POR LONDRINA .....	91
4.4	A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 201.....	101
<b>5</b>	<b>A VOLTA PRA CASA</b> .....	104
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
	<b>APÊNDICES</b>	
	Lista de partidas acompanhadas no Bar Brasil.....	116
	<b>ANEXOS</b>	
	Lista de Músicas utilizadas.....	117
	Lista de Documentários utilizados.....	117
	Fotos do Bar Brasil.....	117

## 1 INTRODUÇÃO AO TORCER DE FUTEBOL EM BAR

Em uma das diversas versões que nos conta a história, em 1894, na mala de um estudante brasileiro que regressava de Londres, chegava ao Brasil um livro de regras, duas camisas esportivas listradas e duas bolas de futebol. Alguns anos depois o Brasil seria considerado, pelo poético cronista Nelson Rodrigues, “o país das chuteiras”, definido assim pela paixão dos brasileiros por este esporte. O futebol tornou-se um fenômeno multidimensional na sociedade brasileira e se entranhou na cultura e nas tradições do país. Com efeito, para além de um simples jogo em si, tão importante no processo histórico e social do país, os brasileiros se esquecem que ele foi criado fora das nossas fronteiras e pensam que ele é, assim como a feijoada, o samba e o carnaval, um produto nacional (DAMATTA, 1994).

O futebol é, segundo o antropólogo Roberto da Matta (1994), um fato social total, em que se posicionam a estrutura e a hierarquia da sociedade brasileira, convertido em um dos mitos da fundação de uma identidade nacional e de representações sociais do que é ser “brasileiro”. Da Matta (1986, p.18), ainda, define que ser brasileiro é ser “amante do futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e dos parentes, dos santos e orixás”, usando, segundo ele, uma fórmula que lhe foi fornecida pelo próprio Brasil. Édson Gastaldo (2002) considera o futebol como parte de um *ethos* brasileiro, usando de empréstimo a relação estabelecida por Geertz (2008) entre a rinha de galo e a sociedade balinesa. Giulianotti (2010) ainda considera que o futebol remodela as relações de poder, significados, discursos e modelos estéticos de dentro das sociedades que está inserido.

O vocábulo *torcer* se aplica enquanto ação de apoio a uma equipe de preferência do torcedor, seja esta uma seleção nacional e/ou uma associação clubística (as equipes popularmente são chamadas de times); e o torcedor é o indivíduo aficionado por essa equipe, fiel às suas cores e ao seu escudo, sujeito que executa a ação de torcer. O torcer é uma ação simbólica que une o clube aos seus torcedores, em um espaço que se dá para além da prática do esporte – ação dos jogadores –, mas na própria relação entre os torceres e na interação que se dá através do futebol. Estas relações se refletem nos torcedores, principalmente, enquanto identidades, *performances* corporais, rituais, sistemas de crenças, dramas, consumos, entre outros. O torcer mobiliza milhares de brasileiros a estádios e bares para o consumo de futebol e é parte da identidade social de muitos destes, que expressam a si mesmos e aos outros por meio do clube para o qual torcem. Entretanto, o torcer do futebol ainda é mais que o seu sistema de representação e mais que um processo afetivo, pois se institucionaliza entre clube e torcedor.

O torcer de futebol, segundo o antropólogo Luiz Henrique de Toledo (2010), é uma

adesão corpórea fora das linhas do jogo. O torcedor se contorce, expressando a partida com gestos e discursos, chuta junto com os jogadores, utilizando as duas principais armas: a fé e a vontade de sair vencedor. Torcer por um clube é uma forma de expressão em meio às disputas simbólicas existentes dentro do futebol e possui uma importância cotidiana para os aficionados deste esporte.

Por uma perspectiva antropológica, o futebol expõe, nas diferentes identidades individuais e coletivas, as tensões de confronto com outras subjetividades existentes, diferentes times, diferentes torcidas e até mesmo diferentes formas de torcer pela mesma equipe, já que nem todo torcedor é igual, nem toda torcida se faz homogênea. Cada torcer tem suas próprias características, mesmo que se assemelhem em um ritual individual, que se coletiviza dentro de sua prática, nos estádios ou nos bares.

Por conseguinte, os torcedores do time adversário, numa dicotomia “nós *versus* eles”, expõem uma interação com o rival cuja disputa simbólica está além da disputa dentro do campo de futebol, pois se compreendem na guerra entre o prestígio pela vitória, no discurso de gritos, músicas e xingamentos, o que pode ser elevado ao combate físico entre torcedores rivais, fato não evidenciado durante o trabalho de campo.

O torcer de futebol em bar é mais que uma atividade lúdica, embora seja nesse tipo de prática que desempenha seu papel principal. Entretanto, se relaciona à ritualidade, à interação social, a *performances*, e expressa também as formas de e identidades:

[...] o futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições. Retomando o aspecto lúdico em suas várias dimensões, como fruição e festa, mas também como negociação e excesso, ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores. [...] pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade. Sociabilidade que consegue unir adversários em uma mesa de bar [...] bem como segregá-los nas arquibancadas (TOLEDO, 1996, p.104).

Com a globalização e seus processos, o futebol se faz um espetáculo das grandes massas e da indústria do entretenimento, rompendo a barreira geográfica que colocava os estádios como lócus exclusivo da experimentação das partidas – e do torcer –. Os jogos passam a ser apresentados também nas casas e nos bares da sociedade, com a popularização do rádio e, depois, da televisão. O futebol tornou-se um esporte para ser assistido por milhões, uma alternativa para o lazer e um importante mercado econômico. Assim, os bares despontam como um dos locais favoritos para assistência do futebol, como revela Weed (2006), por haver uma união entre o futebol e o álcool, sendo uma importantíssima ferramenta de sociabilidade entre os torcedores.

O bar é parte da paisagem urbana e centro de ludicidade nas cidades, é local de uma

sociabilidade por distanciamento (TOLEDO, 1996), pois parte de um sistema classificatório que, por meio de dimensões lúdicas, congrega os torcedores de distintos times e cria uma rede de sociabilidade. O encontro dos torcedores em um bar os leva a demarcar suas diferenças e rivalidades, numa sociedade em que o futebol serve também como forma organizativa das relações sociais. O bar desponta como território do simbolismo, das identidades e das sociabilidades entre essas diversas formas de existência.

A transmissão do futebol nos bares, como aponta Gastaldo (2005), é uma forma de mimetizar a experiência de estar em um estádio de futebol. As dezenas de câmeras capturam as imagens de todos os ângulos por onde a bola passa, e o locutor narra os acontecimentos da partida. O bar se configura enquanto um operador simbólico das relações cotidianas, e o futebol, enquanto o mecanismo dessa forma de sociabilidade. Assim, podemos assumir que assistir a uma partida de futebol em bar é parte de tradição da cultura brasileira e de outros lugares do mundo, entendendo também que cada partida mimetiza uma sensação emocional aumentada, ao ser feita de forma coletiva.

Devemos entender que, no futebol, segundo Nelson Rodrigues (1993), “o pior cego é aquele que só vê a bola”; isso reflete a importância que o esporte tem entre seus adeptos, isto é, em como o futebol influencia o comportamento – psicológico, social e econômico – dos aficionados, desencadeando uma complexidade teatral, estimulando rituais e explicações sobrenaturais, e relacionando pessoas através de uma sociabilidade competitiva entre os torcedores, entre outros motivos, que fazem desse esporte o mais consumido do planeta, movimentando milhões de apaixonados.

Estudar o futebol na cidade de Londrina, dentro do Bar Brasil, é entender o futebol enquanto um sistema de signos local e nacional, uma linguagem comum aos torcedores (DAMO, apud PASOLINI, 1998, p. 62), que são caracterizados pelo torcer, sentindo as emoções que são provocadas durante as dinâmicas do jogo, principalmente com o decorrer das partidas – em dribles, chutes, gols, defesas, faltas, cartões, entre outros – e emoções mimetizadas pela televisão, além de compreender as emoções vividas dentro do bar, em coletividade com outros torcedores, a favor e contra seus times.

Devemos levar em consideração as formas de representação dos torcedores e os sentidos de pertencimento que emanam dos processos sociais e culturais do torcer. Desta forma, diversas inquietações surgem sobre o compartilhamento de experiências individuais e coletivas do torcer de futebol, além das tensões entre as diversas significações existentes dentro do jogo, dispostas num simbolismo que desperta nas ritualizações e nas *performances* dentro dos bares.

## 1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Levando em consideração os elementos anteriormente citados e o caráter polissêmico do futebol, essa pesquisa busca maiores interpretações sobre como é e como acontece o torcer em bar na cidade de Londrina, no Paraná. Além disso, buscar-se-á compreender a ação significativa dos rituais e das *performances* dos torcedores dentro deste espaço, buscando pelas relações de sociabilidade entre esses atores e as diferentes práticas significativas do torcer, entendendo que, em uma partida de futebol, se oferece uma das matrizes simbólicas de nosso tempo.

Perpassando por algumas clássicas discussões antropológicas, rituais e *performances* se fazem importante para entender o futebol em bar enquanto elementos que permeiam as emoções, as experiências e os papéis sociais dos torcedores. Uma epistemologia antropológica será o caminho para entender as emoções dos torcedores e suas relações com o torcer e com outros iguais.

Portanto, o torcer de futebol em bar deve ser visto como fenômeno cultural, tomando cultura enquanto um conjunto de signos compartilhados por um mesmo grupo. A pesquisa antropológica dedica-se a entender o fenômeno dentro da simbologia em que é existente, considerando para quem o significa.

Esta pesquisa engendra-se sobre uma sustentação: os rituais e as *performances* do bar – o mostrar-se torcendo dos atores que assistem às partidas de futebol no Bar Brasil, que atuam por seus papéis sociais, gesticulações, discursos entoados e, principalmente pela esperança de eficácia em suas ações. Os rituais e as *performances* do cotidiano contribuem para assim entendermos a ação do torcer dentro da cosmologia dos torcedores, das experiências e das emoções revividas e restauradas.

A opção de utilização da Antropologia da *Performance* como ferramenta para estas análises implica compreender o comportamento ritualizados dos torcedores, como expressões dramáticas dentro do bar durante as emoções das partidas e das interações sociais. *Performance* é fazer-se crer no que está sendo representado, ilusionar. As *performances*, temporárias, possuem um arranjo próprio de estruturas, funções, processos e experiências, que serão explanadas no corpo desta dissertação, buscando responder à pergunta de Galeano (2004): “Quantos teatros existem em um jogo de futebol?”

Outra grande contribuição para essa pesquisa são as noções de representações, fachadas, máscaras e interações definidas por Erving Goffman (2009, 2010, 2011). O autor apresenta essas categorias de análises para o desenvolvimento de pesquisas realizadas em lugares

públicos, que possuem nos papéis sociais e na dramatização elementos fundamentais das interações humanas.

Ao fim, seguindo as etapas anteriores, chegar-se-á às conclusões possíveis para finalizar o que propõe esta pesquisa, mediando a prática e a teoria, entre o fenomenológico e o objetivista, a fim de investigar, de modo antropológico, a maneira como se expressa o fã de futebol no bar em relação com outros fãs, com o esporte e com o meio de sociabilidade e lazer que escolhem para assistir às partidas. Por conseguinte, compreender-se-ão as matrizes culturais e de alteridades dos sujeitos enquanto torcedores de futebol, nos diversos eventos em que foram analisados durante o campo etnográfico, além das relações sensoriais e emocionais que são ocasionadas pelas partidas de futebol, assimilando também as ressonâncias dos discursos nas dinâmicas do torcer futebol dentro do ambiente do bar.

A discussão das teorias propostas e da etnografia realizada será refletida sob a regência de outros estudos realizados sobre futebol e importantes nomes da Antropologia e das Ciências Sociais. O arcabouço crítico será base para pensar os impactos da teoria existente diante da epistemologia científica e do debate sobre este tema e sobre diversas categorias do pensamento antropológico, com a ambição de encontrar novas estratégias de explicar e organizar o torcer enquanto uma prática cultural. Assim, objetiva-se compreender as diversas subjetividades presentes nesta investigação, que são fomentos para entender os processos de transformação pelo qual a ciência e a sociedade brasileira passam, bem como as fronteiras limítrofes e as práticas dentro do bar e dentro do torcer de futebol, o que é tradição e o que é proibido e, sobretudo, pelas formas de ser, estar e torcer dentro do espaço bar.

## 1.2 ESCALAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, que tomam sequência para uma compreensão sobre a temática e sobre as teorias que fundamentam seu entendimento, a partir de um plano geral que foi traçado por essa pesquisa. O primeiro apresenta a pesquisa em termos gerais, vem a introduzir algumas definições antropológicas sobre o futebol e a sociedade brasileira, assim como apontamentos iniciais sobre o torcer dentro dos bares. Ainda, são inseridos elementos que serão utilizados para as análises apontadas ao longo da dissertação, como *performances* e rituais. Ao fim do capítulo, está descrito o percurso metodológico que foi tomado para a realização desta pesquisa.

O segundo capítulo apresenta uma contextualização do surgimento do futebol e suas transformações. No segundo momento, o capítulo retrata as definições das ações de torcer e o que é o torcedor de futebol no mundo e no Brasil, encerrando-se em uma discussão sobre os signos e os significados do torcer.

O terceiro capítulo desenvolve o bar como o local do lazer e da sociabilidade, abrangendo a importância do *setting* do bar, da existência de um *ethos*, da relação de consumo, do esporte, da televisão e outras formas de comunicação, além da tríade futebol, álcool e sociabilidade. No mesmo capítulo, apresenta-se ao leitor as *performances* e os rituais de torcer futebol em bares, diferente das formas de torcer em estádios e em casa. Para tanto, o capítulo explicará o futebol enquanto um drama social total, diante dos seus ritos de interações e as *performances* torcedoras.

O quarto capítulo contextualiza a cidade de Londrina e o Bar Brasil, contando suas histórias e descrevendo suas estruturas, para assim adentrar ao relato da etnografia participativa em si, diante da descrição detalhada dos acontecidos no lócus da pesquisa: o *setting* do bar, dos jogos, das interações, dos rituais, das *performances*, dos comportamentos, das gestualidades e dos discursos. Com efeito, será apresentada uma reflexão sobre os apontamentos feitos na pesquisa de campo em relação à teoria e à metodologia utilizadas, compreendendo como foram dadas as *performances*, as interações e os rituais observados.

Por fim o capítulo 5 retomará os elementos-chaves que tornaram a pesquisa possível diante das dificuldades expostas e da gama de significados presentes. Assim, o debate deste texto estará limitado em sua objetividade perante o amplo campo de problematizações possíveis de serem pensadas através da análise de torcida em bares na cidade de Londrina.

A dissertação sustenta-se à luz de análises etnográficas e pesquisas bibliográficas acerca do tema, que serão apresentadas a seguir, em conjunto com os registros de áudio e vídeo que acompanharam parte do trabalho para um melhor entendimento, bem como as fotos tiradas durante a pesquisa, anexadas ao fim da dissertação.

### 1.3 PRINCIPAIS DECISÕES METODOLÓGICAS

Em outubro de 2017, o processo dessa pesquisa iniciou-se com uma revisão da bibliografia existente sobre os temas torcedores, bares, futebol, sendo esses, principalmente, nas áreas das Ciências Sociais e da História. Igualmente, buscou-se revisitar textos teóricos e

metodológicos referentes a Antropologia, Antropologia da *Performance*, Antropologia do Esporte e Antropologia Urbana.

Posterior à análise de algumas das bibliografias propostas passou-se a uma segunda fase; um pré-campo. Esta abarcou atividade preliminar nos meses de novembro, dezembro de 2017 e janeiro de 2018 para a revisão de aproximação da teoria com a prática. Além de repensar os valores já existentes na minha visão de mundo, enquanto frequentador-torcedor-pesquisador de torcidas de futebol em bares, também foi necessário buscar por estratégias de contato com os interlocutores desta pesquisa.

Esse campo preliminar foi importante para o mapeamento do bar, geográfica e demograficamente, entendendo os lugares melhores para a observação, os times pelas quais as torcidas se expressavam mais, a lógica da organização dos torcedores dentro do bar e, a partir disso, desenvolver um roteiro de pesquisa e de observação do bar durante as partidas de futebol para a obtenção de um melhor desempenho<sup>1</sup> na etnografia.

Desde o pré-campo e durante todo o campo etnográfico desta pesquisa, foi necessária a conquista do espaço dos torcedores e a reafirmação deste espaço a cada novo evento. Sendo assim, se assume um posto diferente daquele de torcedor e como este se apresenta no campo. Isto se dá pela presença observadora e a atenção fixa, não somente nas telas em que os jogos são transmitidos, mas sobretudo nos torcedores (*performance* e discursos); pelas constantes notas feitas em um caderno e por não participar, em conjunto, das atividades dos outros torcedores: vibrar, beber, gritar. Por mais participante que se busque ser, o trabalho de pesquisa nos faz observar e escrever o que parece ser conveniente.

Ao fim do pré-campo, minha entrada no campo de pesquisa foi dada por uma conversa informal com o dono do bar, em que pedi permissão para escrever sobre o estabelecimento e seus clientes e fiz uma apresentação dos objetivos de minha pesquisa. O dono do bar indagou se eu cursava *marketing* ou publicidade, mostrando-se, desde o começo, brincalhão e receptivo às minhas necessidades e perguntas. Ao permitir minha participação, logo pude perceber que os garçons e alguns clientes já me estranhavam menos e, às vezes, me procuravam para saber o que eu estava escrevendo em meu caderno.

Mesmo com a aprovação do dono do estabelecimento, a pesquisa no bar pressupôs negociações a cada dia, visto que os clientes são quase sempre diferentes, embora alguns fossem tão assíduos que permitiram uma relação mais próxima durante o processo da pesquisa. A cada

---

<sup>1</sup> *Desempenho*, uma palavra importante dentro do campo esportivo, significa conseguir um resultado esperado – a vitória – e classifica como atletas de alto-rendimento, não só no futebol, mas em diversos esportes, àqueles que superam seus adversários nas disputas, principalmente como resultado do forte treinamento que lhes é estimulado.

partida eu era indagado sobre o porquê de escrever tanto naquele caderninho, e, principalmente, para qual time eu estava torcendo, já que não comemorava ou reclamava do jogo igual aos demais. Vale citar que sou um torcedor são-paulino<sup>2</sup>, mas que fiz da minha estratégia assistir menos às partidas da equipe para qual torço, sobretudo para que a pesquisa não tomasse um sentido clubista ou de identidades predeterminadas pelo pesquisador, buscando certa imparcialidade nesta investigação, o que nunca é possível garantir, mas se faz importante.

O campo propriamente dito foi efetuado de junho a dezembro de 2018<sup>3</sup>, em que foi utilizado do método etnográfico pelo compartilhamento de experiências *in loco*, ou seja, uma atividade interpretativa para a busca das estruturas da significação. Estas serão apresentadas em texto por uma descrição densa dos eventos e da interpretação das formas culturais apresentadas (GERTZ, 2011). Assim se deu meu campo de seis meses em meio aos torcedores do Bar Brasil, o mais antigo da cidade, que está localizado na esquina de encontro entre a rua Prefeito Hugo Cabral e a rua Piauí, na cidade de Londrina – PR, em que presenciei algumas partidas transmitidas por campeonatos de diversos graus de prestígio neste esporte, como Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Copa Sulamericana, Copa Libertadores da América e Copa do Mundo de Futebol.

Nessa etapa serão tomados alguns métodos científicos como inspiração, no caso o “de Perto e de Dentro” de José Guilherme Magnani, o “*Anthropological Blues*” de Roberto Da Matta, além de alguns outros teóricos clássicos da etnografia.

“De Perto e de Dentro” se dá por uma perspectiva de compreensão da relação particular entre os atores sociais e a dinâmica urbana. Segundo Magnani (2006), o etnógrafo deve compartilhar o horizonte do universo do pesquisado, mas não no modo para entender esse horizonte de acordo com as suas próprias concepções culturais, pois deve-se articular esse olhar de forma que busque por princípios abrangentes e estruturas de longa duração através da perspectiva e das visões de mundo dos nativos. “De perto e de dentro” é uma busca por captar detalhes minuciosos que passariam despercebidos em um plano macro de compreensão da dinâmica urbana e sua diversidade de trocas, arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes. Já esse “*Blues*” de Da Matta (1978), inspirado nas dimensões fundamentais dos ritos de passagem de Van Gennep (1978), retrata o ofício do etnólogo, especialmente por buscar a análise do fenômeno cultural por abstrações e a transformação do que é exótico para o pesquisador como algo familiar, e o que lhe é familiar como algo exótico, ainda garantindo um

---

<sup>2</sup> Nome que se refere aos torcedores do São Paulo Futebol Clube (SPFC).

<sup>3</sup> Do início da Copa do Mundo de Futebol ao fim do Campeonato Brasileiro. Como não houve equipe brasileira no Mundial de Clubes de 2018, optei por não incluir esse torneio na pesquisa.

maior rigor para a pesquisa antropológica, por uma ponte entre dois universos de emaranhados de signos. Por conseguinte, as dimensões dessa metodologia passam por um aprofundamento da teoria e pelo conhecimento estratégico da entrada ao campo, para se desprender do emocional do pesquisador, afim de entender a subjetividade dos agentes da investigação e, por conseguinte, fazer uma melhor interpretação dos dados recebidos em campo e uma ponte entre os universos teóricos científicos e práticos da pesquisa, garantindo-lhe um caráter objetivo e fenomenológico.

A etnografia proposta se constitui de uma observação participante durante os eventos de transmissão de futebol no Bar Brasil, ao buscar compreender as categorias nativas a fim de uma interpretação deste evento pelos torcedores, analisando as *performances*, rituais, discursos e comportamentos sociais que se emanam durante as partidas. Deste modo, foram selecionadas algumas partidas com base de seleção de clubes de maiores torcidas na cidade de Londrina e também pelo que foi analisado no pré-campo que ocorreu neste mesmo bar. Pretendo também compreender a importância do espaço como centro de convivência durante as partidas e o seu preparo enquanto *setting* e equipamentos para satisfazer a necessidade de consumo de seus clientes. Sendo o bar um evento público, como dito, não houve contrariedade ou adaptação enquanto etnógrafo negociando entrada, mas o pedido de uma autorização com finalidade de manter uma relação clara sobre minha frequência no bar e também como uma apresentação para melhorar os laços de afinidades que poderiam vir a ser importantes nesta pesquisa. Com os torcedores, meu contato se deu via conversas informais realizadas nos balcões, mesas e demais dependências do bar entre os momentos que cercavam a partida, relacionados ao torcer, às relações dentro do espaço e ao consumo de bebidas.

O trabalho de campo se apresenta de forma essencial, nessa pesquisa, para se envolver e encontrar com a temática proposta, principalmente pelo futebol, ao abarcar tanto um espaço destinado ao prazer, como no desafio às ordens sociais, afirmações de fé e outras questões sociais fundamentadas em raça, gênero, classe, idade, etnias, questões morais, existenciais e dilemas antológicos (GIULIANOTTI; ARMSTRONG, 1997, p.3). A experiência do campo nessa observação participante se deu pelo acompanhamento *in loco* das emoções, das ritualidades e dos discursos que são expressos dentro do bar durante a transmissão de partidas, sobretudo junto aos torcedores de diferentes equipes, atores sociais que estão no local para assistir às partidas. Concomitantemente, descrevo, além do ambiente do bar nos diversos eventos, as estruturas que fazem parte do campo físico e simbólico desse *locus* e sua relevância para a experiência, além das diversas conversas informais trocadas entre mim e torcedores, frequentadores, funcionários e gestores no bar, que são dados de privilégio investigativo. Não

deve ser relativizado o contexto de produção dos dados em campo, que demarcam e corroboram com a inserção do antropólogo, em que pretendo deixar clara a importância de acontecimentos sociais e políticos, “*extrafutebolísticos*”, que influenciaram no torcer em bares e no *habitus* torcedor, como, por exemplo, as eleições presidenciais de 2018<sup>4</sup>.

Soma-se como parte da metodologia dessa investigação uma pesquisa etnográfica participante de dentro de um bar. Logo, muito se debate sobre a ingestão e o consumo de álcool durante uma pesquisa. Após diversas reflexões com professores, outros pesquisadores e da leitura de textos sobre metodologias, decidi por fazer o uso de forma livre de bebidas alcoólicas, principalmente cachaça e cerveja – substâncias lícitas – para uma completa experiência de bar. Detalho o meu consumo dentro do bar nos textos para que o leitor possa entender as sensações distintas do pesquisador durante os eventos descritos. Houve partidas em que bebi mais, outras menos e, em algumas, nada bebi.

Outra informação que cabe ao entendimento é que, durante a realização do campo etnográfico, houve diversas conversas informais com os torcedores — algumas serão relatadas no decorrer do texto —, às vezes sem se perguntar o nome do interlocutor ou sem encaminhar a entrevista nos moldes acadêmicos, delas saíram diversas indagações sobre o campo e sobre o objetivo que permeia as discussões aqui apresentadas. Trazendo dos discursos informais, aqueles no balcão durante as partidas, ou na calçada da rua — espaço para onde os torcedores vão durante o intervalo afim de tomar ar fresco —, referenciais importantes de análise para além dos comportamentos, *performances* e discursos coletivos que emanam de dentro do bar enquanto o jogo acontece. A interação estabelecida com os torcedores frequentadores do Bar Brasil, durante essa pesquisa, não tem contornos de entrevistas ou questionários, mas são conversas informais. Ainda, não houve um critério de seleção na decisão de conversar, pois prezou-se pela liberdade e pela oportunidade, sendo essas feitas sem restrições de sexo, gênero, classe, raça ou idade dos torcedores.

## 2 FUTEBOL E O TORCER

### 2.1 BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL

Vai começar o futebol, pois é, com muita garra e emoção. São onze de cá, onze de lá e o bate-bola do meu coração.

---

<sup>4</sup> A campanha eleitoral de 2018 começou em 31 de agosto, vinculada pelo Tribunal Superior Eleitoral, principalmente no rádio e na televisão, e sendo votadas as eleições em 7 de outubro para o primeiro turno, e em 28 de outubro para o segundo turno.

É a bola, é a bola, é a bola, é a bola e o gol. Numa jogada emocionante o nosso time venceu por um a zero e a torcida vibrou.

Vamos lembrar a velha história desse esporte, que começou na Inglaterra e foi parar no Japão. Habilidade, tiro cruzado, mete a cabeça, toca de lado, o que não vale é pegar com a mão.

E o mundo inteiro se encantou com esta arte de equilíbrio e malícia, sorte e azar também. Deslocamento em profundidade, pontaria e na hora da conclusão, o meio-de-campo organizou e vem a zaga rebater.

Bate, rebate, é de primeira, ninguém quer tomar um gol. É coisa séria, é brincadeira, a bola vai e volta e vem brilhando no ar. E se o juiz apita errado é que a coisa fica feia, coitada da sua mãe, mesmo sendo uma santa cai na boca do povão. Pode ter até bolacha, pontapé, empurrão que só depois de uma ducha fria é que se aperta a mão, ou não!

Aos quarenta do segundo tempo, o jogo ainda é zero a zero, todo time quer ser campeão, tá lá um corpo estendido no chão.

São os minutos finais, vai ter desconto, mas numa jogada genial, aproveitando o lateral, um cruzamento que veio de trás, foi quando alguém chegou, meteu a bola na gaveta e a torcida comemorou. (PIXINGUINHA; LACERDA, Benedito. **1x0**. Rio de Janeiro: RCA Camden: 1961 (4:37)).

Como assinalam pesquisas históricas e antropológicas, os jogos, as brincadeiras e, posteriormente, os esportes sempre fizeram parte de diferentes tribos e civilizações desde tempos remotos e, a partir de estatuetas e gravuras encontradas e conforme contam algumas tradições orais, sabe-se que o futebol, ou algo próximo a ele, fez parte dessas atividades com finalidades de preparação militar, momentos lúdicos e ritualísticos. O certo é que o futebol não nasce no Brasil, pelo menos não de início, mas aqui aprendemos a admirá-lo de forma única e romântica. Até os que não eram nascidos durante outras épocas exaltam com saudosismo a forma com a qual Friedenreich, Pelé, Garrinha, Zico, Sócrates e outros tinham um talento privilegiado com a bola nos pés. O certo é que, mesmo não sendo daqui, o futebol se naturalizou brasileiro e se fez importante em terras tupiniquins, a ponto de se estabelecer como uma paixão em todo o território nacional.

Não se sabe exatamente como o futebol surge, já que existem indícios de jogos próximos ao que temos: o *tsu chu* – uma espécie de dança violenta com os pés – na China do ano cinco mil antes de Cristo, *episkyros* na Grécia antiga, *harpatum* no Império Romano. O *tlachtli* dos povos astecas acabava com o sacrifício dos vencedores como oferenda aos deuses, em troca de terras férteis e uma meteorologia generosa (GALEANO, 2005, p.39), de acordo com a cosmovisão deste povo que tinha como crença uma eterna disputa entre o dia e a noite, a luz e a escuridão.

O brincar com bola existe desde o período paleolítico, como aponta o antropólogo suíço Johan Jakobs Bachofen (RAMOS, 1984), cujas pesquisas encontraram pinturas rupestres indicando atividades lúdicas com esferas na Nova Guiné. Jakobs descreve que o jogo tinha o

objetivo de eliminar as diferenças existentes e que não se terminava a disputa com um vencedor, mas com o empate do resultado e remediação dos conflitos daquela sociedade.

Para cada civilização o jogo com a bola se apresentava diferente: uns utilizavam mãos, outros o tronco e ainda outros, os pés. O *calcio* de Florença era um jogo popular pelo empurrar da bola a socos e pontapés, jogado apenas pela aristocracia florentina, por gladiadores, legionários romanos e por papas da Igreja Católica durante Idade Média.

Próximo ao que concebemos hoje, o futebol era jogado de maneira quase similar em diversos países da Europa, mas surge, em definitivo, na Inglaterra do século XX como um produto da modernidade. O futebol já era uma tradição desde a Inglaterra medieval, uma atividade que segregava as classes inglesas por sua vertente rebelde e religiosa, chegando a ser proibido pelo rei Eduardo II, por ser uma atividade frívola e violenta.

Manifesto para a Preservação da Paz... Atendendo a que o nosso Senhor o Rei se dirige às regiões da Escócia, na sua guerra contra os inimigos e nos ordenou em especial que mantivéssemos estritamente a paz... E atendendo a que existe grande tumulto na cidade por motivo de certas desordens que ocorrem em grandes jogos de futebol realizados nos espaços do domínio público, dos quais muitos males podem eventualmente surgir – Deus nos defenda – ordenamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que tal jogo daqui e diante seja praticado dentro da cidade. (RILEY apud ELIAS, 1985, p. 258)

Sobrevivente em clandestinidade por algum tempo, o futebol voltou a ser aceito pelo Estado inglês e, durante o século XVII, foi praticado principalmente por estudantes das universidades inglesas e pela classe operária em tempo de folga entre as jornadas de trabalho, que duravam até dezesseis horas nas fábricas. O futebol, de tradição inventada e popular, era entendido como perturbação ao progresso material da burguesia e culminava em tensões políticas entre trabalhadores e donos de fábricas. À época, o futebol, assim como outras atividades esportivas e lúdicas, era simplesmente uma ação frívola de prazer e distração, entendido pela sociedade como momento de lazer, uma atividade longe da produção das indústrias que se desenvolviam na Inglaterra, que subestimava o valor das atividades lúdicas em detrimento às laboriosas, onde “o jogo [...] opõe-se ao trabalho, tal como o tempo perdido se opõe ao tempo bem entregue” (CAILLOIS, 1990, p.9).

Concomitantemente à Revolução Industrial<sup>5</sup>, em 1846, na Universidade de Cambridge, alunos que tinham dificuldade com os diversos tipos de “futebóis” existentes sentiram uma

---

<sup>5</sup> Na metade do século XVIII, com a hegemonia naval inglesa, crescimento econômico, abundância de recursos naturais e matérias primas, e inovações tecnológicas, a Inglaterra inicia uma revolução que modifica seu modo de

necessidade de padronizar o esporte taticamente, primeiro separando-o integralmente do *rugby*<sup>6</sup>, depois criando jogo de regramento mínimo para sua prática, evento definido como a “gênese do futebol moderno”. Com treze regras iniciais, os estudantes de Cambridge limitavam o campo e a baliza de pontuação, além de outras noções que persistem até hoje, como a de escanteios, laterais e impedimentos. O regramento possuía displicência à violência dos jogadores e proibia qualquer jogador de usar as mãos, o que foi modificado anos depois, com o surgimento dos goleiros em 1871. Assim a tradição inventada e popular europeia tornou-se um esporte.

Segundo Roger Caillois (1990), todo jogo é dependente de um conjunto de regras para definir o que é permitido e o que é proibido dentro dele, e essas regras criadas por convenções arbitrárias, imperativas e inapeláveis não podem ser violadas sob nenhum pretexto, e caso sejam, destroem o jogo e seu significado. A aceitação da regra está deferida à vontade de se jogar este jogo e aceitar as sanções que são preestabelecidas aos indisciplinados.

A partir da criação das regras e da fundação da *Football Association*, as equipes começam a se formar e a se filiarem, culminando em uma grande difusão do esporte pelo país e em uma maior qualidade de organização e disputa entre as equipes associadas. O futebol começava a ser jogado por todas as camadas da sociedade inglesa e passava também a ser assistido como uma forma de entretenimento, principalmente a partir de 1871, com a primeira competição oficial de futebol, em que grande parte das agremiações eram de equipes formadas por trabalhadores de fábricas. Com a industrialização, as ferrovias, a exportação de produtos e a exploração de recursos em outros países, o futebol moderno e as regras de Cambridge deixavam a Inglaterra para ganhar o mundo, iniciando um processo que se expandiria em um esporte mundial e de massas.

## 2.2 SURGIMENTO E REINVENÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

Ano:1880/ o Brasil ainda tinha Rei/ nas escolas mais finas/ professores de batina/ ensinavam futebol. Rui Barbosa sorria/ mexendo o bigodão/ “o futebol é muito bom

---

produção, utilizando máquinas de vapor, metais e mecânicas para que os produtos fossem fabricados com mais eficiência e em grandes escalas, por mão-de-obra não especializada.

<sup>6</sup> Esporte coletivo praticado com uma bola oval que envolve fazer passes com as mãos e chutar essa bola ao arco com os pés.

pra educação”. Criança na escola jogando bola/ foi assim que o futebol/ começou no Brasil.

1894/ Charles Miller chegou/ era um garoto brasileiro que estudava na Europa e voltou para o Brasil/ na mala ele trazia duas camisas listradas/ seus dois times de lá/ duas chuteiras, duas bolas de couro e um livro.../ com as regras do futebol/ chegou e fez um time *tava [sic]* a fim de jogar/ as bolas rolaram o juiz apitou/ prrr...

1900, a cidade no pique/ jogo de time chique saía no jornal/ vinha gente ver/ e o futebol não parava de crescer/ na beira do Tietê nasciam tantos campos de futebol!/ e ao longo dos trilhos do trem em cada estação, “bléim bléim”/ nascia um campo e um time também/ era a primavera do futebol, a bola rolando, gente em volta do campo/ torcendo o lenço ... vibrando...uhh!

Jogavam engraçado.../ não tinha posição/ um dava um chutão/ e saía todo mundo correndo atrás da bola/ muito drible, muito tumulto, jogada violenta, goleiro não agarrava; dava soco na bola/ coitada... da bola. (ZISKIND, Hélio. **Viajando pelo Tempo**. São Paulo: MDC: 2009 (4:37)).

No Brasil, o futebol chega tardiamente, com o grande fluxo de migração no fim do século XIX. Segundo conta-se como oficial, em São Paulo, 1894, regressa Charles Miller ao Brasil, provindo do término de seus estudos em Londres, trazendo consigo as primeiras bolas de futebol a rolar por solo brasileiro, em uma cidade que recentemente começara a se industrializar e que recebia muitos imigrantes para trabalhar em suas fábricas e lavouras de café. A influência desses imigrantes e de estudantes brasileiros regressando da Europa foi primordial para que o futebol começasse a ser difundido, sobretudo por clubes e associações recreativas de origem europeia formados pelos estrangeiros da elite paulistana que se estabeleciam no país no momento histórico de industrialização vigente. Segundo outra versão da história, o futebol já era jogado como ferramenta educativa no Brasil em colégios salesianos<sup>7</sup>, principalmente na cidade de Itu, no estado de São Paulo.

Podemos, assim, afirmar que o esporte adentrou no país como exclusividade de uma elite estrangeira que nascia no fim do século XIX, o que se manifestara inclusive no nome das equipes que surgiram primeiro: São Paulo *Athletic Club*, São Paulo *Railway Company*, *Sport Club* Rio Grande, *The Bangu Athletic*, entre outros, que aportavam nomes em inglês e eram associações esportivas e recreativas da alta sociedade no qual participavam majoritariamente funcionários de empresas estrangeiras, dando pouquíssimo espaço para a participação da classe trabalhadora.

O surgimento das torcidas gerou maior competição entre os clubes, que passaram a dar importância à vitória. Nos campeonatos, a classe trabalhadora, que já se mobilizava a jogar o esporte através de jogos recreativos improvisados nas ruas e praças – as chamadas “peladas”, passou a reforçar os times. Desta maneira, o esporte popularizou-se no Brasil em meio ao processo de urbanização devido às migrações do campo para a cidade. Assim, a competitividade

---

<sup>7</sup> Rede de escolas Pia Sociedade de São Francisco de Sales, uma congregação da Igreja Católica Apostólica Romana.

entre os clubes e a pressão pela vitória fez que, ainda amadores, buscassem por melhores jogadores para compor suas equipes, expandindo a procura para as diferentes classes sociais, mas que ainda negava a participação de negros, negligenciados na sociedade brasileira. Nas arquibancadas segregava-se o torcedor entre a arquibancada para os nobres de chapéus de fita<sup>8</sup>, e a geral para os demais torcedores, os pobres.

A partir dos acontecimentos de 1923, começa a mudar lentamente a imagem do jogador de futebol. O grande público já não vê apenas o jovem estudante universitário, grã-fino, praticando até então um esporte exclusivo de ricos. A esta figura (ainda sob veementes protestos), junta-se o cidadão comum, sem privilégios econômicos e sociais (CALDAS, 1990, p.51).

Mesmo antes do futebol, o brasileiro já tinha hábito de estimular os participantes favoritos de algum esporte, principalmente para os clubes de regatas e remos, bastante famosos no Rio de Janeiro, e com o futebol não foi diferente, pois, com essas disputas e as festas nas torcidas, os eventos sociais repercutiam pelas cidades (DAMO, 2007). Não obstante, os grandes times cariocas de futebol surgiram de equipes de regatas, como o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas Flamengo, e culminou que os torcedores das equipes de regatas viessem a torcer também no futebol; assim, colaboraram por potencializar as rivalidades entre os clubes. Com a popularização do esporte, os torcedores ocupavam as precárias arenas, ainda que separados das elites torcedoras, e se aglomeravam nas arquibancadas sem conforto, o que não representava ser um empecilho para estes, que inventavam e reinventavam as festas diante da massificação do público interessado no futebol, e que escolhiam a qual clube apoiar. Isso levou o futebol do estádio privado ao espaço público, principalmente às avenidas e praças, em comemorações de vitórias das equipes e da seleção nacional, próximas à multidão que era presente nas reivindicações dos trabalhadores e nas festas de carnaval.

Como descreve Caldas (1990), nos anos 20, o futebol transcende a barreira do caráter lúdico e torna-se uma manifestação cultural e ao espetáculo. O esporte inicia seu processo de profissionalização, que só seria concretizado no ano de 1937, na Segunda República, pelo presidente Getúlio Vargas, com a promulgação da Lei Geral de Desportos, mas as crescentes formas de monetarização dos clubes, a imprensa esportiva (via rádio e impressa) e as torcidas transformaram o esporte em níveis de disputas nunca vistas na história do país. Junto com a profissionalização, foi necessária a criação de uma associação de futebol que promovesse a prática e a organização do esporte. Surgia, então, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que, ao ser reconhecida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA<sup>9</sup>), deu novos

<sup>8</sup> Adornos que mostravam a preferência clubística dos torcedores pelas cores da agremiação.

<sup>9</sup> *Fédération Internationale de Football Association*, fundada em 1904, em Paris.

rumos ao esporte no país, criando o selecionado nacional para a disputa de torneios oficiais entre nações, entre elas a Copa do Mundo, que foi sediada no Brasil em 1950 e em 2014.

O Brasil é o único país que até hoje teve seu selecionado time de jogadores presente em todas as edições da Copa do Mundo, que se iniciou em 1930 no Uruguai, como um tratado de diplomacia desportivo entre Estados-Nações que se fortaleciam na época, competição em que o Brasil foi eliminado logo na primeira fase. O país ainda não obteve o título nas copas subsequentes, sendo eliminado pelo time da Espanha na Itália em 1934 e alcançando o terceiro lugar na copa da França em 1938. Na primeira copa sediada no país, a de 1950, que ocorreu após um hiato de paralisação do campeonato durante o período da Segunda Guerra Mundial, o Brasil era o grande favorito para ser campeão e inaugurava o maior estádio do mundo, o Maracanã. No entanto, esta copa acabou sendo marcada pela tragédia, o chamado “*Maracanazzo*”, quando a seleção brasileira sofreu uma derrota para o Uruguai na final do Mundial, com um placar de 2 a 1, que calou as vozes de 200 mil torcedores dentro do estádio. Em 1954 o Brasil utilizou pela primeira vez a camisa amarela e o calção azul, todavia, perdeu para a seleção da Hungria; apenas em 1958 as vozes caladas no Maracanã conseguiriam ecoar sem receio. No mundial da Suécia, o Brasil apresentava para o mundo uma equipe com Pelé e Mané Garrincha, dois ícones do esporte lembrados até hoje, presentes no primeiro título mundial da seleção canarinho, que voltaria a ganhar o título em 1962 no Chile, sagrando-se bicampeã.

É correto afirmar que a existência e a popularização dos torcedores é o que levaram o esporte a alcançar as grandes proporções que tem hoje. Nesta esteira, se rotula como megamanifestação cultural enraizada na sociedade brasileira junto aos processos de formação de um Estado-Nação brasileiro fomentado pelos golpes de tomada do poder no país, o de Vargas em 1937 e o da ditadura militar de 1964, que reconfiguraram a relação da política nacional com o futebol como forma de sustentação popular.

Após um importante processo de industrialização e de urbanização do país, a transferência da capital para a cidade de Brasília, uma grande crise política e econômica agravou-se em 1964, com a queda forçada do então presidente João Goulart. Além disso, a tomada do poder por uma coalisão militar enquanto medida de exceção, teve o marechal Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967) como primeiro presidente do período em que o nacionalismo foi instrumentalizado pelo Estado, sob golpe militar, que utilizara o futebol como uma ferramenta para redefinir o Estado-Nação.

O Brasil dessa época já encarava o debate entre a tradição e a modernização da cidade e do corpo social como uma tensão entre os valores espirituais e humanos sob um domínio da

cultura, enquanto o discurso da ditadura tangia para um economicismo e uma formação técnica de um capitalismo que tomava novas formas no país. Ano após ano, durante a ditadura militar, o futebol foi utilizado como instrumento de estímulo do nacionalismo no brasileiro como forma de legitimar o governo político, enaltecendo o momento promissor do país na economia e no futebol. À época, Pelé<sup>10</sup> era garoto-propaganda em campanhas publicitárias que tinham como *slogan* a frase “Ninguém segura o Brasil”, com a finalidade de gerar solidariedade entre o povo e minimizar as diferenças entre as regiões do país, na tentativa de criar uma unidade nacional hegemônica a partir da reforma de técnica e de disciplina.

Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração.../ Todos juntos vamos/  
Pra frente Brasil/ Salve a Seleção! De repente é aquela corrente pra frente/ parece que  
todo o Brasil deu a mão.../ Todos ligados na mesma emoção... Tudo é um só coração!  
(MARTINS, Miguel Gustavo. Pra Frente Brasil. Jingle: 1970 (2:12)).

Outra forma de regulação do governo foi estimular a construção de redes de televisão para promover e organizar um mercado de massa para os bens produzidos no processo de industrialização do país como um sintoma da modernização, principalmente pela popularização do aparelho televisivo entre as classes mais baixas, com medidas que facilitavam a compra de produtos nacionais e que encorajaram empresas de comunicação a desenvolverem programas televisivos para todos os públicos, além de servir aos interesses de dominação do Estado através da indústria cultural, em uma perspectiva adorniana.

No Brasil e no mundo, o futebol modifica-se, passando por diversas fases, desde rituais sagrados, preparativo para guerras, uma atividade ora violenta, ora educativa. Para além de um importante esporte, torna-se uma instituição social sólida, tendo suas regras disseminadas, suas ritualidades e estruturas universalizadas, capaz de aglutinar a paixão de adeptos no mundo todo (LUCCAS, 1998).

O futebol foi criado quase que concomitantemente ao surgimento dos meios de comunicação em massa, no fim do século XIX, na já conhecida era moderna. Este fato colaborou no desenvolvimento de suas características “espetaculares”, que cada vez mais tomam a centralidade deste fenômeno. O futebol moderno e a industrialização se imbricaram definitivamente em forma de espetáculo massificado pela televisão, que destituiu o estádio como o único lócus de assistência ao esporte, domesticando-o e para produto de consumo (WILLIAMS, 2016).

Assim, como o jogo codificado pelos ingleses se distinguiu dos tipos de futebol primitivos que jogavam chineses, romanos, astecas, entre outros, o futebol do século XVIII

---

<sup>10</sup> Alcinha popular de Édson Arantes do Nascimento, famoso futebolista brasileiro.

também passou por transformações até chegar ao esporte existente hoje. Partindo do sentido em que a modernidade se concretiza na industrialização e no crescimento demográfico dos grandes centros, ela repercute na sociedade em modo econômico e na divisão político-moral que opõe burguesia e classe trabalhadora. Além disso, mantém a divisão espacial de público e doméstico, masculino e feminino, raças e etnias; em que se dá importância aos modos de vida, culturas, ao fixar as individualidades.

A modernidade possui como principais características a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento do sujeito de estruturas tradicionais (GIDDENS, 1991), ela é um projeto de racionalização, de autonomia, de individualismo e de desencantamento do mundo, domínio do homem descentralizado sobre a natureza e a fé pela ciência.

O futebol moderno surge como um estágio evolutivo referente às estruturas organizacionais e culturais do esporte em suas práticas no mundo globalizado contemporâneo. Segundo Giulianotti (2002), o futebol passou por mudanças que o fizeram tornar-se uma grande atração, o maior esporte do mundo, não existindo outro de tamanha dimensão e de tal magnitude estrutural ou simbólica.

Marca-se o período moderno por uma dimensão crítica ao projeto inacabado de modernidade; essa pós-modernidade envolve um movimento cultural intensificado por novas identidades fluidas, diluição das fronteiras nacionais e momentos de lutas culturais, para além das ideológicas que já aconteciam ao período passado, que desafiam o poder e o *status*, lutas marcadas pelas novas tecnologias e pelas diversas formas de globalização. No futebol, ela se inicia em 1960, até se concretizar em 1980, consolidando-se na importância do mercado internacional e dos meios de comunicação para o esporte ao não desconsiderar as transformações estéticas, culturais e de padrões de comportamento que marcaram estes períodos.

Mesmo que o esporte já tenha se popularizado antes, é a ação da massificação via veículos de comunicação que transforma o futebol em um grande produto do capitalismo pós-moderno, um espetáculo a ser vendido (RIVITI, 2016), pois os clubes modificaram-se para empresas supranacionais e os principais objetivos tornaram-se o desempenho e o lucro. Desta maneira, dividiu-se com a televisão uma indústria que tem como base a paixão dos torcedores, na qual transferência de jogadores, vendas de produtos, ingressos para as partidas, patrocínios e *pay-per-view*<sup>11</sup> são as novas formas de economia nessa nova fase mercadológica do futebol.

---

<sup>11</sup> Do inglês: Pague para ver – um sistema de transmissão de partidas específicas por demandas de assinantes de conteúdo exclusivos em tv a cabo ou internet.

O espetáculo consiste na multiplicação dos ícones e imagens, principalmente através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e hábitos de consumo, de tudo aquilo que faltava na vida real do homem comum: celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias – tudo transmite uma sensação permanente de aventura, felicidade, grandiosidade, ousadia. O espetáculo é aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o “fetichismo da mercadoria” (felicidade identifica-se com o consumo) (DEBORD, 1992, p.32).

No mundo globalizado, o futebol perde o caráter íntimo e popular que criou dentro das fronteiras nacionais. O processo de mundialização da cultura reorienta os mecanismos das sociedades, inserindo-se em um universo *business* transcendente ao da nação, que menospreza torneios regionais e nacionais, dando mais importância aos grandes campeonatos internacionais, como a Copa Libertadores da América e o Mundial de Clubes. Além disso, há maior interesse em torneios europeus que, com as transações de jogadores e o poder econômico do velho continente, possuem em seus territórios os melhores jogadores do planeta em seus clubes, principalmente em países como Espanha, Itália, França, Inglaterra e Alemanha. Essa internacionalização do esporte, aliado às grandes empresas multinacionais que patrocinam e controlam as melhores equipes do globo, gerencia não só o mercado de jogadores, mas também o consumo do futebol em todos os países. Neste cenário, insere-se um mercado competitivo sobre o lazer que vai além da assistência de partidas que são transmitidas a todos os momentos por televisão e internet, pois também são acompanhadas as notícias das equipes, os jogos eletrônicos, os eventos e outras formas em que o futebol é representado.

Como descrito, essas transformações fizeram do mercado do futebol um negócio extremamente lucrativo, promovido por campanhas publicitárias, que acaba por ampliar a relação de consumo com os torcedores, com arenas modernas, confortáveis e mais caras. Inserem-se neste rol uniformes de equipes e tecnologias cada vez mais caras; diferentes formas de interação com os torcedores e contato com o clube priorizado pelas redes sociais na internet, além de diversas outras maneiras de se aproveitar e consumir o futebol que, segundo Octávio Ianni (1992 *apud* SANTOS, 2000, p.70):

Nenhuma mercadoria é inocente. Ela é também signo, símbolo, significado. Carrega valor de uso, valor de troca e recado. Povo a imaginário da audiência, auditório, público, multidão. Diverte, distrai, irrita, ilustra, ilude, fascina. Carrega padrões e ideais, modos de ser, sentir e imaginar. Trabalha mentes e corações, formando opiniões, ideias e ilusões.

Não somente marcado pela economia, mas também pelas racionalidades do tempo moderno, o futebol passa a ser jogado mais em coletividade, amortizando as individualidades

dos jogadores, responsáveis pelos lances plasticamente bonitos nas partidas, que agora passam a serem vistos como extravagantes e desnecessários (TOLEDO, 2010). A modernidade no futebol ataca também as *performances* torcedoras nos estádios e nos bares, deslocando o epicentro do torcer do corpo para a mente, pela racionalização das formas de torcer. Por esse deslocamento, o futebol é entendido e não sentido, pois cada vez mais é analisado por números de rendimento dos profissionais, cognitivos e objetivos, além dos gráficos de porcentagem de acertos que acentuam a característica técnica e profissional da modernidade. Entre outras mudanças dos processos de elitização do futebol, acaba-se com as gerais dos estádios, substituindo-as por cadeiras numeradas que separam e delimitam os corpos torcedores, privando-os de diversas manifestações de emoções. O novo futebol condena a teatralidade do torcedor, os palavrões e as piadas no torcer, que foram tão importantes para a popularização do esporte, desta maneira, minimizando sentimentos e emoções dos torcedores durante as experiências do futebol como aproveitamento do espaço urbano.

A espetacularização midiática torna-se uma nova marca desse futebol moderno, reconfigurando sua estética de comunicação representada por uma nova linguagem, que passa a compreender a integração do futebol à cultura de massa não mais pelas multidões no estádio, mas pensando num público ainda maior, o das transmissões por via de diferentes plataformas, os telespectadores, via tv e *streaming*<sup>12</sup>.

A possibilidade de articular ao menos quatro processos (...): a) a constituição do público, que o demarca enquanto espetáculo, incluindo-se à sensibilidade dos torcedores (como, por que e por quem excitam-se?); b) os dispositivos usados na preparação dos profissionais do e para o espetáculo, que demarcam-no como um *savoir faire* particular (...); c) a mediação especializada que, além da comunicação entre profissionais propriamente ditos e o público, recria o espetáculo; d) as agências e os agentes que controlam política, administrativa e economicamente esta matriz futebolística... (DAMO, 2005, p. 41).

Guy Debord (1997) conceitua “espetáculo” de diversos modos, como “relação social transformado em simples imagem”, e um “pseudo-mundo à parte”, entre outros, mas principalmente entendido enquanto uma mercadoria criada a partir de simulacros platônicos de imagens autonomizadas para mera contemplação, gerando uma dimensão imagética fictícia que funciona como forma de “dramatização social” (TELLES; FERREIRA, 2011). Guy Debord aponta ainda que os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir essa falsificação da vida comum idealizada pelas espetacularizações.

---

<sup>12</sup> Sistema de *broadcast* ao vivo pela internet.

O futebol se apropria do interesse público pela dramatização por conta da codificação existente no mundo real da dicotomia vencedor/vencido das disputas esportivas e de suas consequências, que são criadas e hiperbolizadas como produtos, como as gozações, as análises técnicas, as notícias em primeira mão, os *replays*, entre outras formas de consumo do esporte para telespectadores.

Outra característica desse futebol moderno é que, com a comercialização de jogos por *pay-per-view*, geralmente em canais fechados, e o esvaziamento dos estádios pelos altos preços e menores capacidades, os torcedores passam a frequentar outros espaços coletivos de assistência de futebol. Neste sentido, os bares e botequins também passam a ser espaços significativos, gerados por essa substituição de torcedores em massa, que já estavam estabelecidos nos estádios; hoje, o torcedor é mercantilizado no novo futebol estatístico e costuma pagar caro por ingressos nas novas e modernas arenas.

### 2.3 REDEFININDO O TORCER E TORCEDOR

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arreventa a garganta numa ovação e salta feito pulga, abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros.

É raro o torcedor que diz: "Meu time joga hoje". Sempre diz: "Nós jogamos hoje". Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval (GALEANO, 2004, p. 14).

*Torcer* não é uma palavra inusual do português, significa dar a volta sobre si, entortar, envergar, encarcolar e, entre algumas outras variações do termo, demonstrar com entusiasmo o desejo de vitória. É um momento entre fé e magia, em que se acredita ser possível se fazer algo fora do campo de disputa agonística para ajudar com um resultado positivo.

O torcer se impõe no futebol como contribuição dos torcedores, que motivam, dão dicas e jogam juntos com a equipe, e são considerados o décimo segundo jogador. Peça importante para a partida, não raro se escuta no discurso que é o torcedor que empurra o time para as vitórias e é para o torcedor que jogam os jogadores, além da importância de serem os maiores consumidores do jogo.

Para Arlei Damo (1993, p.94), o torcedor de futebol significa aquele que está fazendo figa por um time, que torce quase todos os membros na apaixonada esperança de sua vitória e que, com isso, co-atua motoramente como se pudesse contribuir, por sua aflição, ao sucesso da equipe. Ainda, para o autor, torcida é uma massa de fanáticos que berram para contribuir.

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença; não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas dos seus heróis. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus (NOGUEIRA *apud* TOLEDO, 1996, p. 11).

O torcedor tem o importante papel mágico de jogar junto com o time, gritando dicas aos jogadores e incentivando com canções. Alguns ainda jogam simultaneamente com a equipe, chutando junto com os seus ídolos, compartilhando momentos de glória e sem jamais errar junto. Porém, como veremos adiante, é importante ressaltar que cada torcedor tem sua própria metodologia nas diferentes formas de torcer, que se assemelham e se diferenciam das de outros por experiências próprias dos próprios torcedores, desenvolvendo formas rituais individuais que são coletivizadas nos ambientes de jogo, como estádios e bares.

Devemos considerar que existem diversas formas de torcer, as quais não se fazem homogêneas. Cada torcer tem suas características próprias dentro do ritual individual e coletivo nas arquibancadas e bares que transmitem o futebol, ou até mesmo dentro das casas. Outros exemplos serão vistos no capítulo 3.

Com as diversas mudanças no futebol por processos de esportivização (ELIAS; DUNNING, 1992) e de modernização do esporte, as maneiras de jogar, de assistir e de torcer o futebol foram se recriando durante o último século e serão apresentadas brevemente.

Norbert Elias e Erik Dunning definem o conceito de esportivização como um processo de novas configurações para que os, até então, passatempos distrativos e práticas lúdicas se transformassem em práticas esportivas institucionalizadas, organizadas principalmente por regramentos, em que o esporte, como prática social, possui importância dentro da estrutura dos indivíduos em sociedades. Os autores têm o esporte como parte integrante dos processos

civilizadores das sociedades europeias, com finalidades de racionalizar os costumes e reprimir o que fosse ligado à natureza animal, principalmente em relação ao sexo e à violência.

Junto com o esporte, surge a prática torcedora. É inerente a existência de um ao outro, tomando parte ao conflito da disputa agonística entre as equipes dentro de campo. Essa prática entende e ressignifica as normas e os valores do jogo enquanto uma atividade afetiva em momento de lazer.

O assistir do futebol mimetiza a experiência do jogo, entre uma relação de sentimentos e de situações de vida, causando uma forte excitação social e individual, devido às fortes emoções em público (ELIAS; DUNNING, 1992). Mesmo em momento de lazer, as atividades miméticas e fantasiosas provindas do jogo são mais permitidas que durante a vida cotidiana, e todas essas fantasias são padronizadas e comunicadas coletivamente, como uma sinfonia, uma peça de teatro e uma arquibancada de futebol. Ainda para Elias e Dunning (1992b), o prazer dessa excitação está no sentimento agradável de estar vivendo a experiência na companhia de outros sem obrigação, mas por arbítrio.

As experiências e o comportamento das pessoas num contexto mimético representam uma transposição específica de experiências e de comportamentos característicos das chamadas coisas "sérias da vida", quer este termo se refira ao trabalho profissional quer a outras atividades de lazer. Não significa que o último seja uma imitação ou reflexo do primeiro. Refere-se ao fato de que, no contexto mimético, o comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente. Aqui podem experimentar-se e, em alguns casos, representar-se sentimentos fortes sem se correr quaisquer riscos (...). Mesmo o medo, o horror, o ódio e outros sentimentos que estão longe de serem agradáveis, e as ações correspondentes ao quadro mimético associam-se em maior ou menor dimensão a sentimentos de prazer (ELIAS, 1992, p. 184).

Entendendo as excitações do indivíduo em coletivo, é importante compreendê-las também enquanto singularidade. O torcedor de futebol é o sujeito que pratica torcer, isto é a fé e o compromisso de empurrar o clube de coração, o fiel que nunca trairá o escudo e as cores com os quais possui o sentimento de pertencimento, parte importante da enorme "nação" para qual seu time joga. É aquele que comemora suas vitórias e lamenta as derrotas, mas sem dar o braço a torcer e, normalmente, culpando os árbitros ou a desonra da equipe rival.

Portanto, o fanático torcedor não apenas gosta do clube, mas o defende frente aos clubes rivais. Segundo Jocimar Daolio (2005), a relação do brasileiro com o futebol vem desde o nascimento, quando se recebe um nome, uma religião e um time de futebol para torcer. É desse time que ele será influenciado a gostar e, na maioria das vezes, por ele vai torcer até o fim de sua vida. Damo (1998, p.13) aponta ainda que, no futebol, somos o clube para qual torcemos, e que torcer no Brasil não precisa ser ensinado, é uma prática desde o nascimento, já se nasce

torcedor de um determinado clube. Nesta perspectiva, entendemos que o futebol mobiliza mais que apenas os torcedores, mas envolve uma sociedade integrada à prática do torcer, relacionada à dimensão social e cotidiana do pertencimento clubístico, afirmando o caráter sociocultural do fenômeno. E esse pertencimento estrutura as emoções que emergem no torcer.

Para se pensar o torcer e o torcedor brasileiro, é importante entender o contexto cotidiano que o esporte perpetua na cultura do país. O futebol rompe com hierarquias e comove a todas as classes, raças, gêneros e sexualidades. Para DaMatta (1982), o futebol ajuda a entender a sociedade brasileira por expor problemas, mitos, aspirações, contradições, frustrações, alegrias, tristezas e crenças existentes, mesmo que camuflados em seu interior. Para este autor, o torcer dá a chance ao excluído de se sentir superior ao seu opressor, em um universo de significação paralelo ao das hierarquias sociais. Assim, o futebol é uma forma de vivência e de experimentação das emoções, em que os participantes riem, choram, sentem prazer, vergonha, esperança etc.

Assim, as práticas torcedoras são parte das disputas simbólicas inerentes à trama de símbolos partilhados pelos grupos sociais, compreendendo suas significações (GEERTZ, 2008). Entender o torcer é entender a significação do torcedor consigo mesmo e com o outro, o pertencimento e o estranhamento das identidades que se relacionam por diversas formas e em diversas configurações, entre jocosidade e violência, como será visto mais adiante.

O sociólogo inglês Richard Giulianotti (2010) apresentou, em seu livro *Sociologia do Futebol*, conceitos classificativos e ideias de formas de identificações de torcedores através de categorias de oposições binárias que incitam um alinhamento dos participantes para um clube, com o objetivo de mapear as transformações culturais e as diferenças históricas das identidades dos torcedores contemporâneos. O esquema de Giulianotti contabiliza as características de identificações desses torcedores por: i) tradicional/consumidor: identificações com um clube por relações culturais e populares, investimento de consumo de produtos; e ii) quentes/frias: segundo grau de centralidade do clube na autoafirmação do indivíduo e escalas de lealdade dos torcedores à instituição desportiva.

Assim, com o uso de tal arranjo esquemático, o autor classifica os torcedores em: a) torcedores tradicionais e quentes – ‘fanáticos’: têm um grau de investimento emocional e econômico muito alto sobre o seu clube, fazem parte de um apoio incessante e consciente, com uma relação que se assemelha entre amigos e família. Corroboram com uma grande solidariedade entre grupos de torcedores e com o impacto cultural e social do clube, que, segundo Giulianotti, pode ser entendido como uma representação totêmica que influencia os rituais dos torcedores (o canto de hinos, músicas e outras cerimônias). O torcedor fanático tem seu corpo como

instrumento de devoção e topofilia por sua equipe, conhece histórias, escalações, títulos, músicas de motivações, veste suas cores, pinta seu rosto, faz tatuagens, decora sua casa com os símbolos do clube. O clube é a identidade desse indivíduo torcedor por via das experiências que presencia. Ele defende seu clube quando é ofendido, é aquele que cria a rivalidade;

b) Torcedores tradicionais e frios – ‘*seguidores*’: estes gostam de seus clubes, mas gostam também do futebol. Acompanham jogadores, técnicos e até outros clubes e outras torcidas, e não só dentro do seu país. É um torcedor com ligação a clubes e nações específicos dentro do esporte, principalmente vinculados pela mídia eletrônica. Este torcedor se aproxima dos clubes e dos jogadores pelas histórias, vitórias e pelas conquistas, às vezes como atrações ideológicas ou culturais<sup>13</sup>. A paixão do seguidor é adotada, não fixa e cravada como modo tradicional do fanático, mas de acordo com influências de tendências do torcer, o que aumenta também o leque de equipes para se torcer quando outra não estiver jogando;

c) Torcedores consumidores e quentes – ‘*fãs*’: com grande identificação com clube e jogadores, o fã tem grande afinidade com o futebol, porém possui também uma relação mais distante com a experiência torcedora, em comparação com o fanático. A sua identificação se dá principalmente através do consumo de produtos e notícias. São partes dos rituais das partidas, mas sempre sendo levados por uma solidariedade à equipe e a seus torcedores, e não enquanto puxadores de gritos e canções. O fã reconhece que o mercado é parte da sobrevivência e do sucesso do seu clube de futebol e sua lealdade à marca é uma forma de melhorar as finanças do clube e possibilitar a contratação de melhores jogadores.

d) Torcedores consumidores e frios – ‘*perambulantes*’<sup>14</sup>: os *flâneurs* são aqueles torcedores que compõem um tipo social urbano pós-moderno, principalmente das interações produzidas pela internet e pela televisão. Estes torcedores são distanciados das experiências coletivas do torcer, principalmente, por uma autorregulação da individualidade, segundo a panóptica foucaultiana, que contempla corpos e objetos; pelas novas formas de comunicação visual e pela mercantilização da lógica das relações sociais. O perambulante exhibe uniformes de forma temporária e clichê pela estética, atraído mais pelo signifiante que pelo significado, buscando sensações no futebol como as que são representadas pela televisão. É a busca de consumir algo próximo ao torcer de um fanático, emulado. O caráter temporário dos perambulantes não se dá somente com os clubes, mas também com o próprio esporte, que

---

<sup>13</sup> O caráter populista das torcidas de Flamengo e Corinthians, o elitismo do São Paulo F.C., a afirmação negra do Internacional de Porto Alegre, a tradição gaúcha do Grêmio, a representação da imigração italiana presente no Palmeiras e no Cruzeiro, a tradição anarquista do St. Pauli F.C. da Alemanha, a cultura étnico-nacional do Barcelona da Espanha, o presente fascismo do S.S. Lazio da Itália, entre outros.

<sup>14</sup> Tradução minha, o autor utiliza o termo “*flâneur*”.

facilmente é trocado por um que esteja mais em moda em dado momento, que carregue significantes aparentes de sofisticação, modernidade e vanguardismo – enquanto os tradicionais torcedores são regressões ao passado. A identidade do torcedor perambulante está em sua movimentação material e virtual dentro do futebol.

De modo análogo, o torcedor executa dentro da lógica do torcer um papel que lhe é atribuído pela configuração social da torcida. Por ser torcedor, ele já é condicionado ao papel social simbólico da participação clubística, mas representa a função de acordo com o grau de envolvimento que deseja obter individual e coletivamente.

O que nos leva a gostar de uma equipe? Seus jogadores? A cidade em que joga? As cores de sua camisa? Desenho dos escudos? Ou realmente se vai pela sua história? A história que é contada pela cidade, pela instituição, estádio ou vestiário. Uma história que não só nos cria como indivíduos, mas também como um grupo. Se não, essa história não existiria. O que nos leva a torcer está em nós mesmos, porque somos partes dessa história, somos partes de uma equipe. (*Club de Cuervos*. Netflix, 2019).

As identidades, entendidas, no presente, diante do cenário da modernidade tardia, como sistemas classificatórias das relações sociais justapostas e externas aos indivíduos e que os molda culturalmente, são uma forma de entender os sujeitos como produto dos diversos processos, discursos e práticas, ainda em andamento, que moldaram as sociedades modernas e as descentralizaram (Hall, 2005). Com efeito, a identidade do torcer é adquirida a partir de experiências compartilhadas que, segundo o antropólogo Luís Henrique de Toledo (2010), fazem parte de um processo de identificação das vontades pessoais e biográficas, até chegar a uma sujeição de um universo social, isto é, uma extensão do “eu” que se faz crer o tempo todo. As identidades são formas classificatórias socialmente, não como um número de documento, mas principalmente definidas por estímulos e experiências urbanas, umas contrapostas às outras, mas ao mesmo tempo inclusas umas nas outras.

Ninguém torce sozinho, e em um sistema de disputa agonística, como é o futebol, torce-se também contra os rivais. Esta seria outra face das identidades torcedoras, que revela um dos mais clássicos debates antropológicos, a alteridade do encontro entre “nós” e “eles”. Essas identidades em conflito apontam como é a produção das diferenças entre as torcidas em um sistema de oposições, principalmente pela busca da diminuição do potencial da outra equipe e dos seus seguidores, dadas por vias de ataques e acusações.

A relação do torcedor com seu time não poderia ser mais próxima que pela utilização da primeira pessoa do plural. Sempre que se refere ao clube, o torcer faz questão de mostrar que dele faz parte ou que ele e o clube são indissociáveis: “nós jogamos”, “nós vencemos”, “nós conquistamos”. Ser imbricado ao clube é fazer parte de um imaginário em que clube – e

seus símbolos –, jogadores e torcedores pertencem a uma mesma comunidade, que juntos enfrentam seus rivais (VASCONCELOS, 2014).

Segundo o sociólogo Erving Goffman (1988), essa característica dos indivíduos é uma categoria de informações sociais que demonstra intenções, estado de espírito e sentimentos para o alcance de um certo estágio de prestígio e honradez, ao ser associado ao clube. Assim, ações como vestir a camisa da equipe, comemorar uma vitória, entre outros, carregam para o torcedor os valores reconhecidos através do prestígio do clube e do reconhecimento da sua função como torcedor. Ainda, entre os torcedores do mesmo clube, existe a disputa por posições privilegiadas de *status* de torcer. Isto é, dentro de uma racionalidade de emoções desse prestígio coletivo, existe uma disputa de vínculos com o clube, exaltando, sobretudo, aquele que tem mais paixão. Essa disputa é quantificada principalmente pelas chamadas “loucuras” que os torcedores fazem por seu time: longas viagens para participar dos jogos, estar sempre assistindo às notícias do time, fazer tatuagens, colecionar camisetas, saber escalas vitoriosas e histórias dos clubes e de suas conquistas, entre outros.

Diante das diversas formas tangíveis de identidade torcedora no futebol, deve-se destacar também a importância das relações sociais que são manifestas no interior das famílias, nos círculos de amigos e nos locais de privilégios das disposições de torcer, as quais são até mais importantes que os marcadores sociais como ideologia e classe social para a manifestação da escolha de uma agremiação a se torcer. Neste sentido, as identidades do torcer no futebol se dão, principalmente, por meio de simbologias que fazem o esporte e seus atores ultrapassarem a competição dentro das quatro linhas que delimitam o campo de jogo. Essas simbologias são evidenciadas por suas proporções performáticas, espetaculares, comportamentais e sentimentais nas diferentes experiências e relações sociais dentro do esporte.

Não se converte um torcedor de um time para outro, a escolha vai além das cores da equipe, do *design* do distintivo, da forma estética e tática que o time joga, ou até mesmo da história de títulos do clube. Escolher um clube é um valor afetivo que o brasileiro é forçado a admirar, apesar das “circunstâncias com que cada sujeito concede ao futebol e ao seu clube de coração” (DAMO, 1998, p. 61).

Nenhum torcedor diria que se 'entretém' com seu time, que vai ver um jogo como vai a um concerto. Vai para dilacerar ou ser dilacerado, vai para a guerra, mesmo que seja quase sempre uma guerra metafórica. Assim, para ser atraente, o esporte não pode ter nenhum dos atrativos do espetáculo, nenhuma sugestão de montagem ou faz-de-conta. Tem de ser uma séria e quase trágica competição por um cetro (...), a busca do coração do inimigo e da glória eterna – mesmo que no ano seguinte todos voltem a ter zero ponto (Veríssimo, 1996).

Os estádios se desfazem e se constroem outros<sup>15</sup>, às vezes até em outras cidades; as camisetas, assim como os escudos, podem sofrer alterações mínimas, como acontece a cada ano ou com um novo modelo ou novo contrato com as empresas que confeccionam o material esportivo dos clubes<sup>16</sup>. Por sua vez, os jogadores são partes involucradas de um grande mercantilismo de lucros e especulações, pois acabam por se deslocar de equipes com uma frequência não tão baixa. Todavia a história do time é sempre perpetuada nas alegrias das vitórias e nas lágrimas das derrotas dos torcedores. A lealdade para com o time vem da história de ser parte dele, de estar presente ao seu lado – do pertencimento ao clube. Essa lealdade sobrepõe-se às mudanças do futebol durante os anos, inclusive no processo de globalização e espetacularização do futebol.

A lealdade pode ser entendida como uma conexão entre o clube e sua comunidade, seus aficionados, próxima ao amor expressado de forma tradicional e quente estipulada por Giulianotti (2010). A lealdade entre torcedor e clube é passível de comparação com uma religião, que motiva coesão social, autoridade moral e princípios coletivos onde o “nós” sobressai às individualidades do “eu”, causando devoção a símbolos e a esta coletividade contemplada (FERREIRA, 2018); deve-se torcer em sacrifício, incondicionalidade e eternidade. Uma forma de se caracterizar essa lealdade é, como Arlei Damo indica (2002), pensar nas reminiscências da cultura patriarcal nacional baseado em laços pessoais, familiares e na confiança entre os homens. É um pertencimento de escolhas influenciadas pelas afinidades – que levam pela primeira vez ao estádio, que dão uma camisa como presente – e que promovem a sensação da emoção pela primeira vez e a reafirmam pelo cotidiano. Um legado dessa cultura e das tensões sociais e históricas do futebol na sociedade é o ‘clubismo’ (DAMO, 2014, p.39), categoria inspirada em um ideal romântico burguês, mas que se dá pela defesa do torcedor ao clube por afetividade, não aceitando críticas ou comentários depreciadores, “um sistema de representação estruturado, de forma que o indivíduo, ao tornar-se torcedor, é capturado por códigos que orientam seu comportamento e moldam a sensibilidade”. Assim, pode-se dizer que o torcedor pertence ao seu clube e seu clube lhe pertence, e esta lógica também vincula cada vez mais os torcedores ao clube.

---

<sup>15</sup> Exemplificam essa afirmação as novas arenas de Grêmio (Arena Grêmio) e Palmeiras (Allianz Parque), construídas no mesmo terreno que seus estádios antigos, a reforma de estádios clássicos do futebol brasileiro como o Maracanã; e a construção de novos estádios particulares para clubes que utilizavam estádios cedidos pelos governos estaduais e municipais, como no caso da Arena Corinthians.

<sup>16</sup> Os uniformes das equipes profissionais não somente carregam as cores, o escudo e as estrelas de campeão de um time, mas também são símbolos de exposição dos grandes patrocinadores do clube, sendo principalmente confeccionados, nas duas principais divisões de futebol profissional no país, por grandes empresas multinacionais: Nike, Adidas, Puma, Under Armour, Diadora, Umbro, Joma, e marcas nacionais como Penalty, Karilu, Lupo, Topper, Embratex e Number.

Ainda para Damo (2002), neste sistema de lealdade do futebol, torcer para um time significa pertencer, isto é, comemorar quando ganhar e se indignar quando perder. Participa-se do esporte por escolher um clube do coração, opção que não pode ser alterada. Para o antropólogo, em países em que o futebol se faz popular, como o Brasil, pressupõe-se que todos sejam interessados nele e, assim, falar de futebol passou a ser uma forma de falar sobre o país e sobre a identidade nacional.

O pertencimento clubístico de Damo dá um nome para o afastamento da categoria nativa do torcer, que é *amar*, o ser apaixonado. Damo utiliza do termo para descrever o torcedor engajado com as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele. Mesmo utilizando dessa categoria, o autor afirma que pertencer e torcer não são mais sinônimos, já que *torcer* relata adesões duradouras e *pertencer* conota como algo intenso e ilusório, como o torcedor fanático.

[O pertencimento clubístico é específico] no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional. À diferença dos simpatizantes, que escolhem os times para os quais irão torcer conforme a circunstância, e por vezes as conveniências, razão pela qual o envolvimento raramente se estende para além do jogo, os aficionados seguem uma mesma agremiação durante e vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele e por vezes são capazes de atitudes tidas como irracionais. Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve tanto para as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como “torcedor fanático”, “doente”, “cego” etc. (DAMO,2007, p. 52).

Não há uma simples forma de interpretar o apreço dos torcedores por seus clubes, já que esta relação é algo *sui generis* em relação a outras formas de espetáculos ou de pertencimento coletivo. Porém, compreender as características desse pertencimento clubístico é importante para entender o futebol enquanto espetáculo de massas.

No Brasil, vivemos uma filosofia moral em que futebol, política e religião não se discutem, pois nunca o brasileiro se deixa dar o “braço a torcer” durante as arguições contrárias, portanto, é uma conversa que jamais será concluída. Porém, o futebol está sempre no assunto das mesas, assim como a política e a religião. Torcer por um clube é cultuá-lo e negar seus rivais.

Segundo Damo (1996), as rivalidades brasileiras apresentam “sentimentos primordiais” e segmentam grupos simultaneamente coesos e rivais entre si, que compartilham costumes, religião, raça, tribo, etnia e até mesmo o espaço geográfico. Assim, não afirmando que todas as rivalidades assim são dadas por essa ordem, ele explica o contexto êmico da sociedade brasileira

e o fato de as rivalidades nacionais estarem vinculadas às características de raça e classe social. Todo time no Brasil tem o seu rival, o seu contrário – o FlaFlu<sup>17</sup>, Derby Paulista<sup>18</sup>, Clássico Majestoso<sup>19</sup>, GreNal<sup>20</sup>, incluindo o Londrina Esporte Clube que, mesmo sendo um time de prestígio singular no norte-paranaense, rivaliza com o Coritiba *Foot Ball Club* nas últimas décadas, uma disputa entre a capital e o interior paranaense. Assim, podemos notar que as rivalidades são em maioria contra clubes locais, da mesma cidade ou mesmo estado, dadas principalmente como fatores históricos dos fortíssimos campeonatos estaduais e metropolitanos do passado, os quais existem até hoje, mesmo não tendo o mesmo prestígio de antes. Ainda, alguns clubes nasceram dentro dos seus clubes rivais, entre outras histórias que demarcam a disputa do “nós” contra “eles”.

O interesse do jogo é, para cada um dos concorrentes, o desejo de ver reconhecida a sua excelência num determinado domínio. É a razão pela qual a sua prática do *agôn* supõe uma atenção persistente, um treino apropriado, esforços assíduos e vontade de vencer. Implica disciplina e perseverança. Abandona o campeão aos seus próprios recursos, incita-o a tirar deles o melhor proveito possível, obriga-o, finalmente, a se servir deles com lealdade e dentro de limites fixados que, sendo iguais para todos, acabam, em contrapartida, por tornar indiscutível a superioridade do vencedor. O *agôn* apresenta-se como a forma pura do mérito pessoal e serve para o manifestar (CAILLOIS, 1990, p. 35).

“Cada jogo é um jogo!”. O futebol tem como prerrogativa que toda partida e todo campeonato se iniciem com condições de igualdade entre as equipes. “São onze de cá e onze de lá”, cada evento é jogado diferente, e cada jogo possui seus próprios códigos, valores e características relacionadas aos times que estão envolvidos, com a trajetória pregressa de cada um deles. A isso, Damo (1996) classifica como dialética da temporariedade do evento e da tradição:

A temporalidade do evento é um ritual disjuntivo durante o tempo em que o jogo está em andamento, durante os noventa minutos mais acréscimos, em que se destacam os aspectos emotivos do jogo em si. Essa temporalidade não é um efeito linear, mas possui contrastes e rupturas dentro do seu ritual, principalmente na forma do gol, pelo contraste de comportamento e emoções que se rompem pela comemoração e pela lamentação ou silêncio das equipes e torcedores envolvidos na partida. Para o autor, a ruptura temporal retrata uma espécie de fissura

---

<sup>17</sup> Flamengo e Fluminense.

<sup>18</sup> Corinthians e Palmeiras.

<sup>19</sup> Corinthians e São Paulo.

<sup>20</sup> Grêmio e Internacional.

em uma fissura, porque o jogo já é um tempo fora do cotidiano, transcendente ao imediato e, portanto, marcado mais por sua riqueza e densidade que por sua duração. O evento depende do equilíbrio e do desempenho entre as equipes envolvidas.

A temporalidade da tradição é além da memória coletiva e das histórias dos clubes, mas resulta na sobreposição e nos arranjos que fazem uma partida ir além do tempo de jogo jogado. É o tempo em que circulam as gozações e as histórias, tomando espaço no cotidiano em casa, na rua, no trabalho, no lazer e em todos os lugares onde se discute futebol. É nesse tempo que, segundo Damo, se inventam as tradições que aproximam a sociedade e o futebol. A tradição está incisa nos simbolismos representados e confrontados, em como os torcedores se identificam com categorias sociais e culturais.

Evento e tradição funcionam em modelo dialético e tornam o futebol não somente uma “sequência ilimitada de jogos”, mas com um efeito ritual. Sem reduzir o futebol a uma metáfora da rinha de galo balinesa, como descrito por Geertz, mas o risco e a tensão despertados pela rinha de galo e pelo futebol transformam o jogo em algo absorvente, espetacular, e há um acréscimo quando se pode identificar o “*status*”, a história e a tradição.

De acordo com Elias e Dunning (1992), essas polaridades interdependentes dentro do jogo se estendem ao comportamento do torcedor, pois ele crê que esses antagonismo de existência entre os clubes e a coocupação do mesmo espaço devem ser resolvidas a partir da disputa no esporte, sendo esse comportamento antagônico componente estrutural do próprio jogo, replicado, por exemplo, no futebol. O antagonismo das equipes é um ritual disjuntivo, que deve ser apreendido em sua totalidade. Ao contrário dos modelos rituais descritos por Van Gennep (1978), não há a separação entre iniciados e não iniciados para depois promover a união; no ritual esportivo moderno, se põe as condições iniciais de igualdade para depois acontecer a cisão entre ganhadores e perdedores.

(...) e, ao final de seu desenvolvimento, promove uma cisão, uma diferenciação entre perdedores e ganhadores. De uma simetria pré-ordenada em virtude da isonomia das regras entre os participantes chega-se a uma assimetria engendrada pelas contingências do acaso, talento, circunstâncias outras, que levam alguns a ganharem e outros a perderem (Lévi-Strauss in: Toledo, 1995:134).

Elias e Dunning ainda apontam que a dinâmica dos torcedores segue a mesma lógica, não como uma simples reação à partida em campo, mas que, por identificar-se com parte dessa disputa, orientam suas ações também para expressar sua contribuição no embate, isto é, reforçar equipe contra equipe e o comportamento da torcida inimiga.

Sabendo da importância significativa do futebol para a sociedade, cabe pensar, pela ciência dos signos, como eles se apresentam na forma de torcer e dos comportamentos em disputa. O torcedor manipula os símbolos dos clubes e invade os espaços públicos em eventos de jogos, extravasando suas paixões. Para alguns, o distintivo de um clube se transforma em documento de identidade, pois como torcedor são reconhecidos enquanto sujeitos.

Os gritos de guerras, as cantorias e os xingamentos fazem parte do que unifica a torcida em prol do seu time e, junto às suas bandeiras, instrumentos musicais e indumentárias, geralmente camisetas iguais às dos jogadores ou de torcidas organizadas, refletem as cores da agremiação em uma organização estética e uniforme. Os clubes são sempre identificados por seus torcedores por apelidos que remetem a símbolos como totens, como um animal, um sobre-humano ou um *status* elevado<sup>21</sup>, que representam uma força além do controlável pelos domínios humanos já estabelecidos pela cultura ordem ou regra. Os símbolos apresentam mais que identificações, pois caracterizam os times e seus torcedores por prestígio, bravura, heroísmo, malandragem, força, “raça”<sup>22</sup>, e entre outros valores que exaltam as características a que as equipes são associadas.

### **3 BARES, TELEVISÃO E RITUAIS**

#### **3.1 LAZER, BARES E ÁLCOOL**

Devemos entender como lazer a quebra da dicotomia entre o tempo livre e o trabalho, isto é, uma atividade oposta às obrigatoriedades da vida material e laboral do cotidiano, que rompe com a seriedade e a substitui por um momento de descanso, sem as constantes tensões do trabalho, da família, de normas ou pressões sociais – em suma, uma possibilidade de o ser humano ser ele mesmo e fazer o que lhe agrada (GAELZER, 1985). No imaginário social, lazer e trabalho são contraditórios, porém se complementam em prática, de modo que o lazer se

---

<sup>21</sup> Urubu para o Flamengo, Mosqueteiro para o Corinthians e Grêmio, Porco para o Palmeiras, Santo Paulo para o São Paulo, Furacão para o Atlético Paranaense, o Saci do Internacional, Peixe para o Santos, Tubarão para o Londrina, entre outros animais, santos religioso e símbolos da cultura brasileira.

<sup>22</sup> Muito usado, o termo *raça* se desprende do seu sentido biológico no futebol para representar um desejo intenso, a vontade. Um jogador ou torcedor de *raça* é o que não desiste da vitória até os últimos minutos da partida.

traduz em um equilíbrio do descanso e do divertimento para o trabalho como qualidade de vida, resultando em melhoria na mão-de-obra.

A sociabilidade desempenha um grande papel nas atividades de lazer, tendo como referência fundamental os bares para esse tipo de passatempo. Os bares são espaços de reuniões sociais para relacionar-se e ingerir bebidas alcoólicas, muitas vezes acompanhado por espetáculos esportivos, majoritariamente, pelo futebol. São espaços de interação entre os indivíduos que buscam o relaxamento, nos quais estão inseridas as assistências às partidas de futebol, já que nesses espaços existe o envolvimento sentimental coletivo sobre o esporte pela interação entre torcedores (MARCELLINO, 2012).

Para o sociólogo Georg Simmel (1983), a sociabilidade é mais que uma razão instrumental de interesses utilitários, mas uma forma lúdica de *sociação* que não se revela objetivamente, apenas na formação de uma unidade entre seus participantes, um fim em si própria, na configuração do espaço social. Diante deste conceito de Simmel, o antropólogo Édison Gastaldo (2005) notavelmente relacionou seu conteúdo como similar ao conceito de jogo idealizado por Johan Huizinga: “[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana” (HUIZINGA, 1995, p.33). Para Gastaldo, essa similaridade entre os conceitos permite pensar a sociabilidade enquanto uma espécie de jogo da vida social, um momento lúdico, de prazer, fora das coisas sérias da vida cotidiana, como o mundo do trabalho, da economia e da política.

Não à toa, existem diversos estabelecimentos como bares e botequins abertos com a finalidade de ocupação do tempo livre, descanso, divertimento e sociabilidade, onde se vendem inúmeras marcas de diferentes tipos de bebidas alcoólicas, com os mais diferenciados cardápios e outros serviços oferecidos, com diferentes relações de custo-benefício para seus clientes, um sistema de *ethos*, *status* e campanhas publicitárias.

O bar, em determinado espaço e tempo, aparece como lugar do advento da opinião pública, como um lócus de experiências e conhecimentos das coisas pela vivência e/ou observação, transformando-se em local de conversas e práticas políticas e culturais. Lugar onde, por exemplo, fala-se da cidade, às vezes sob uma narrativa homogênea, consensual, esperada, outras vezes ouvem-se falas polarizadas, provocadoras. Aventa-se a possibilidade de se pensar em algo como uma sociabilidade do bar, específica, gerando condutas, comportamentos, imaginários e vivências específicas. Uma sociabilidade carregada de carga lúdica, embora as regras e normas da interação estejam presentes. (BARRAL, 2012, p. 19)

Em suma, os bares são espaços de sociabilidade para ocupação do tempo livre, onde se busca o divertimento e o relaxamento. Assim, existem diversos tipos de bares – *ethos*, entre eles, os bares para assistência de futebol, cujas configurações são voltadas à qualidade de transmissão dos espetáculos para seus clientes.

Essas configurações de bares para a assistência do futebol são relacionadas aos diversos detalhes que fazem do bar um espaço propício para o consumo do esporte, da interação baseada no esporte e das mercadorias do bar, e se dão, fundamentalmente, em uma boa visão para o telão ou o televisor que está transmitindo uma partida. Claramente que isto pode ser realizado de diversas maneiras, mas, pela importância do esporte para manter a clientela, muitos bares optam por obter uma infraestrutura que dê mais conforto, adotando também assinaturas de pacotes *pay-per-view* e outras formas de agradar seu público-alvo.

O bar como lazer assume-se enquanto sociabilidade por desempenhar um momento prazeroso de se estar em companhia de outras pessoas sem o dever de se fazer isso, mas por pura vontade. Elias e Dunning (1992) explicam que é por essa desobrigação que as pessoas optam por se relacionar enquanto consomem bebidas alcoólicas, que produzem um sentimento de bem-estar, aproveitando também que o álcool funciona como ferramenta de desinibição das emoções, criando uma excitação incomum em meio ao cotidiano do trabalho nas sociedades modernas.

A bebida alcoólica também é um fator atrativo para os clientes dos bares, gerando uma combinação importante com o futebol, criando uma afirmação da dimensão social dessa tríade bar-álcool-futebol, dados os contextos sociais de consumo (WEED, 2006). Por diversos lugares do planeta, o consumo de álcool faz contribuições à vida social, costura tradições, marca as relações e os espaços de sociabilidades. As bebidas alcoólicas foram institucionalizadas como uma forma de expressão das euforias, nas comemorações, para alívio das tensões e das energias cotidianas. Elas fazem a demarcação da ludicidade da vida, do festejo e dos encontros entre amigos, principalmente em nossa sociedade, onde os bares são os principais estabelecimentos comerciais para ingestão destas substâncias.

O consumo de bebidas alcoólicas em bares durante a transmissão de partidas de futebol não surpreende a ninguém, pois já é instaurado como uma prática recorrente há algum tempo. Futebol e cerveja se associam um ao outro, tendo como referência principal seu encontro dentro dos bares. Não à toa, empresas de cerveja constantemente patrocinam eventos e clubes esportivos para divulgarem suas marcas.

Esse consumo dentro dos bares se submete às relações sociais que são realizadas no interior desses estabelecimentos, traduzidos em redes sociais e formas de reciprocidade que vão

além da condição do consumo, mas também o seu limite. Assim, o beber socialmente é aceito enquanto uma prática positiva, realizada no bar entre os frequentadores, para não prejudicar a sociabilidade possível nesses espaços, tendo o componente alcoólico como “desinibidor social”. Não devemos deixar de lado, também, a possibilidade existente de o consumo excessivo gerar problemas para a sociabilidade.

Considerado pelo Estado brasileiro uma droga lícita, o álcool é aceito na sociedade e vendido por preço acessível. Além de ser facilmente encontrado, o seu consumo dentro dos bares é parte do imaginário vinculado à assistência de eventos esportivos. O álcool e o futebol fundamentam uma busca por excitação do espectador, maximizam em conjunto a experiência do torcer e da sociabilidade nos bares.

Nesta experiência, a do álcool e do esporte, o bar surge como o espaço para o coletivo das emoções proporcionadas pela experiência de vibrar, torcer e se frustrar. O bar é um espaço que encoraja o uso do álcool, e o imaginário social, gera melhor sociabilidade, criando redes e vínculos ocasionados por uma alcoolização controlada (CAMPOS; REIS, 2010).

A ingestão do álcool causa alterações comportamentais, físicas e psíquicas, passando a ser um problema não somente de interesse das áreas médicas científicas, mas também para as ciências humanas.

Por trás dessa experiência, a violência surge como um debate importante sobre o comportamento dos torcedores que ingerem álcool durante o acontecimento das partidas. Seria o álcool um propulsor da violência entre torcedores? A resposta dessa pergunta pode ser a proibição do consumo de bebidas alcólicas dentro dos estádios brasileiros pelo Estatuto de Defesa do Torcedor de 2003<sup>23</sup>.

A antropóloga Mary Douglas (1987) aponta como o consumo de bebidas alcólicas relaciona-se com a constituição de vínculos sociais e com os significados desses vínculos ritualísticos. Para a autora, estes retratam uma divisão do mundano e do sagrado diretamente nas práticas sociais. Douglas recusa-se a pensar que o consumo das substâncias alcólicas seja considerado pela Antropologia como patológico, dando a devida importância ao significado da ação e da substância para as culturas estudadas.

Portanto, a ingestão de álcool no bar é uma prática coletiva, representativa de um conjunto de valores que dependem dos indivíduos, grupos, sociedades, lugares e momentos em suas culturas. O beber no bar ainda possui uma conotação social dotada de regras de comportamento dentro do espaço em que se realiza a ação – uma forma de saber beber, dosando

---

<sup>23</sup> Lei nacional de número 12.299: “não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência”.

quantidade e autoconhecimento das suas capacidades de assimilar as mudanças emocionais e motoras causadas pelo álcool (Neves, 2003).

### 3.2 TELEVISÃO E *SETTING*

Dentro dos bares de *ethos* esportivo, frequentemente há televisores transmitindo eventos de diversos esportes, que transformam os consumidores do bar também em consumidores do esporte, ou telespectadores dos eventos esportivos transmitidos. Segundo Santos e Azevedo (2008), os espectadores que assistem pela TV parecem sentir a mesma emoção dos estádios.

A televisão – aparelho eletrônico de reprodução visual e auditiva instantâneo por via satélite – foi inventada em 1920. Raymond Williams (2016), em seu livro “Televisão: tecnologia e forma cultural”, escrito originalmente em 1974, a descreveu como uma experiência cultural de função social para atender demandas da sociedade, da economia e da política da época. Com sua popularização, fortaleceu o núcleo familiar americano enquanto um programa de lazer doméstico e inaugurou uma nova forma de comunicação, além da ampliação e da renovação de um novo mercado a ser explorado.

Com a modernização do futebol e dos meios de comunicação, o esporte se tornou um espetáculo para ser assistido (GASTALDO, 2005), isto é, a televisão destituiu o estádio da posição de único *locus* para a assistência do futebol, domesticando o esporte para um produto de consumo em lares, bares e restaurantes (WILLIAMS, 2016).

A transmissão de um jogo de futebol pela televisão mimetiza esta experiência de estar no estádio com um radinho de pilha ao ouvido. As diferentes câmaras acompanham as jogadas (ou outros lances) enquanto a voz em *off* do locutor define o que está acontecendo. É evidente que as duas experiências são diferentes: no estádio, o torcedor experimenta o compartilhar de um mesmo evento com milhares de outras pessoas, torna-se massa, dissolve-se na torcida de seu time, enquanto em sua casa, assistindo à televisão, tal fenômeno social coletivo praticamente não ocorre, salvo em circunstâncias muito especiais, como no momento de um gol importante, por exemplo (GASTALDO, 2005, p. 7).

Gastaldo ainda aponta como são dadas as interações dos torcedores em bar com o espaço em que estão, com base no que Erving Goffman chama de interação focada, isto é: “quando pessoas efetivamente concordam em sustentar durante um certo tempo um foco único de atenção cognitiva e visual, como em uma conversação, um jogo de tabuleiro ou uma tarefa coletiva levada a cabo por um círculo íntimo de colaboradores face a face”. Para o autor, nesses bares de *ethos* futebolístico o foco da atenção coletiva é sempre o aparelho de TV, e a ocupação do espaço é para uma melhor visualização da imagem transmitida. É durante o jogo que o bar

apresenta sua melhor ocupação, pois o público do futebol normalmente chega pouco antes e se vai logo ao fim da partida.

As imagens e o som que emanam durante os eventos esportivos no bar são produzidos pela mídia especializada e relatam o que o espectador está vendo, além de outros comentários sobre o esporte. Mesmo que haja música no bar, o horário das partidas é respeitado, pois o torcedor gosta de ouvir a narração e os comentários feitos pelos canais de transmissão, além das intervenções dos torcedores, que comentam a partida entre si pelas imagens ou que se desafiam verbalmente, como será observado mais adiante.

Assim, no bar com *ethos* futebolístico, os torcedores nunca estão de costas para a televisão, pois a mesma é um atrativo aos clientes, e o bar possui todo um arranjo interno que favorece a assistência às partidas, o consumo de bebidas alcoólicas e de comidas.

### 3.3 RITUAIS E *PERFORMANCES* DO TORCER EM BARES

A vida social é em seu curso marcada por diversos rituais. Embora as sociedades modernas neguem estes momentos enquanto parte importante de suas vidas, por considerarem relacionados ao que é tradicional e arcaico, os rituais são significativos nas nossas vidas. Entender os rituais e suas especificidades vai de acordo com a busca antropológica de compreensão da coerência na vida social, dos sistemas culturais complexos interligados e relacionados às cosmologias que por elas são orientados. A antropóloga Jean Langdon (2012) busca definir o ritual como ruptura do fluxo da vida cotidiana, como lugar e tempo delimitados e manifestação de símbolos, valores e ideias de mundo dos atores sociais.

Para a antropologia, o estudo do ritual se inicia com Van Gennep (1978), que estabeleceu o papel do ritual na sociedade, descrevendo sobre os ritos de passagem cerimoniais que representam as margens, as agregações e as separações, que marcam as mudanças transitórias de fases de vida e de *status* social dos indivíduos. Victor Turner, ao analisar o povo Ndembu (2005), aponta que os rituais servem para alimentar os espíritos que causam conflito, um comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina. O autor ainda considera o símbolo como portador das propriedades específicas do comportamento ritual, uma unidade última de estrutura, que é compartilhado por esse povo. Os rituais estabelecem e dão ordem a vida social do grupo, ainda, é por meio desse símbolo que o ritual é legitimado. Os rituais, segundo Turner, além de serem importantes para o povo Ndembu, aconteciam de forma fixa e rotineira e permitiam ir além das mudanças de *status* e posição, descritas por Van Gennep, provocando mudanças de estados mentais, sentimentais e culturais. Ressalta-se, e a importância

dos estados de liminiedades, parte processual do ritual transitório em que os indivíduos são dados como mortos socialmente para depois vir a renascerem; durante a liminiedade, os indivíduos não são nem o que eram, nem o que serão.

Pensando no cotidiano da contemporaneidade, Mariza Peirano (2003) coloca ênfase na importância do conteúdo do ritual. A autora prefere não defini-lo com rigidez, pois o ritual precisa ser compreendido etnograficamente, levando em consideração a perspectiva do “outro” diferente, de grupos que não pensam ou agem como “nós”. Assim, rituais são, para a antropóloga (2002), tipos especiais de eventos, podendo ser ordinários, formalizados e estereotipados, em que haja uma ordem estrutural e um sentido de acontecimentos com um propósito coletivo, norteados pela percepção de que são diferentes. Deste modo, entender os rituais é entender as ações sociais que se realizam nas visões de mundo partilhadas entre os indivíduos, e dos indivíduos em comunicação com a natureza, deuses, demônios, entre outros; os eventos rituais acontecem por intermédio de palavras ou atos culturais e acentuam o que é comum na sociedade.

Dentro do ritual, Peirano afirma que a eficácia é a principal força atuante que, fora da razão, soma-se às estruturas do ritual. Proposta por Mauss (1974), a eficácia é o lugar onde o poder mágico se une à comunicação e às ações dos rituais, indispensável ao poder de crença naquilo que se é ritualizado. Não se percebe a magia, mas nela se crê, se vive.

A autora ainda faz referência ao antropólogo cingalês Stanley Tambiah, que pormenorizou o ritual enquanto um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído por uma ordem sequencial de palavras e atos que se diferenciam em suas formalidades, categorias, condensações e redundâncias. O ritual, de acordo com Tambiah (1973), é essencial para o entendimento das eficácias por defender os espaços de reconciliação estrutural dos símbolos e suas eficácias nas regras morais de conduta da vida social, entendendo que a linguagem da magia não era qualitativamente diferente das outras formas de linguagem, mas uma forma intensificada e dramatizada da linguagem usual. Para Tambiah, a magia é objetiva em transferir uma qualidade ao recipiente, seja pela linguagem ou por substâncias e objetos rituais, explicando a importância da cosmologia para rituais de cura budistas na Tailândia por meio da meditação.

Tambiah ainda rompe com algumas noções de rituais fixas e extraordinárias, em que, para ele, o caráter performativo do ritual se enquadra nas relações dotadas de cosmologias entre forma e conteúdo. Por isso, Mariza Peirano prefere não definir ritual de uma forma rígida, pois é somente através de uma determinada cosmologia que se pode explicar por que mitos, ritos,

tabus, entre outras expressões construídas em um sistema de cosmologias e culturas, se apresentam com tanta essencialidade, por sua eficácia.

Se o jogo de futebol é uma religião e cada clube uma divindade, toda partida é rito, como indica a própria ordem da palavra, vinda do sânscrito *rita*, "ordem", "regra", "ritmo", isto é, conjunto de atos repetitivos que se supõe estabelecer ou recuperar certa ordenação cósmica ou humana. Com efeito, toda partida de futebol é constituída por gestualidades e sonoridades próprias que possuem significância para todos os envolvidos. Se os opositores veem nesse esporte apenas um espetáculo vazio de conteúdo, é por não se darem conta de que o rito é o ato cuja eficácia não resulta de encadeamento empírico de causas e efeitos (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 270).

A eficácia, conforme Peirano (*apud* Tambiah, 1985), deriva do caráter *performativo* dos ritos em três fases: em ser um ato convencional (exemplificado com o *sim* ao padre em um casamento); nas formas de comunicação daqueles que se envolvem e experimentam intensamente o evento (carnaval brasileiro); e nos valores que são vinculados ou inferidos pelos autores durante as *performances* (identificação de um time campeão). Isto é, os rituais são constructos ideológicos particulares e que partilham traços formais e padronizados – forma e conteúdo – enquanto formas de manipulação do símbolo. Deste modo, não há como qualificar um ritual como errado ou falso, de sentido causal, mas mal elaborado, inválido ou imperfeito.

Justapostas às noções antropológicas de rituais, as *performances* marcam identidades, contam estórias, determinam o comportamento cultural e os papéis sociais a serem interpretados durante momentos artísticos, rituais ou da vida cotidiana, que, segundo Richard Schechner (2006), são comportamentos restaurados, ou duas vezes experienciados dos mostrar-se fazendo, isto é, são ações individuais em um meio coletivo já realizadas antes. *Performance*, por ser um termo emprestado do teatro, deixa clara a importância do treino e da prática e pode também ser aplicável a fatos da vida cotidiana que ajustam os papéis sociais demarcados e inseridos na cultura, entre elas, os rituais.

As *performances* artísticas moldam e marcam suas apresentações, sublinhando o fato de que o comportamento artístico é 'não pela primeira vez', mas feito por pessoas treinadas que levam comportamento altamente estilizado, assim como nas danças dos povos nativos australianos. Ou pode ser congruente ao comportamento da vida diária, como no naturalismo. Além das *performances* artísticas, existem os esportes e os entretenimentos populares, que variam do circo ao rock, e, claro, os papéis da vida diária (Schechner, in: LIGIERO, Zeca. *Performance* e antropologia de Richard Schechner. 2011, p. 49).

A Antropologia da *Performance* investiga a compreensão das dimensões de exibição da exibição, do mostrar-se fazendo, entendendo o papel do ator, da plateia e de outros elementos dramáticos envolvidos no teatro da vida social. *Performance* se difere diante das hierarquias existentes que cria durante o arrebatamento – não ser uma ou outra coisa, mas ao mesmo tempo ambas –, uma nova forma de organização, contraditória à estrutura já existente. As máscaras,

esses papéis sociais que são adquiridos conforme o indivíduo ache necessário e o ambiente propicia seu uso. Assim como no teatro, a base da *performance* social também necessita de treino e prática para melhor interpretação: *performances* são dadas através de comportamentos restaurados, já vivenciados, e que interferem tanto na atuação quanto no resultado proveniente da ação.

Interpretar essas *performances* é a dedicação da disciplina que as entende como individualidades representativas e identificações comportamentais de experiências revividas, fundamentada e empiricamente para entender o teatro e os rituais que são identificados nos dramas sociais, definidos por Turner (1996) como:

Uma sucessão encadeada de eventos entendidos como perfis sincrônicos que conformam a estrutura de um campo social a cada ponto significativo de parada no fluxo do tempo [...] representam uma complexa interação entre padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas de condicionamento e da experiência social e as aspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos no aqui e no agora (p. 21-22).

Erving Goffman (2009) declara que, presente dos momentos extraordinários aos cotidianos, o mundo social é um palco onde os indivíduos se destacam como atores e plateia uns dos outros, desempenhando papéis que já foram preestabelecidos socialmente e que são repletos de interesses. Esses papéis sociais são comportamentos desempenhados, ou *performatizados*, como rituais que ditam as regras das relações sociais de acordo com a plateia que está recebendo o espetáculo dos atores-sociais, sendo assim, cada ator desempenha papéis diversos em diferentes circunstâncias, estabelecidos de acordo com as hierarquias e expectativas já previamente definidas aos encontros: diferentes papéis quando em casa, no trabalho, ou no bar, torcendo por um time de futebol.

Sendo o papel social negociado e compreendido nas interações sociais, cada relação se dá, de maneira consciente ou não, com a plateia com que se relaciona. Assim, a representação do seu “eu”, ou a sua *performance* será executada para não correr riscos de não ser adequada às já convencionadas. A isto o autor denomina *fachada*, que corresponde ao *status* social coerente ao tipo de atividade em que o ator social se dedica em um determinado momento.

A partir do debate antropológico de rituais e *performance*, o torcer de futebol em bares são momentos rituais que se rompem com o cotidiano do trabalho e da casa, mas também não se torna um momento extraordinário, a salvo nos finais de campeonatos e nos jogos de Copa do Mundo, quando as partidas tomam rumos que extrapolam o momento do lazer, gerando tensão e ansiedade ao torcedor durante os momentos denominados comuns.

Das diversas *performances* que executam os torcedores, o comportamento que atuam no bar diante de outros torcedores por comunicações e posicionamentos verbais e gestuais, sejam intencionais ou não, se mostram executando o ato de torcer, expressando um alinhamento com aquilo que deseja executar, e essa pesquisa busca por interpretar esses padrões performativos diante das interações sociais executadas por torcedores de futebol em bares.

## **4 - O TORCER EM LONDRINA**

### **4.1 A CIDADE DE LONDRINA E O BAR BRASIL**

A cidade de Londrina, localizada no norte do Paraná, é, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é uma cidade de porte médio que possui pouco mais de 550 mil habitantes (IBGE, 2018). Apesar da existência de apenas uma agremiação profissional de futebol no município, o Londrina Esporte Clube (LEC), fundado em 1956, ainda possui o futebol como atividade que cinge diversas das relações sociais da cidade e os momentos de lazer de seus habitantes, pela prática esportiva ou assistência do futebol em bares e estádios. Além disso, o futebol na cidade de Londrina é tema muito recorrente nas identificações sociais dos londrinenses, enquanto corintianos, palmeirenses e torcedores de outros times.

A cidade foi fundada no ano de 1934 pelos ingleses da Companhia de Terras do Norte Paranaense, como um ponto estratégico de ligação ferroviária entre os estados do Paraná e de São Paulo. Desta forma, a cidade tornou-se conhecida por suas terras vermelhas favoráveis à agricultura, o que atraiu inúmeros imigrantes, principalmente provenientes dos estados de Minas Gerais e São Paulo para a ocupação do território e para trabalho nas fazendas cafeeiras. Estas últimas foram as grandes motrizes de crescimento e desenvolvimento da região. Segundo a socióloga Ana Maria Chiarotti de Almeida (1997), em um Brasil que experimentava a industrialização durante o governo Vargas (1930-1945), a cidade de Londrina passou a ser base comercial e logística de uma rede de produção agrícola para servir às necessidades das populações urbanas e rurais da cidade e da região, inclusive para o interior sul do estado de São Paulo.

Atualmente, a cidade de Londrina é um centro urbano de referência econômica, industrial, financeira e administrativa do Paraná, sendo a segunda maior cidade em extensão e em população do estado, atrás de Curitiba, e a quarta maior cidade da região sul do Brasil. Juntamente a essas matrizes econômicas e de prestação de serviços, a cidade de Londrina

também se manifesta enquanto um polo educacional, e continua atraindo para a cidade migrações de pessoas de todo estado e de todo o país.



Figura 1. **Localização de Londrina no mapa brasileiro.** Fonte: Google Maps, 2019.

Em uma cidade marcada pela imigração para sua fundação e seu desenvolvimento, o modo de torcer do futebol dos londrinenses resulta em uma mescla de diferentes formas de torcer de outros estados. Apesar de o Londrina Esporte Clube ser um clube de elite do futebol paranaense, e de segunda divisão do Campeonato Brasileiro, a torcida, costumeiramente, o tem enquanto um segundo time a se torcer, pois a preferência é dada a times de maior tradição e de mais conquistas no futebol brasileiro, principalmente equipes do eixo Rio-São Paulo ou do Rio Grande do Sul. A maior torcida na cidade de Londrina é do *Sport Club Corinthians Paulista*<sup>24</sup>.

A grande adesão da torcida londrinense por clubes de outros lugares e outros estados se dá, principalmente, por uma trinca de explicações que podem se fundir: a) o fraco desempenho do Londrina Esporte Clube diante de um grande e disputado cenário futebolístico nacional; b) o torcedor ou sua família não são de origem londrinense e torcem para time de sua terra natal;

<sup>24</sup> LANCE!; IBOPE, 2018.

e c) a grande influência nos modos de torcer através das mídias, como rádio e televisão, que priorizam a transmissão nacional de partidas com conteúdo de equipes do sudeste, em que os torcedores locais criam laços com outras equipes. Há ainda, em Londrina, outros clubes de futebol não-profissional que disputam campeonatos de menor escala, destacando-se a Associação Portuguesa Londrinense, que pertence à segunda divisão do estadual. Alguns torcedores possuem uma bifiliação de equipes “do coração”; comumente o torcedor se compromete a torcer para o time da sua cidade ou da região, de preferência aquelas equipes do interior e de menor investimento num cenário nacional, sem deixar de ter uma equipe nos grandes campeonatos nacionais, ou até equipes de outros países (VASCONCELOS, 2014).

No Brasil, a torcida mista opta principalmente por torcer para uma das quatro equipes de maiores prestígio no Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense), em São Paulo (São Paulo, Santos, Corinthians e Palmeiras) ou a dupla do Rio Grande do Sul (Grêmio e Internacional). Esses torcedores de dupla filiação são denominados pejorativamente, sobretudo por torcedores de um clube só, como torcedores “mistos”, uma forma de criticar o torcedor de clube, de outros estados ou estrangeiros, como impuros, já que, no imaginário do torcedor, o futebol é marcado pelo *status* de “amor eterno” a um único clube, onde se deve fidelidade e se recebe o sentimento de pertencimento. Ainda, podemos entender a opção de torcer no futebol como tipos de “capital” que atravessam o “campo” do futebol. O sociólogo Artur Vasconcelo (2014) empresta os conceitos de Bourdieu para expressar essa escolha de equipes por via de uma tipologia instituída por seis capitais que configuram a liderança do cenário futebolístico nacional entre clubes: a) capital político – que descreve o poder de decisão na organização do futebol no Brasil; b) capital econômico – que vem a ser a quantidade de dinheiro que o clube gera em suas receitas e que reflete nas contratações efetuadas; c) capital simbólico – isto é, os títulos conquistados categorizados em ordem de importância como mundial, continental, nacional, regional e estadual; d) torcida – também considerada como um capital simbólico, mas exaltado pela fidelidade e quantidade; e) jogadores – marcados pelo simbolismo da idolatria, que relacionam da técnica ao carisma; e, f) capital midiático – baseado na importância que a equipe toma dentro dos meios de comunicação e a exposição do clube nessas mídias.

A relação de Londrina com o torcedor misto torna o futebol ainda mais consumido na cidade. Não dependendo somente do Londrina Esporte Clube para torcer, portanto, é comum, essencialmente em bares, que haja a transmissão dos jogos de outras equipes, como Palmeiras, São Paulo, Flamengo, Corinthians, Grêmio, entre outras. Essas transmissões são acompanhadas por torcedores dessas equipes através da televisão, principalmente pela distância geográfica de

Londrina com os estádios desses times, ou por pessoas interessadas na partida. Neste cenário, o Bar Brasil se configura como o local de maior preferência para os torcedores em Londrina para assistir partidas de futebol. O Bar Brasil é, inclusive, utilizado como ponto de encontro da maior torcida organizada do Londrina Esporte Clube, Falange Azul, quando o time joga longe do Estádio do Café, o estádio da cidade.



Figura 2. Fachada do Bar Brasil durante o dia. Foto do autor, 2018.

O “Bar Brasil” foi inaugurado no ano de 1941, na esquina da avenida Hugo Cabral com a rua Piauí, e mesmo mudando algumas vezes de proprietário, ainda carrega com orgulho o fato de ser o bar mais antigo de Londrina. Está localizado na principal região da cidade, a poucas quadras do Terminal de Transporte Coletivo e em frente ao Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina. O Bar Brasil tem características populares próximas ao que se imagina de um botequim “pé sujo” (MELLO, 2005). Ou seja, trata-se de um estabelecimento em que o ambiente físico é composto apenas por balcão, cadeiras e mesas; e, no balcão, há um espaço para a caixa registradora junto à gôndola de doces, decorado por pôsteres que trazem informações sobre promoções de produtos e até mesmo avisos de que “não se vende fiado<sup>25</sup>”. Possui ainda garrafas de cachaça dispostas em prateleiras pelas paredes do bar, cardápio com culinária típica (como pastéis, sanduíche de pernil e porções de batata frita, frango frito e torresmo). Vale destacar que a relação entre os proprietários, os funcionários e os clientes geralmente é marcada pelo bom humor. Existe ainda uma política de baixo preço, que funciona como um atrativo aos clientes, além das promoções diárias que são anunciadas em um clássico do botequim, o quadro negro escrito a giz localizado na calçada.

<sup>25</sup> Compra realizada a crédito, em que o cliente deixa para pagar outro dia.

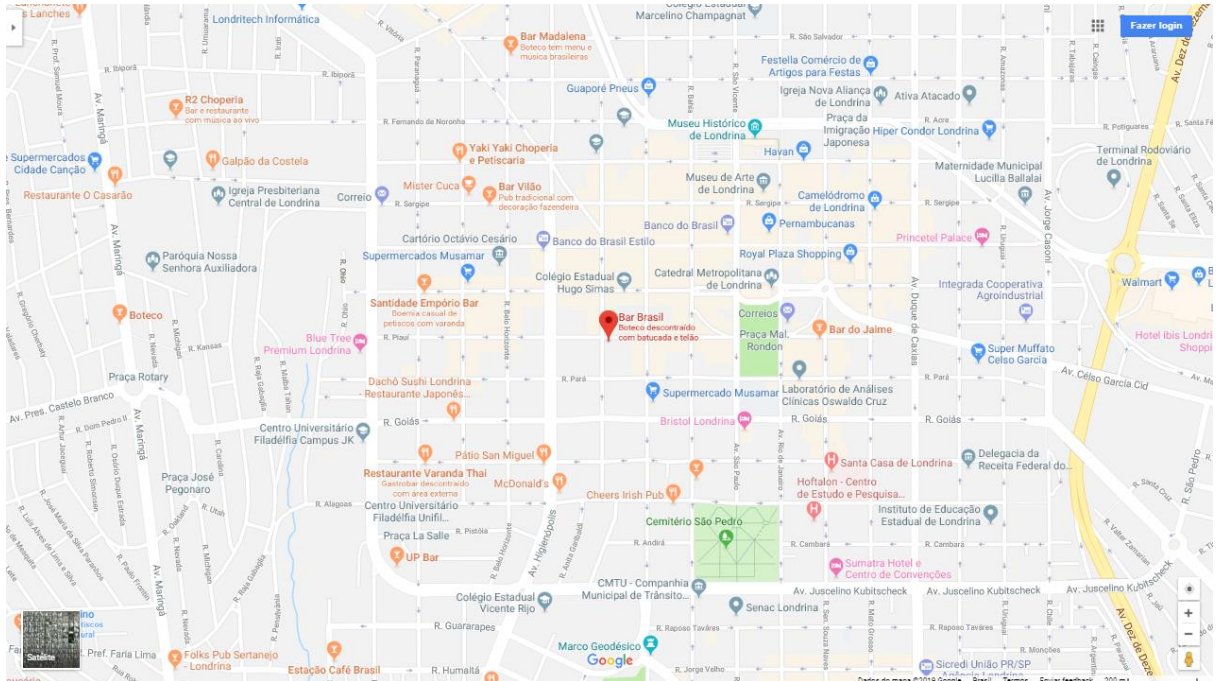


Figura 3. Localização do Bar Brasil no mapa de Londrina. Fonte: Google Maps, 2019.

Atualmente o Bar Brasil tornou-se um estabelecimento espacialmente grande na cidade, com capacidade para 300 pessoas<sup>26</sup>, e conta com duas alas, a de botequim e a do “estádio-bar”. Este último, assim denominado pelos proprietários, é um espaço que possui as mesas enfileiradas em degraus que se parecem aos de uma arquibancada de estádio e que, como uma sala de cinema, tem uma iluminação leve para um ambiente mais escuro e com uma configuração que favorece a visão para um grande telão. O bar se dispõe a ser um confortável um espaço de lazer, de sociabilidade cotidiana e de encontros culturais em Londrina, mas, entre todas essas características, a sua principal é a de ser um centro de transmissão do futebol, principalmente pela presença de um telão e de televisores em cada ala do espaço. O “BarBra”, como é denominado pelos londrinenses, se proclama “o bar de todas as torcidas do Brasil” e utiliza-se de redes sociais para promover eventos, principalmente os futebolísticos, informando as promoções e as partidas a serem transmitidas.

<sup>26</sup> Segundo o registro de autorização do Bar Brasil junto ao Corpo de Bombeiros de Londrina-PR e fixado em uma das paredes.

SÉRIE A  
É NO BAR BRASIL

QUARTA DE  
FUTEBOL

19h00  
FLUMINENSE X SANTOS

21h00  
PALMEIRAS X FLAMENGO

21h45  
BAHIA X CORINTHIANS

21h45  
INTERNACIONAL X VASCO

PROMOÇÕES

LANCHE DE PERNIL  
15,00

BATATA C/ QUEIJO  
E BACON  
17,00

EISENBAHN  
4 POR  
37,00

IMAGENS ILUSTRATIVAS

Figura 4. Arte de chamada do Bar Brasil nas redes sociais. Fonte: Facebook, 2018.

O Bar Brasil foi comprado por Dona Mara a 30 anos, de uma família de espanhóis que construiu o bar e possuía diversos prédios e comércios pela cidade. Assim, o Bar Brasil já fazia parte do cenário e do lazer local, frequentado pelos boêmios da cidade. Comprado por Dona Mara, o bar manteve a condição de ser uma empresa familiar, isto é, onde a família trabalhava servindo bebidas e comidas. Segundo ela, o boteco se resumia a um espaço de 40 metros quadrados, que foi se transformando e aumentando ao longo dos últimos anos.

Por conta da grande movimentação de trabalhadores da construção civil durante o processo de verticalização urbana que ocorria em Londrina, Dona Mara, que fechava o bar às 21h00 horas, ouvia muita reclamação de seus clientes por fechar o bar durante o “melhor horário”. A proprietária ainda conta que sua clientela não ficava restrita somente aos trabalhadores da construção, mas incluía diversos públicos, como professores, pessoas que saíam dos cinemas, jornalistas, fazendeiros e pessoas da região. Após as diversas queixas dos

clientes pelo horário de funcionamento, o Bar Brasil passa a funcionar até mais tarde, e se tornando cada vez mais um *point* londrinense, isto é, um ponto de encontro.

Dona Mara ainda conta ainda que o bar foi um dos primeiros a ter televisão instalada, e que, desde o início, já era um fator que trazia mais clientes, juntamente com o seu famoso lanche de pernil<sup>27</sup>, que pertence o circuito gastronômico da cidade. Dona Mara lembra que essas são apenas algumas vírgulas das histórias do Bar Brasil, que é comparável a um senhor de idade a pleno vapor.

Atualmente o bar funciona das 16h00 a 01:00 hora da manhã, de terça a sexta-feira; aos sábados de 16h00 a meia-noite e aos domingos das 15h00 às 23h00. São horários estratégicos para abranger as transmissões de futebol das equipes nacionais, que comumente acontecem às terças-feiras, quartas-feiras, sábados e aos domingos. Há adequações também para jogos e eventos especiais que acontecem em outros países, como finais de campeonato europeus, Copas do Mundo ou outros esportes, como o basquete e o futebol americano. Durante a Copa do Mundo de 2018, na Rússia, o Bar Brasil abriu às 7h00 para transmitir a partida entre Brasil e Costa Rica que acontecerias as 09h00, e serviu, além das opções do cardápio, café da manhã com pão na chapa, café e pingado.

---

<sup>27</sup> Em 2014, durante entrevista ao portal Baixa Experimenta, Dona Mara descreve seu sanduíche de pernil como pernil ao molho de vinho com ervas, que é cozido, desfiado posto no pão francês e servido com queijo, tomate e abacaxi com pimenta, podendo ainda ser acompanhado com batata ou mandioca frita.



## TORCEDORES, TORCIDAS E TIMES POR LONDRINA

A cidade de Londrina gosta de futebol, para jogar e assistir. Nota-se o jogo nas praças do centro, nas ruas da periferia, no estádio municipal em que o Londrina Esporte Clube manda seus jogos, nos restaurantes e bares da cidade. Não à toa, sabendo da quantidade de torcedores em todo o norte paranaense, equipes paulistas costumam sediar alguns de seus jogos – de campeonato ou amistosos – na cidade, buscando obter altas rendas e agradar o torcedor local, que sempre enche o Estádio do Café.

A torcida do Londrina que vai ao estádio costuma variar, de acordo com o desempenho da equipe: quando o tubarão vai bem, ela enche o estádio nos jogos na cidade, mas enche os bares em jogos “fora de casa<sup>28</sup>”. Segundo os torcedores do Londrina no Bar Brasil, dado os valores dos ingressos e os problemas de conforto do estádio, é melhor acompanhar o time do bar, onde geralmente só se paga o que é consumido. No caso do Bar Brasil, não há uma cobrança de valor pela entrada do torcedor, mas uma regra não falada deste acordo é a obrigatoriedade do consumo, por menor que seja o valor do produto.

Como dito anteriormente, na cidade de Londrina existem torcedores de variados times, do país e do estrangeiro. Com base na pesquisa Lance!/IBOPE (2018), os quatro grandes clubes paulistas – Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo – são mais populares e possuem vantagem em relação aos demais. O Londrina Esporte Clube, time da cidade, recebe bastante afeto dos torcedores, porém normalmente é deixado como um time em segundo plano, já que há alguns anos não figura nas grandes competições nacionais de futebol. A torcida flamenguista também é numerosa, e costuma ir em peso ao Bar Brasil, assim como a do Grêmio.

Diante dos estádios da cidade e de outros bares com *ethos* de futebol, o Bar Brasil se destaca por sua tradição, estrutura e *setting*, que estimulam, com os torcedores, a prestigiar na cidade o fenômeno esportivo mais admirado no Brasil, reafirmando a importância do bar no circuito cultural da cidade e explicando, um pouco, a presença dos torcedores.

Os torcedores de Londrina, como em outros lugares do Brasil, chegam ao bar esperançosos na vitória de suas agremiações; eles gritam, xingam, cantam e expressam distintas formas de motivação ou desaprovação ao jogo. Os torcedores do Bar Brasil se destacam por serem torcidas de times diferentes e de longe da cidade, na maioria das vezes, o que faz do bar arquibancada para torcedores longe dos estádios de seus times, como forma de suprir a distância

---

<sup>28</sup> Jogar “em casa” e “fora de casa” são categorias êmicas do torcedor para definir jogos em que a equipe para a qual torcem jogam dentro de seu estádio ou fora dele.

das arquibancadas reais. O certo é que, mesmo em cidades onde os estádios são mais próximos, os bares ainda são um *locus* da assistência de futebol, mas com força simbólica diferente.

Diante das observações pré-campo, foram analisadas quais torcidas mais acompanhavam seus clubes no Bar Brasil, e feita uma lista de times a serem assistidos e de torcidas a serem acompanhadas dentro do bar por interações feitas pelos torcedores, determinando também as competições, já que quanto maior o grau de importância e de prestígio de uma competição, ou a importância simbólica do jogo – como clássicos estaduais ou finais de campeonatos –, maior é a tendência da participação dos torcedores.

O torcedor chega ao Bar Brasil sozinho ou acompanhado, mas, na maioria das vezes, o bar é ponto de encontro para torcedores que nem sempre torcem para o mesmo time, e que, dependendo da lotação do bar, às vezes nem mesmo se conhecem. Existe, no Bar Brasil, a preferência pela ala estádio-bar, talvez por ser um espaço mais amplo e um ambiente como um cinema. Torcedores mais velhos optam pelos balcões do bar, ou mesmo as cadeiras da ala boteco. Algumas vezes, o gerente do bar faz a opção de passar jogos diferentes nas alas, separando as torcidas pelos espaços em que será transmitido o jogo que lhes agrada. Como o lugar não possui o *ethos* de ser bar de apenas uma torcida, é comum vermos no Bar Brasil torcedores lado a lado com camisetas de clubes diferentes. Por isso, é um espaço acolhedor para todos os torcedores, que não se sentem mal por estar em um “reduto de adversários” e que cooperam com as campanhas dos clubes brasileiros contra a violência entre torcedores: “rivals sim, inimigos nunca!”.

No geral, a presença de diferentes torcidas no bar se dá por o jogo nunca ser de uma equipe só, mas uma disputa entre equipes. Diante da diversidade em transmissão de partidas disponíveis nas televisões do Bar Brasil, embora deem maior visibilidade para as partidas de torcidas que mais frequentam o bar, outras partidas são também disponibilizadas em televisores menores. Com o sistema de *pay-per-view* adotado pelas redes de televisões e alguns campeonatos e ligas, nem todos os jogos são disponíveis em televisão aberta para os torcedores em casa, obrigando a assinatura desses canais fechados ou a procura por lugares que transmitam esses jogos.

Sentar-se no bar não é uma mera formalidade, sempre se decide pelo lugar de forma estratégica, mesmo que despretensiosamente: de acordo com o espaço para quantidade de companhia, iluminação, volume da música e, principalmente, visão ampla para os telões ou televisão. Assim, os donos procuram contemplar todas as preferências dos clientes neste quesito. A questão do balcão de bebidas para os clientes não é importante, já que o bar conta com atendimento de garçons às mesas.

Durante os dias de futebol, principalmente quarta-feira e domingo, o bar ainda é um espaço majoritariamente masculino, mas, por alguma razão, durante os jogos de algumas equipes o número de mulheres é maior, principalmente para Corinthians e Palmeiras. Durante jogos da Copa do Mundo, a maioria dos torcedores no bar eram mulheres, e nas sextas-feiras e sábados, o público feminino costuma ser também numeroso.

O bar é, em sua maioria, frequentado por pessoas de classe-média, que durante os eventos de jogos desfilam suas indumentárias clubísticas formando um quadro colorido e de fácil identificação. A camisa de futebol é um espetáculo à parte, já que muito do *status* do torcer está na camiseta que o torcedor veste, sendo avaliados a raridade, a idade, o nome ou o número do jogador estampado nas costas e os títulos que o clube conquistou durante aquela temporada – já que os clubes costumam mudar a camisa a cada ano. A camisa sempre é uma discussão entre os torcedores no bar, sendo motivo de gozação para os rivais, que a chamam de feia, ou gerando uma conversa sobre a história que ela representa.

Mesmo o Bar Brasil sendo um espaço de convivência lúdica, a maioria dos torcedores apresenta um padrão de chegar quase no início do jogo, e de sair quase de imediato ao seu término, salvo aqueles que podem e desejam ficar um tempo maior. As partidas de meio de semana costumam acabar apertado da meia-noite, o que atrapalha um pouco aqueles que trabalham no dia seguinte. Nem todo frequentador do bar está lá pelo esporte, assim, o término da partida não demarca a eles o tempo de ir embora.

A bebida mais consumida é a cerveja. Há nove marcas diferentes em garrafa, entre nacionais e importadas, seis tipos de chopp, sendo dos tipos *pilsen*, *ale* ou *ipa*; em seguida, a cachaça é a mais pedida pelos clientes. O Bar Brasil ainda conta com variedade de bebidas alcoólicas servidas em dose, como *whisky*, conhaque, *vodka*, tequila, vinhos, entre outras. Existem também opções para aqueles que não optam pelo álcool, como sucos, refrigerante e água. Porém, os orgulhos do bar são seus pratos, que fazem parte do roteiro gastronômico da cidade, sendo o mais famoso o sanduíche de pernil, seguido pelo “buraco quente”,<sup>29</sup> pelo macarrão com diversos tipos de molho, além de vários tipos de pastéis e porções.

---

<sup>29</sup> Sanduíche de pão francês, carne-moída ao molho e queijo mussarela.

TÁBUA DE PORÇÕES		Média Grande	
MMX de contra filé, batata e cebola frita	R\$ 35,00	R\$ 50,00	
MMX de contra filé, mandioca e cebola frita	R\$ 35,00	R\$ 50,00	
MMX de batata, mandioca e cebola frita	R\$ 30,00	R\$ 42,00	
MMX de linguica de porco, mandioca e bacon	R\$ 32,00	R\$ 42,00	
MMX de costelinha, mandioca, onion ring e bacon	R\$ 32,00	R\$ 44,00	
MMX de torresmo, mandioca e bacon	R\$ 35,00	R\$ 50,00	

CARNES		Preço
Frango a Passarinho	R\$ 23,00	
Costelinha de Porco	R\$ 22,00	
Torresmo	R\$ 20,00	
Contra-Filé	R\$ 33,00	
Linguica de Porco	R\$ 23,00	
Isca de Tilápia	R\$ 33,00	

*Fazemos 1/2 porção que será cobrado 50% valor da inteira*

PRATOS QUENTES		Preço
Macarrão da Cabárie <small>macarrão fresco, calabacete, tomate, molho caseiro, carne moída e outros condimentos</small>	R\$ 13,00	
Macarrão Alho e Óleo	R\$ 14,00	
Macarrão Bolonhesa <small>macarrão fresco, carne moída, tomate, molho caseiro e queijo</small>	R\$ 13,00	

LANCHES		Preço
Lanche de Contra-Filé <small>pão, contra-filé, cebola, queijo, acompanhado com batata e folha de alface. *acompanha molho especial</small>	R\$ 22,00	
Lanche de Frango Catapirny <small>pão, frango, cebola, queijo, acompanhado com batata e folha de alface. *acompanha molho especial</small>	R\$ 22,00	
Lanche de Porco Completo <small>pão, rechão de porco desfiado, queijo, tomate, abacaxi caramelizado. Acompanha batata e folha de alface</small>	R\$ 20,00	
Lanche de Porco Simples <small>pão, rechão de porco desfiado, queijo, tomate, abacaxi caramelizado</small>	R\$ 14,00	
Lanche Baraco Quente <small>pão, carne moída, queijo e tomate</small>	R\$ 12,00	
Lanche Brasil Fit (Vegetariano) <small>pão 100% integral, queijo, alface, tomate, cebola e tomate</small>	R\$ 22,00	

PRATOS DE INVERNO		Preço
Caldo de Feijão	R\$ 14,00	
Caldo de Mandioca	R\$ 16,00	
Caldo Bar Brasil	R\$ 18,00	
Dobradinha	R\$ 25,00	

PASTÉIS		Preço
Pastel de Frango Catapirny	R\$ 3,50	
Pastel de Carne	R\$ 3,00	
Pastel de Carne e Queijo	R\$ 3,50	
Pastel de Pizza	R\$ 3,50	

FRITOS		Preço
Porção de Batata Frita com Queijo e Bacon	R\$ 22,00	
Bolinhas de Carne e Queijo	R\$ 26,00	
Porção de Pastel Misto	R\$ 23,00	
Batata	R\$ 20,00	
Porção de Mandioca	R\$ 20,00	
Porção de Mandioca com Queijo e Bacon	R\$ 22,00	
Bolinha de Carne	R\$ 22,00	
Bolinha de Queijo	R\$ 22,00	
Porção de Pastel de Carne	R\$ 22,00	
Porção de Pastel de Queijo	R\$ 22,00	
Porção de Pastel de Frango Catapirny	R\$ 22,00	
Porção de Pastel de Pizza	R\$ 22,00	

*Fazemos 1/2 porção que será cobrado 50% valor da inteira*

FRIOS		Preço
Porção de Salame	R\$ 25,00	
Porção Mista de Frios <small>Arrozina</small>	R\$ 32,00	

Figura 7. Reprodução do cardápio de pratos do Bar Brasil. Imagem do autor, 2019.

O bar adota um sistema de fichas para a venda de seus produtos, principalmente para as cervejas. Essas fichas são vendidas em um balcão separado e trocadas pelos produtos no balcão ao lado. Existem também garçons circulando no bar, mas o atendimento por fichas funciona igual, os garçons vendem os produtos mediante o pagamento antecipado.

Existe no balcão principal uma ficha onde os administradores do bar anotam os pedidos de alguns clientes sem que esses paguem adiantado; esse atendimento é especial aos clientes mais assíduos e acontece por intermédio da confiança de que, ao ir embora, o cliente passe no balcão acertar a sua conta.

#### 4.2 TORCER NO BAR BRASIL

Nesta subseção descrevo etnograficamente as experiências que tive em pesquisa junto aos torcedores em meu campo de análise, o Bar Brasil. Os eventos estão representados de acordo com as partidas, em ordem cronológica, a partir da Copa do Mundo de 2018 e, após seu término, com partidas da Copa do Brasil, do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores da América. As equipes foram acompanhadas de acordo com um pré-campo em que foram listadas as equipes que mais compareciam e interagiam no bar durante os dias de jogos. Minha interação

com os torcedores foi distanciada, dada por conversas casuais que aconteciam dentro do bar, como costuma acontecer entre os torcedores.

## **22/06/2018 Brasil e Suíça**

1-1 (Copa do Mundo, fase de grupos, domingo – 15h00)

A presente pesquisa começa antes da Copa do Mundo de Futebol de 2018, mas é a partir dela – marco do início do campo etnográfico – que algumas dimensões do futebol se apresentaram de forma diferente. A primeira partida do Brasil na competição acontecia contra a Suíça em um domingo, 17 de junho, marcada para as 14h00, e eu havia reservado alguns lugares para mim e alguns convidados assistirmos àquela partida no Bar Brasil, mediante um depósito caução de cinco reais por cadeira. Cheguei por volta de 12h30, já não encontrando espaço para estacionar próximo e observando que as ruas laterais ao bar, que fica em uma esquina, já estavam todas tomadas por torcedores, em sua maioria com camisetas amarelas, rostos pintados com as cores nacionais ou faixas na cabeça escritas “hexa”, “Neymar” e “100% Jesus” – alusão a uma faixa que Neymar utilizou para celebrar a medalha de ouro nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2014. Pela primeira vez, vi que apenas uma das portas estava aberta, sob a vigilância de um segurança que barrava a entrada de torcedores. Persuasivo, consegui entrar sob o pretexto de já ter reservado lugar.

Adentrando ao bar não encontrei cadeiras livres como tinha combinado com Rhay, gerente do bar e filho dos proprietários Seu Brasil<sup>30</sup> e Dona Mara, e o comuniquei que nosso trato não estava se concretizando. Nada podendo fazer no momento, ele se desculpou, dizendo que o bar tinha sofrido uma “invasão” desde a partida das 9 horas, que os torcedores ali ficaram e ele não poderia “expulsar clientes que estavam consumindo”. Durante a partida, os clientes, mulheres em sua maioria, se espalhavam pelo bar. Recebi o valor da minha reserva de volta, e vi outros que tinham reservado indignados com a postura do bar, reclamando de má organização e se retirando de lá para ir para outro lugar.

Aqueles que não conseguiram cadeiras se amontoavam: em pé ou sentando-se ao chão, competindo por uma melhor posição para ver o telão. O grande público do bar gerava enormes filas para a compra de fichas, retirada de cerveja e uso do banheiro, além de impedir a passagem de garçons e clientes. Fiquei de pé, ao fundo da ala principal, atento aos comentários e gritos da torcida. Por estar escrevendo em um pequeno caderno de anotação e talvez pela camiseta branca, fui algumas vezes confundido com um garçom do bar.

---

<sup>30</sup> Expressão equivalente ao axiônimo *senhor*.

Durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo, o bar sempre esteve no limite de sua capacidade de lotação<sup>31</sup>, sendo providenciado pelos donos um reforço no atendimento e na segurança. O caráter excepcional da “Copa” revelou para mim algumas coisas distintas sobre o torcer para clube e o torcer para uma seleção. Antes do jogo, ouviam-se conversas sobre os resultados de outras partidas da Copa, como derrota da Alemanha, o pênalti perdido por Messi e o *hat trick*<sup>32</sup> de Cristiano Ronaldo. As conversas aconteciam em alto volume dentro e fora do bar, até que o hino dos países que jogavam, tradição das competições internacionais, tomassem a atenção e a voz dos torcedores, que cantavam em pé, antes do início da partida.

O jogo começa com o Brasil empurrado por uma torcida que bastante barulhenta, mas pouco uniforme coletivamente. Abrindo rápido o placar aos 20 minutos, houve uma comemoração, com fortes gritos e uma exaltação aos grandes jogadores do plantel: Neymar e Philippe Coutinho. Emplacava-se o grito de “*Olê, Olê, Olá, Neymar, Neymar!*”.

Com o bar cada vez mais cheio, fiquei recluso no fundo do bar. Ainda que com visão para o telão, perdi um pouco o campo de visão para os torcedores, ficando mais atento aos que estavam próximo de mim e escutando os gritos que chegavam até meus ouvidos, principalmente quando Neymar, Coutinho e Gabriel Jesus recebiam a bola. O jogo conduzia as emoções, que eram escutadas pelos gritos e vistas pelas gestualidades, que reclamavam das muitas faltas cometidas pelos suíços.

Uma falta para o Brasil próxima à área adversária, e a mesa de mulheres a minha frente iniciam juntas uma oração.

Preso no fundo do bar, puxo conversa com o segurança, perguntando como é para ele ficar de costas para a televisão. Ele riu, disse que se sentia triste e que ficava curioso o tempo todo, mas que pelos gritos ia se situando sobre o que estava acontecendo na partida.

Durante o primeiro tempo era fácil encontrar torcedores tirando fotos de si e com amigos, mostrando-se torcendo para o Brasil nas redes sociais.

No segundo tempo, a surpresa foi reservada a um novo instrumento tecnológico no futebol: o VAR<sup>33</sup>, que fazia sua estreia em uma grande competição. Foi acionado para verificar o gol da Suíça e acabou confirmando-o. “É isso que dá não ter feito o segundo”, reclama o torcedor em minha frente. O empate dos suíços provocou uma certa apreensão nos torcedores,

---

<sup>31</sup> 300 pessoas segundo a autorização do corpo de bombeiros.

<sup>32</sup> Expressão inglesa para um “truque de mágica”, no futebol refere-se a um mesmo jogador anotar três gols em uma mesma partida.

<sup>33</sup> Sigla em inglês para “Árbitro Assistente de Vídeo”.

que culpavam o Brasil de ter jogado segurando o placar mínimo, e gerando na torcida uma ansiedade pelo gol da vitória.

Próximo ao fim da partida, com muito pedido da torcida do Bar Brasil, entra em campo Fernandinho – jogador da seleção de origem londrinense, que é aplaudido pela torcida da cidade em que nasceu.

Com o jogo empatado, se percebia a aflição a cada jogada de insucesso do time brasileiro e era notável a perda da paciência com alguns jogadores do time e com os juízes da partida. Sobrou até para Neymar, que antes era ovacionado, chamado de “escondido” e “pipoqueiro”.

Próximo ao fim do jogo, o goleiro brasileiro, Alisson, estoura com os pés um balão grande que fora jogado em campo pela torcida do estádio, causando risos na torcida do bar, o que não era frequente, dada a conjuntura da partida.

O jogo acaba em 1 a 1 e a seleção brasileira é duramente criticada pelos torcedores à minha volta: “Esse time não chuta pro gol”; “Neymar só cai em campo”; “Não jogam nada e se acham estrela”, entre outras frases formadas na frustração da primeira partida. Por ser um domingo, a torcida se manteve no bar por algum tempo mesmo com o fim do jogo, conversando dentre outras coisas, sobre a Copa do Mundo.

## **22/06/2018 Brasil e Costa Rica**

2-0 (Copa do Mundo, fase de grupos, sexta-feira – 9h0)

A segunda partida do Brasil na Copa, marcada para as 9 horas da manhã, já se iniciou com uma alta expectativa no resultado. O Brasil teoricamente jogava com a equipe mais fraca do grupo e precisava do resultado positivo para ter melhores chances de classificação para a fase seguinte.

Com a invasão da torcida no jogo anterior, resolvi chegar ao bar as 7h00 da manhã para não ter problemas em pegar uma mesa na ala bar e ficar onde acontece a “ação” do torcer. E não fui o único, chego no bar e, além dos donos e funcionários uniformizados com camisetas amarelas com a logomarca do bar estampada, já havia alguns clientes sentados “segurando mesas”. Em meia hora o bar já está com todas as suas mesas ocupadas.

Na excepcionalidade do jogo matinal, foi elaborado um cardápio diferente para esta partida, um café da manhã com pão na chapa, buraco quente, café preto e pingado<sup>34</sup>, além das opções de comida e bebidas (alcoólicas e não alcoólicas) que já eram servidos de costume no

---

<sup>34</sup> Café com Leite.

bar. Havia ainda um “prato feito<sup>35</sup>” para os torcedores ao final da partida.

Novamente a conversa antes do jogo era sobre o que acontecia na Copa do Mundo, principalmente sobre uma possível eliminação da Argentina, arquirrival brasileira, que havia perdido sua partida anterior.

Nesta partida, o público presente era mais jovem, incluindo menores de idade – o que me foi comprovado depois por uma professora no bar que conhecia alguns desses garotos.

O bar novamente recebeu sua capacidade máxima, porém, pela experiência da partida anterior, os torcedores foram se encaixando melhor e mais rápido nos cantos e no chão do bar.

O hino nacional foi novamente cantado com fervor, incrementado pelos jovens com um *beatbox*<sup>36</sup> em referência ao *funk* carioca.

A escolha do uniforme da seleção, inteiramente azul, gerou diversos comentários estéticos, sendo até comparado aos Smurfs<sup>37</sup> e ao uniforme do Londrina Esporte Clube.

O começo da partida tomou toda a atenção do público e teve grande iniciativa brasileira em atacar. Os gritos estridentes quando o Brasil tocava na bola continuavam, principalmente quando era nos pés de Neymar, grande estrela da equipe.

Um dos personagens se sentava atrás de mim, um rapaz com amigos, que não somente conversava com o bar todo, mas narrava a partida para todos, ignorando o narrador da televisão. A cada ataque do Brasil, gritava a plenos pulmões: “*Olha o gol, Olha o gol!*”

“*Pelo alto não dá, eles são muito bons de cabeça.*” Assim se expressa uma torcedora, que se revolta com a eficácia e a força física dos defensores costarriquenhos ao afastarem a bola da sua área.

Diversos comentários são escutados, principalmente comparado à partida anterior, talvez por ser um público mais jovem que abordava o jogo com humor, usando de *memes*<sup>38</sup> da internet que circulavam e tinham como alvo principalmente o cabelo de Neymar e suas quedas em campo pedindo falta.

A cada queda de Neymar todos riam e faziam piadas, deixando claro que achavam que o jogador fingia contusões para enganar o juiz, fazendo que este marque uma falta para o seu time e que dê o cartão amarelo ao jogador que supostamente o agrediu.

Em todo e qualquer lance os torcedores faziam comentários, principalmente o jovem que se sentara atrás de mim. Alguns desses comentário davam dicas de ações para os jogadores

<sup>35</sup> Comida de boteco e restaurantes mais populares. Inclui arroz, feijão, salada e alguma carne.

<sup>36</sup> Do Inglês: caixa de ritmo. Barulho feito com a boca que se parece com o ritmo eletrônico usado no *hip-hop*.

<sup>37</sup> Personagens de história em quadrinhos e desenhos infantis criados pelos estúdios Peyo que se caracterizam por serem da cor azul.

<sup>38</sup> Forma de linguagem satírica compartilhada entre internautas.

executarem: “*toca a bola lá em cima*”, “*cruza pra área*”, “*chuta pra frente rápido*”.

O forte ataque do Brasil parava na defesa da Costa Rica e a torcida ficava apreensiva com o resultado empatado. Após um lance bonito, no qual Neymar deu um chapéu<sup>39</sup> em seu marcador e caiu, a torcida se indigna pela não marcação do pênalti, cobrando também um cartão vermelho para o jogador do time branco, em lance muito reclamado pelo bar.

Uma emissora de televisão local também se fez presente no meio do primeiro tempo, gerando ainda mais animação aos torcedores do bar, que faziam poses para as filmagens e falavam mais e em tom de voz mais alto, talvez para serem ouvidos pela câmera.

A cada ataque da equipe brasileira se ouvia uma previsão de gol de algum canto do bar, alguém dizendo que seria naquele momento. Esse jogo de previsão, de antecipar o gol, não é sempre entendido como algo bom, gerou a repreensão do torcedor por superstição de outros, onde a anunciação dessa previsão amaldiçoou o gol que estava para sair: “*Não zica, cara!*”

Ao meio do primeiro tempo, o atacante Gabriel Jesus de rebote faz um gol, que coloca o bar em grande festa de gritos, abraços e buzinas de gás comprimido, mas a anulação do gol acontecendo em sequência por posição de impedimento do jogador causa o lamento dos torcedores na mesma frequência em que comemoravam, gerando um uníssonos e desanimado “*Aaah!*”. Continuando a entoação de interjeições exclamativas, a cada lance de perigo brasileiro um “*Uuuuh!*”. Os torcedores acompanhavam o coro com o deslocamento das mãos à cabeça ou ao rosto.

Com as muitas faltas que aconteciam na partida, principalmente sobre os jogadores brasileiros, a torcida ficava nervosa e reclamava bastante. “*Estão moendo nosso jogadores*” foi um comentário feito por uma mulher sentada na mesma mesa do torcedor que estava narrando o jogo. O jovem que narrava a partida sempre comentava que nunca pensou que estaria nervoso em jogo de primeira fase de copa e que, segundo ele, “*Ayrton Senna morreu para que isso não acontecesse*”, trazendo à lembrança um esportista do automobilismo que é tido como um dos símbolos do esporte nacional em uma frase sem nexos algum e que o torcedor provavelmente julgou ser engraçada.

Em alguns momentos a torcida de forma satírica entoava orações religiosas, como “*Ave Maria*” e “*Pai Nosso*”, e também rogavam praga no goleiro costarriquenho para que houvesse a mudança do placar favorável ao Brasil.

O intervalo chega para acalmar os ânimos, permitindo um momento de descontração, liberando o foco da partida e gerando uma maior interação entre os ocupantes das mesas. Do

---

<sup>39</sup> Lance em que o jogador encobre o adversário com a bola.

sistema de som do bar vinha um samba, para manter a “brasilidade” e acalmar os ânimos do ambiente. Com a apreensão do resultado que não chegava, a festa ia diminuindo, às vezes escutando-se apenas a narração do jogo pela televisão e pelo jovem, incansável: “*Brasil não pode me decepcionar, tudo o que eu espero para essa copa são sete feriados!*”

Em meados do segundo tempo, Neymar cai na área e pede por pênalti. O árbitro leva a decisão para o VAR e, após revisar o lance por diversos ângulos e com mais calma, resolve por não validar a penalidade sofrida. O lance gerou uma nova euforia nos torcedores, mas, depois de repetido diversas vezes pelo *replay* da televisão, foi entendido como acertado pelo juiz, gerando então mais reclamações e ofensas ao jogador do Brasil, já apelidado de “Cai-cai”, ator, perna-mole e golpista, este último em referência a ser apoiador do governo de Michel Temer, presidente em exercício durante a Copa de 2018.

Com o jogo violento, muitas reclamações são feitas ao juiz, como sendo ele o problema do resultado e por não castigar os adversários do Brasil diante ao sofrimento do escrete na partida, sendo, por muitas vezes, lembrada a sua mãe.

Em outro momento de falta em Neymar, a televisão deu um *close* no jogador ofendendo os costarriquenhos em que, por mais que faltasse o som do que foi dito, podia ser lido nos lábios do jogador “*hijo de puta*”, levando o bar a uma explosão, como se um gol fora marcado, sendo a palavra repetida centenas de vezes.

Aos momentos finais da partida, os torcedores no Brasil buscavam empolgar a equipe e a si próprios cantando “*Olê, Olê, Olê, Olê, Brasil-Brasil!*”. O grito do Bar Brasil foi respondido quase que simultaneamente, aos 46 minutos do segundo tempo, com gol de Philippe Coutinho, inaugurando o placar.

O gol foi extremamente festejado pelos torcedores, entre abraços e cantorias de “*Coutinho! Coutinho!*”. A apreensão que existia durante o possível empate dá lugar a uma nova empolgação pelas jogadas, tendo cada vez mais músicas entoadas, entre elas a conhecida “Evidências”, de Chitãozinho e Xororó: “*E nessa loucura de dizer que não te quero, vou negando as aparências, disfarçando as evidências, mas pra que viver fingindo, se eu não posso enganar meu coração. Eu sei que te amo!*”. A música me deixou em reflexão pela lembrança da última Copa do Mundo, realizada no Brasil, em que a seleção brasileira foi desclassificada com um humilhante placar de 7 a 1 sofrido pela Alemanha, resultado marcante para os torcedores brasileiros, que tentaram por um tempo negar a seleção nacional.

Com o placar de 1 a 0, Neymar faz um drible bonito para cima de seu marcador, mas o bar reage em uma divisão de exaltação e de julgamento, entendendo como uma falta de respeito, principalmente porque o jogador vinha em um dia de baixo rendimento em campo.

A torcida se divide entre aqueles que pedem o fim de jogo e os que querem mais, até que Neymar adiciona um gol no placar que, segundo o torcedor-narrador, “*coloca os pregos no caixão da Costa Rica*”. O jogo acaba logo após o gol, e os torcedores deixam o bar quase que de forma instantânea.

**27/06/2018 Brasil e Sérvia:**

2-0 (Copa do Mundo, fase de grupos, quarta-feira – 15h00)

Para esta partida contra a Sérvia, aproveito para acompanhar as partidas da manhã, chegando às 10h30 ao bar, que já tinha alguns outros clientes, 15 pessoas contadas.

Os telões principais transmitiam os jogos de Coreia do Sul e Alemanha e as televisões menores, México e Suécia. Notava-se que os brasileiros presentes torciam contra a Alemanha, por mágoas guardadas da derrota por 7 a 1 e porque poderiam ser os próximos adversários do Brasil nas oitavas de final da Copa.

Pude também analisar as propagandas do canal SporTV do grupo Globo de Telecomunicações e como elas sempre envolviam jogadores do escrete brasileiro, como Neymar, Paulinho e William, juntamente com cantores famosos da música pop atual, como Anitta e Thiaguinho. O espetáculo da Copa do Mundo atrai muito o investimento em *merchandising* das grandes multinacionais devido ao número de espectadores que o evento tem no mundo todo.

Um gol da Suécia gera o contentamento dos poucos torcedores que estavam no bar, gol este que causava a desclassificação da Alemanha.

Como na partida anterior, o bar estava servindo almoço: arroz, feijão e strogonoff de carne. Fiz o pedido de um e, conforme os torcedores chegavam, também iam pedindo, a ponto que, sem esperar tanta demanda, foi anunciado que não havia mais essa opção de comida antes do meio-dia.

Os pedestres que passavam pela rua sempre espiavam pelas janelas do bar para ver o resultado das partidas, devido ao impacto da Copa no cotidiano, ainda que, segundo pesquisas da Confederação Nacional dos Transportes<sup>40</sup>, 42% dos brasileiros não teve interesse nenhum pela Copa de 2018.

Devido à liberação do expediente de trabalho e o encerramento das aulas matutinas do dia, às 12h30 o bar já estava cheio e houve tempo de comemorar um gol da Coréia contra a Alemanha, comemorar duas vezes, pois o gol foi anulado e em seguida revalidado pela

---

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/resultados-136-pesquisa-cnt-mdm>> Acesso em junho, 2019.

arbitragem com o uso do VAR.

Por volta das 14h00 horas já não cabiam mais pessoas no bar, nem mesmo próximo às janelas laterais. Os torcedores desencantados com Neymar gritavam muito o nome de Coutinho, como o novo salvador, e do técnico Tite. Alguns dos comentários referiam-se à lotação do bar como um problema, principalmente para pegar cerveja. Diferente dos jogos passados, a presença no bar era mais igual entre os gêneros; nos outros jogos era majoritário feminino.

A entrada dos jogadores foi bastante aplaudida. É hábito, durante a cerimônia de abertura da partida, que se toque apenas a primeira parte do hino, mas as pessoas presentes no bar cantaram até o final da música. Os torcedores sentados em minha frente brindavam com seus copos por “saúde, sexo e hexa<sup>41</sup>”.

Mais barulhentos que nas partidas anteriores, os torcedores gritavam enquanto a bola estava em domínios brasileiros. Um torcedor sentado em frente ao telão se levanta e é xingado pelos torcedores até se sentar rapidamente, de novo ele levanta e começa a fazer um bolão sobre em que minuto do jogo Neymar cairia pela primeira vez. Essa sua segunda participação no coletivo gera bastante reação dos torcedores, que aceitam a brincadeira e vão gritando os minutos e os segundos em que achavam que a queda aconteceria.

O sentimento em relação ao jogo é expresso também com o corpo, com as mãos à cabeça ou para o bar, a cada ataque mal sucedido da seleção brasileira; alguns ainda sentam e levantam a cada jogada, roem as unhas ou pulam, manifestando suas emoções durante a partida.

“*Cadê o Gabriel Jesus?*”, “*Aparece Jesus!*”, “*Juiz filho da puta!*” – o jogo fica trancado e a torcida cobra àqueles que acha que não estão fazendo seu papel, sobrando até para o bar, que “*demora meia-hora para pegar cerveja*”, segundo reclamação da mesa à frente. A festa feita com o nome de Neymar nos primeiros jogos perde força, nesta partida ele já é menosprezado diante de outros nomes.

Como a expectativa do gol não se concretiza, o bar fica em silêncio por algum tempo, o que não é sinal de um desinteresse com a partida, mas uma torcida menos efusiva. Já que o jogo não despertava as emoções desejadas.

O silêncio se dissipa ao minuto 36, com gol de Paulinho, comemorado com muita festa, incluindo pandeiro, vuvuzelas<sup>42</sup> e buzinas de gás que os torcedores levaram. O gol brasileiro tranquiliza a torcida, quebrando a tensão do bar.

Durante o intervalo, os torcedores saem em peso das mesas indo para o banheiro, pegar cervejas e para a rua, um esticar das pernas ao sol para esquentar no dia frio que fazia ou

<sup>41</sup> Referindo-se a um possível título do Brasil na Copa, o sexto que o tornaria hexacampeão.

<sup>42</sup> Cornetas de sopro que ficaram famosas durante a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul.

aproveitando o momento para fumar um cigarro.

O segundo tempo começa mais descontraído, mas ainda com a torcida “pegando no pé” de Neymar, denominando-o criança mimada e “pipoqueiro<sup>43</sup>”.

A torcida brasileira fica apreensiva por um bom momento da Sérvia, que dura por vários minutos, exaltando as boas defesas do goleiro Alisson, associando-o a outro goleiro importante na história da seção: “*Taffarééé!*” gritava a torcida.

Mais um gol brasileiro, de Thiago Silva, causa alívio no Bar Brasil. Os torcedores comemoram como se o jogo tivesse sido encerrado, sem o medo de uma possível reviravolta no placar. É mais notável a integração entre as mesas e os sorrisos nos torcedores, que cantam: “*Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor!*”

Um dos garçons passa três vezes circulando o bar gritando por alguém que tinha pedido pastel, até que encontra o sumido dono, fazendo o bar todo também comemorar a entrega da comida a seu destinatário. Este mesmo garçom passa a ser apelidado por um grupo de uma mesa como Paulinho, por sua semelhança física com o jogador que marcou o primeiro gol da partida.

Próximo ao fim, a torcida grita que “o campeão voltou”, e a cada toque de bola da equipe brasileira celebram com um clássico “*olé!*” e gritos de “*hexou!*”.

Fernandinho em campo tira novamente aplausos da torcida londrinense, que aplaude também o fim do jogo logo em seguida. O resultado confirma a classificação da equipe brasileira para as oitavas de final, que, já tendo seu adversário definido, leva o torcedor a provocar “*Ei, México, vai tomar no cu!*” por alguns minutos, ainda comemorando a classificação.

## **02/07/2018 Brasil e México**

2-0 (Copa do Mundo, oitavas de final, segunda-feira – 11h00)

O bar lotou rapidamente para a partida entre Brasil e México: uma hora antes do começo da partida as mesas já estavam todas cheias. A maioria dos frequentadores eram mulheres, algumas de rosto pintados com as cores verde e amarelo.

Por saberem que eu sempre chegava ao bar antes das partidas, alguns amigos começaram a me ligar pedindo para que eu guardasse lugar para eles em minha mesa. Embora me constrangesse um pouco em ter lugares vagos ao meu lado com o bar cheio, como percebi ser prática dos torcedores, assim também o fiz.

A torcida dessa vez já não falava muito sobre futebol, interagiam somente com suas mesas e utilizavam bastante o celular, nesta manhã em especial. O hino também não foi

---

<sup>43</sup> Pessoa que instiga a expectativa por se fazer bom em algo, mas que não consegue provar essa qualidade.

acompanhado com o mesmo fervor das outras vezes, parecia que os torcedores estavam menos empolgados com a partida. Porém, quando o jogo começa, os ânimos mudam e novamente é possível ver a tensão dos torcedores em relação à partida.

Os gritos eram mais efusivos, mais frenéticos, e a interação com a televisão nunca parava, principalmente em relação às dicas gritadas sobre como jogar.

Diferente das partidas anteriores, o torcedor se inflamava com uma música tematizada para a seleção, que era cantada diversas pessoas dentro do bar: *“Oh, Brasil, olê, olê, olê! Brasil, olê, olê, olê! Éééé, em cinquenta e oito foi Pelé, em meia dois foi o Mané. Em sete zero, o esquadrão, primeiro a ser tricampeão! Ôôôô, noventa e quatro, Romariô. Dois mil e dois, fenomenou. Primeiro tetracampeão, único penta é Brasilzão!”*

As relações entre a partida e o divino eram dadas com os muitos lances que o Brasil errava, em que *“Jesus Cristo!”*, *“Meu Pai amado!”* e *“Nossa Senhora!”* foram bastante evocados durante o começo do jogo.

Unhas sendo roídas, mãos a frente do rosto como querendo se esconder, entre outras formas corporais de ver o jogo, eram frequentes com o início melhor da seleção mexicana.

Não faltou também a recorrente reclamação aos árbitros, que sempre pareciam prejudicar a seleção brasileira na visão dos torcedores. Estes pediam faltas e cartão a cada encontro entre os jogadores das duas seleções.

Durante os momentos de ataque do Brasil, a torcida vinha junto, começando o barulho desde o meio-campo e aumentando o som conforme a seleção avançava no campo de ataque. *“Chuta!”*, *“Cruza!”*, *“Vai, caralho!”*, *“Putá que pariu!”*. Os ataques sem sucesso eram aplaudidos ou xingados, assim como os jogadores que conduziam a bola: *“Neymar não acerta uma, assim não dá”*.

Havia alguns comentários preocupados com as próximas partidas, caso o Brasil se classificasse, já que, nesta fase da competição, perder significa ser eliminado. Os torcedores reclamavam que as equipes favoritas estavam todas do mesmo lado do chaveamento.

Percebo que alguns jovens estavam entrevistando alguns torcedores e gravando a reação do bar enquanto o jogo acontecia. Descubro que eram alunos de jornalismo da Universidade Estadual de Londrina e que faziam um documentário para uma disciplina. Conversei com eles e pedi contato para que depois me enviassem o documentário, o que aconteceu alguns meses depois. Também permitiram que eu anexasse a essa dissertação<sup>44</sup>.

Em todo ataque da seleção brasileira, *“Brasil, olê, olê, olê”* era cantado e cada vez por

---

<sup>44</sup> Ver anexos: Documentário Brasil, Olê, Olê, Olê.

mais torcedores, que iam aprendendo a letra e se unindo ao coro, já que a música é fácil e é gruda na cabeça.

O primeiro tempo acaba com a torcida mais empolgada. O bar anunciava promoções do cardápio e prato feito, antes que os torcedores saíssem para a rua.

Iniciamos o segundo tempo com um gol rápido do Brasil, rompendo a barreira do *quase* que irritava os torcedores naquele dia. “*Não consigo odiar o menino Ney!*” grita uma torcedora da mesa ao meu lado. “*Obrigado, meu Deus!*”

Após o gol, o jogo fica parado, com o Brasil se retrancando em defesa e o México sem criar muitas chances. Os torcedores começam a se revoltar com o mal futebol novamente, chamando o time de covarde e preguiçoso. O Brasil tocava a bola aos lados e aproveitava as paradas de bola em faltas e laterais para gastar o tempo. Devido a esse comportamento do time, os torcedores passaram a conversar mais entre si e entre as mesas, pois assistir ao jogo estava chato. Alguns vaiavam a equipe durante esses lances, que representavam, para eles, o anti-futebol.

Alguns torcedores nem perceberam como saiu o terceiro gol, de Firmino, mas assim mesmo se levantaram para comemorar. As pessoas gritavam e se abraçavam, alguns ainda subiram nas cadeiras, sendo advertidos no microfone por Rhay.

A atenção volta a ser da televisão; Neymar faz algumas firulas e é aplaudido. A seleção era muito elogiada e tinha a expectativa dos torcedores do Bar Brasil: “*Agora vai, com esse time jogando bonito!*”, “*Vamo, Brasil!*”.

O jogo acaba e os torcedores rapidamente vão embora, já que novamente, a manhã era livre para o jogo, mas o expediente se iniciava às 15h00. Fico do lado de fora do bar conversando com um amigo, quando um morador em situação de rua se apresenta para conversar e dizer que estava esperançoso com o time, que acreditava que seríamos o campeão do mundo: “*Desta vez não tem pra ninguém, vai dar Brasil, se Deus quiser!*”

## **06/07/2018 Brasil e Bélgica**

1-2 (Copa do Mundo, quartas de final, sexta-feira – 15:00h)

Neste dia de jogo, chego novamente mais cedo para assistir à partida anterior entre Uruguai e França. Como sempre, cumprimento alguns no bar e ouço de Rhay que minha pesquisa vai dando sorte ao Brasil, retruco que é o bar que dá sorte.

A promoção de cerveja durante a Copa é de que, ao comprar quatro garrafas de 600 ml, a quinta é por conta do bar.

“Você foi o escolhido da sua turma para guardar lugar às 10 horas também?”, me perguntou

um torcedor que já havia chegado antes de mim. Respondo que sim e continuo a brincadeira dizendo que eles tinham sorte de ter um amigo vagabundo.

Não havia muitos clientes no bar, cerca de vinte pessoas. Entre brincadeiras, um em cada canto do bar, íamos interagindo e rindo bastante, sempre os torcedores se perguntando: “E aí, quanto vai ser o jogo de hoje?”

Não demorou muito para que o bar enchesse, antes do meio dia já não havia mais cadeiras livres. Muitos traziam bandeiras e instrumentos musicais para a partida, e como o bar é um ambiente de descontração, esses instrumentos eram usados mesmo antes de a partida começar.

O hino se inicia acompanhado pela torcida, que novamente canta a segunda parte em cima da transmissão da televisão, que mostrava o hino belga. Os torcedores do Bar Brasil mostravam-se fazer figas com os dedos e o símbolo da cruz. Neste dia o bar parecia igual em número de homens e mulheres, muito uniformizados, e com a volta das faixinhas de cabelo com as inscrições “Neymar” e “100% Jesus”.

A câmera foca em Neymar antes do começo da partida e causa diversos gritos no bar. Alguns o chamam de lindo, outros de “pipoqueiro”, “craque” entre outros elogios e xingamentos ao capitão da seleção.

O apito do juiz inicia o jogo, é aplaudido, e a plateia grita: “*Vai, Brasil!*”, “*Vamos, meu Brasilzão!*”, “*Jogai por nós!*”. Os torcedores consideravam a seleção belga um bom time, e era visível o nervosismo quando a bola estava com eles. “*Tem que ter cuidado com a poderosíssima geração belga*”; essa frase era repetida pelos rapazes da mesa atrás de mim, que também narravam a partida quase que inteira naquele momento, xingando todos os jogadores belgas, mas com um alvo principal: “*Fellaini, filho da puta. Só tem tamanho, esse ruim!*”.

Em seguida o Brasil acerta uma bola na trave do gol belga, e o bar explode em desilusão, torcendo para a bola entrar no rebote, “*Ah!*”

Cada jogada é acompanhada com um coral de onomatopeias, de excitação nos ataques brasileiros e de vaias aos belgas. Alguns torcedores ainda colocam o dedo do meio em riste para os defensores belgas, “*Essas torres não deixam passar uma!*”.

Depois de alguns minutos de empolgação, o banho de água fria. Fernandinho, titular nesta partida, marca um gol contra e é execrado por todo o bar. “*Tinha que ser londrinense, essa bosta!*”, “*Filho da puta de pé vermelho!*”, “*Idiota é quem colocou isso pra jogar!*”. Engraçado que o jogador era sempre comemorado quando entrava em partidas anteriores, principalmente por ser nascido na cidade. Claro que os torcedores variam entre as partidas, mas alguns não se lembravam que o mesmo jogador era exaltado neste mesmo bar dias atrás.

Mesmo com o placar negativo, a torcida não se deu por vencida, continuava empurrando a

equipe e reagindo aos lances da televisão, com cada vez mais nervosismo, expressados principalmente pelos braços e mãos, na frente do rosto, na cabeça, juntas como em uma oração. Cada um tinha sua forma de torcer, mas o movimento dos braços sempre mostrava um tom de apreensão.

O jogador William, após sucessivos erros, passou a ser o culpado da vez: *“Tira logo esse merda!”*, *“Esse William nunca faz nada!”*

Ao olhar pela janela do bar, reconheço o morador em situação de rua com quem conversei após a partida anterior, torcendo junto com os que estavam ao lado de fora do bar, gritando *“Vamos, meu Brasil, por favor!”*, em tom encarecido.

A cada ataque belga, o bar tomava um susto, parecia que os jogadores adversários eram imparáveis, que somente com os gritos desesperados do bar eles perdiam a bola.

A imagem de um torcedor do estádio carregando uma estátua do Cristo Redentor do Rio de Janeiro vestido com a bandeira da Bélgica deixa os torcedores do Bar Brasil ainda mais bravos: *“Filhos da puta, ninguém conhece nada desse país lixo de vocês!”*

A diferença de força entre os jogadores causa muita repercussão na torcida, as “torres” belgas não deixavam passar nada, enquanto os jogadores brasileiros facilmente iam ao chão após as bolas divididas. Mesmo assim, todas as tentativas do Brasil passam a ser aplaudidas neste momento da partida.

A Bélgica alcança seu segundo gol e uma chuva de xingamentos invade o bar: *“Caralho!”*, *“Porra!”*, *“Putta merda!”*, *“Filhos da puta!”*, *“Pega essa bola!”* e *“Vai tomar no cu!”*

A torcida passa a olhar para a televisão em tom de negação, cada vez expressando uma linguagem corporal mais retraída. Braços cruzados, unhas roídas, balanço da cabeça negativamente, rostos tampados pelas mãos etc.

Aos 36 minutos do primeiro tempo, o desespero aparece nas formas de torcer, tentando empurrar o time para uma possível reação: *“Vai Ney, vai pra cima!”*. O goleiro brasileiro também era incentivado em suas defesas.

Havia também alguns que começaram a torcer contra o Brasil, gerando mais nervosismo nos torcedores, que os mandavam calar a boca e deixar de ser trouxas. Em minha mesa, uma dessas torcedoras contrárias ao Brasil deixava os que estavam conosco bastante bravos, mas preferindo ignorá-la, como se não estivesse lá.

O fim do primeiro tempo decreta o tom de revolta. Bravos, os torcedores se levantam, saem do bar, em sua grande maioria. Novamente se formam as filas para compra de cerveja e utilização dos banheiros.

As conversas do intervalo se concentram em como superar o resultado, quais as alternativas

do treinador em mudar o time para ser mais efetivo. O segundo tempo começa com alteração no time, entrando Firmino, que é aplaudido. “*Vamos virar, Brasil!*”, grita um dos torcedores na janela.

O silêncio nas mesas toma conta, até que um jogador da Bélgica recebe cartão amarelo, “*Assassino!*”. Logo após, a torcida volta a gritar as jogadas que devem ser feitas para chegar ao gol e a fazer pedidos por mais mudanças no time: “*Douglas Costas, coloca o Douglas, Tite!*”

Em um lance de pênalti para o Brasil que não foi dado pelo juiz, a torcida pede o VAR, fazendo com as mãos o mesmo sinal que os juizes fazem, gritando “*Ajuda nós, professor!*” e outros mostram o dedo do meio para a televisão.

Começando aos poucos, logo os torcedores se unem gritando juntos, “*Eu acredito!*” repetidamente. Os ataques da equipe amarela começam a empolgar a torcida, até que Renato Augusto faz um gol. “*Agora vai!*”, grita um jogador, enquanto pede o segundo gol do Brasil.

Os últimos minutos reservam diversas emoções, que vão da ansiedade por um gol de empate ao desânimo da esperança de que ele ocorra. “*Eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor!*”, canta o bar.

Coutinho perde um gol considerado fácil e o azar do time é reclamado pelo bar, que pede mais uma chance para o destino e um pênalti para o juiz. Alguns torcedores começam a esconder o rosto com as mãos, as camisetas e as bandeiras, outros evitam olhar a tela, ficando de costas. A cada minuto que passa a torcida do bar fica mais desesperada com o desperdício das últimas chances.

O jogo acaba com o Brasil eliminado, arrancando aplausos pela luta até o fim e o choro de vários torcedores com o resultado. O jogo mexeu bastante com o emocional dos torcedores, que acreditaram até o final num empate e acabaram se decepcionando.

Diferente de outros jogos, a torcida continuou no bar, em “luto”, e aqueles que não compartilham destoam dos que estão tristes e ainda cabisbaixos. Rhay coloca um samba para tocar nos alto-falantes do bar ao fim da partida, com o intuito de trazer a diversão e a alegria.

## **26/07/2018 Grêmio e São Paulo**

2-1 (Campeonato Brasileiro, 15ª rodada, quinta-feira – 19h30)

Numa quinta-feira, 26 de julho, às 19h30, Grêmio e São Paulo se enfrentavam pela décima quinta rodada do Campeonato Brasileiro de 2018<sup>45</sup>. Cheguei ao Bar Brasil por volta das 19h00 e, talvez pela ressaca de futebol logo ao final da Copa do Mundo que acabara no dia 15

---

<sup>45</sup> Campeonato em pontos corridos. 20 equipes jogam cada uma das divisões entre si, em partidas em seu estádio e no estádio do adversário, totalizando 38 rodadas e 380 partidas.

de julho, o bar estava vazio, com cerca de vinte pessoas. Ao me sentar sozinho em uma mesa ao fundo da ala estádio-bar, pude notar a preferência daqueles torcedores por esta ala, onde se podiam ver três pessoas vestindo camisetas do São Paulo e uma vestindo a do Grêmio. Desses dez torcedores, três eram mulheres, e o número de mulheres era bem superior ao de homens em jogos do Brasil na Copa do Mundo.

Diferente de outros dias, havia a presença de famílias e crianças, que pode ser justificado por se tratar de um jogo em uma quinta-feira em horário conveniente. Próximo a mim, senta-se uma família de são-paulinos, e uma das crianças se admira pela quantidade de são-paulinos que vão se somando no bar aos poucos.

O Bar Brasil, neste dia, transmitia em seus telões o jogo entre Grêmio e São Paulo, mas em suas televisões menores nas paredes do bar era transmitido um programa de notícias esportivas que reprisava os melhores momentos de outras partidas, um torneio de pôquer e uma partida de futebol feminino entre Austrália e Brasil, mas que não chamava muita a atenção dos espectadores dentro do bar.

Ao cumprimentar Rhay, pergunto como foi a Copa do Mundo e ele me responde que foi gostoso, mas que o cansou bastante. “– *Mal fechava o bar e já tinha que acordar vir abrir novamente*”.

Os torcedores iam chegando, até algo próximo à metade da capacidade do bar, cerca de 100 clientes. Escuto algumas conversas sobre a vitória do time paulista, três a um contra o rival Corinthians, e os cálculos dos torcedores para saber o que é necessário para que o time assuma a liderança na tabela.

A conversa e o samba ambiente param quando o juiz apita o início de jogo. Suco de laranja e refrigerante para as crianças e cerveja para os adultos, a custo de R\$ 7,50 a garrafa de litro. As televisões passam todas as transmitir partidas do Campeonato Brasileiro que aconteciam simultaneamente: entre Esporte Clube Vitória contra *Sport Club* do Recife e Botafogo de Futebol e Regatas contra Associação Chapecoense de Futebol. Dentro do bar, não se pode identificar torcedores destes times.

Aos três minutos da partida, uma falta no jogador do São Paulo provoca a reação de alguns torcedores mais a frente, pedindo já um cartão vermelho ao jogador gremista: “*Ô loco, professor!*”. Em seguida, um gol do São Paulo provoca a alegria de seus torcedores, que a expressam por brindes, abraços e gritos, entre eles: “*Segue o líder!*”; “*Chupa, filho da puta. Aqui é nós!*”. Um pouco mais baixo, pude ouvir que “*O Grêmio costuma ir mal contra o São Paulo*”, lamuriado por um gremista atrás de mim.

Empolgada com o resultado, a torcida são-paulina começa a entoar canções: “*Salve o tricolor paulista, amado clube brasileiro; tu és forte, tu és grande, dentre os grandes és o primeiro!*”; “*Como eu te amo tricolor, eu te amo demais, no dia em que tu não existir, eu não quero sorrir nunca mais!*”

O gol do São Paulo aumentou a reação da torcida no bar com o que acontecia na televisão. Os torcedores passaram a aplaudir as jogadas do time, tanto na defesa quanto no ataque e a reclamar do juiz em lances que não os favoreciam. Alguns ainda mesmo acusavam o juiz de favorecer o Grêmio, enquanto os gremistas se mantinham quietos assistindo ao jogo, sem muitas interações.

A torcida do São Paulo, ao ver o crescimento do time adversário, pede insistentemente no final do primeiro tempo que o time faça mais um gol, para que assim possa “matar” a partida logo, dando dicas de quais caminhos o time deve percorrer para chegar lá. Os conselhos desabam com o gol de empate do Grêmio aos quarenta e quatro minutos da primeira etapa. Havia poucos neste dia para comemorar o tento gaúcho, mas um torcedor gremista ousou se levantar e gritar para os são-paulinos: “*Chupa! Só acaba aos quarenta e cinco! Eu tava quieto até agora!*”.

No começo do segundo tempo, os torcedores de São Paulo e Grêmio ainda comemoram juntos a notícia de um gol do América Mineiro contra o Internacional – este que disputava a ponta do campeonato com o time paulista e é rival histórico do time gaúcho.

“*Vamos, tricolor!*”, grita um torcedor no meio do bar, prontamente respondido por outro: “*Mas os dois são tricolor!*”, já que ambas as equipes têm o mesmo apelido por usar o uniforme de três cores: azul, preto e branco para o Grêmio; vermelho, preto e branco para o São Paulo.

O jogo se intensifica, e sucessivos bons ataques dos dois times dão ao jogo uma ansiedade de vitória e o medo da derrota, que se separavam por pouco. Os torcedores do São Paulo, em maior número e mais ativos nos discursos, começam a insinuar que os torcedores gremistas sejam homossexuais, os chamando de viados e *gays*, quando a transmissão mostrava os gremistas no estádio. “*Tomador de chimarrão do caralho!*”

Aos dezesseis minutos, a zaga do São Paulo falha e o Grêmio aproveita a chance para converter mais um gol. Pode-se se ouvir mais são-paulinos reclamando que os gremistas comemorando: “*Chuta essa bola pro mato!*”, “*Como se toma um gol assim?*”. Até que Rhay coloca nos autofalantes o hino do Grêmio e aparecem alguns gremistas a mais a cantar e aplaudir.

O segundo gol do Grêmio, assim como mata a partida, mata o ambiente do bar, que para de dar dicas aos times e passa a reclamar dos jogadores do São Paulo. “*Volta para Quito*”, disse um torcedor revoltado com Rojas, e logo respondido: “*Mas ele é do Equador*”, com isso a ala toda do bar riu e logo se iniciou um *quizz* entre todos, em que um torcedor gritava um país e outro longe dele respondia a capital.

Os poucos torcedores gremistas que acompanhavam essa partida cantam o hino do clube com gritos, para provocar a torcida são-paulina: “*Até a pé nós iremos, para o que der e vier. O certo é que nós estaremos, com o Grêmio onde o Grêmio estiver*”.

Porém o momento de descontração ainda não apaga a birra dos torcedores são-paulinos com seus jogadores e o juiz da partida. Ironicamente, os torcedores começam a elogiar e parabenizar os jogadores do São Paulo por alguns lances triviais, como um passe certo ou uma defesa fácil do goleiro.

O jogo assim se encerra, mas, apesar da decepção, a torcida paulista segue bem-humorada e tirando gargalhadas de muitos que estavam no bar. São-paulinos saem reclamando de azar na partida e alguns preocupados com a pontuação no Cartola F.C.<sup>46</sup>.

O fim do jogo decreta o ir embora, que acontece lento após esta partida, ainda sobrando espaço para mais papo sobre o jogo, como, por exemplo, a qualidade do goleiro gremista. Com o tempo, o jogo é desaparece da televisão e do papo dos torcedores.

#### **04/09/2018 C.S.A. e Londrina**

4-1 (Campeonato Brasileiro Série B, 28ª rodada, terça-feira – 20h30)

Em quatro de setembro, um dia frio em Londrina, o Bar Brasil abriu para a transmissão da partida entre C.S.A. e Londrina. Cheguei próximo às 20 horas, e o bar estava bastante vazio. Poucos torcedores chegaram em um horário mais próximo ao começo da partida.

Me sentei na ala bar, com os poucos torcedores que havia, embora o jogo fosse transmitido nas duas alas do bar.

Minutos antes da partida, éramos um grupo de 20 pessoas, e a grande maioria estava uniformizada, seja com blusa, camiseta ou bonés da equipe da cidade

Com o público reduzido, a conversa sobre o Londrina Esporte Clube envolvia a todos no bar: “*Lá pode ser difícil, mas Londrina é uma equipe difícil de ser batida aqui "no café"!*”,

---

<sup>46</sup> Um jogo eletrônico no estilo *Fantasy Game* da Rede Globo de Televisão, em que os jogadores escalam seu time escolhendo os profissionais da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Por meio do desempenho destes jogadores, pontuam e podem vir a ganhar prêmios.

dizia um torcedor empolgado.

Assim, com olhares atentos para a televisão, o jogo se inicia. Ambos os times jogam bem ao começo da partida, buscando sair em vantagem na disputa. A torcida sofre com bolas nas traves das duas equipes: "*ui, ui, ui!*" grita um torcedor a cada lance de perigo da equipe do Alagoas.

Mas infelizmente para os torcedores do Bar Brasil, entre os diversos quase-gols, o C.S.A. consuma seu ponto aos treze minutos. Rapidinho, a torcida londrinense já encontra seu culpado, fala do goleiro: "*Não pode deixar passar assim!*"

Com o jogo em andamento mais pessoas vão chegando e se somando aos torcedores quietos. Dezoito minutos, gol do Londrina: "*X-Tudo neles*", grita um torcedor ao centro, se referindo ao físico do jogador que fez o gol.

A idade dos torcedores desta partida no bar se apresenta mais velha que em outros dias de jogo presenciado, o que foi sentido também nas performances apresentadas pelos torcedores, principalmente em relação aos comentários sobre a partida, um pouco mais acanhado que em outras.

Com o empate a torcida se anima novamente, tendo esse clima quebrado com um chute feio da equipe da cidade: "*Essa bola caiu aqui no estádio do café!*"

A torcida se empolga com bons momentos do Londrina, que tinha suas chegadas ao ataque próximas de ser gol, mas que levava os torcedores a se levantar em uma quase-comemoração. As condições do gramado alagoano eram constantemente criticadas pela torcida do Bar Brasil.

O jogo passava a atingir mais os torcedores, fazendo com que interagissem mais entre eles, até que ao minuto final do primeiro tempo, gol do C.S.A. Houve pouco comentário ao gol, mas o clima do bar modificou-se totalmente.

O começo do segundo tempo também não fora o suficiente para uma reanimação do torcer, já que logo, o C.S.A. marcaria seu terceiro gol.

O terceiro gol ainda tira de alguns torcedores algumas relações, por ter sido uma jogada bonita. Sem muita reação da equipe em campo, alguns ainda tentavam dar dicas para a equipe: "*zagueiro não tem que sair jogando!*". Outros então se sentem frustrados: "*o Londrina vai ter sorte se continuar na B este ano!*"

O time londrinense não responde em campo às dicas e ataques de seus torcedores do Bar Brasil, visivelmente decepcionados com a equipe. "*Não dá, esses caras não sabem jogar!*". O péssimo resultado fazia alguns torcedores esquecerem do jogo, se importarem mais com a comida.

Próximo ao fim do jogo, mais um gol do C.S.A. faz com que alguns torcedores do bar se levantem e vão embora. Entre esses, sai um senhor gritando: "*Eu não vi, foram só três!*"

O juiz apita o fim do jogo, mas ninguém se importa.

### **06/10/2018 São Paulo e Palmeiras**

0-2 (Campeonato Brasileiro, 25ª rodada, sábado – 18h00)

Durante esse dia de sábado, São Paulo e Palmeiras disputariam a primeira posição do Campeonato Brasileiro. Chego vestindo uma camiseta do São Paulo, 20 minutos antes da partida e o bar já se encontrava completamente cheio.

As áreas têm as torcidas misturadas, com uma pequena maioria de palmeirenses. Alguns torcedores ainda dividiam mesa com seus adversários. Os torcedores gritam seus hinos em disputa dentro do bar, comemorando já os jogadores desde a escalação anunciada na televisão.

Ao começo do jogo, qualquer roubada de bola ou chute para lateral é comemorado. A torcida começa bastante enérgica para as duas equipes, e enquanto reclamação contra à arbitragem que nunca marcava as faltas que viam os torcedores. Os copos de chopp e de cerveja se multiplicavam em cima das mesas nesse sábado de calor na cidade de Londrina.

Depois de uma jogada errada do goleiro são-paulino, um pequeno coro grita: "*Sidão, vai tomar no cu!*".

A partida causa euforia nos torcedores que se levantam e xingam a todo momento, mas que não gera reação ou desconforto entre as torcidas e torcedores presentes. Os erros das equipes também são bastante criticados.

Apesar de grande número de torcedoras neste dia, pouco pude ouvi-las comentando a partida como faziam durante a Copa do Mundo.

Ao começo desta partida, fiquei encostado ao fundo da ala estádio-bar, já que não havia cadeiras suficiente. Ao meu lado está um senhor de muletas, que somente depois de muito tempo seria oferecido a este um lugar para sentar-se.

Junto à transmissão de futebol, as televisões menores do bar transmitiam também hockey no gelo e voleibol, mas sem muita atenção dos clientes.

"*Boa Sidão!*", comemoram os são-paulinos com a defesa do goleiro.

O jogo fica empolgante e os torcedores se animam com chances para as duas equipes. A reação das torcidas entre eles é tratada com muito deboche nos comentários, principalmente quando um time reclama de falta e o outro diz que o jogador adversário nem foi tocado por um jogador do seu time.

A torcida palmeirense começa a ficar brava com alguns erros de seu time, passando a

xingar mais. O empate é um resultado ruim para as duas equipes.

Assim como as faltas, os torcedores comemoram cada vez mais alto os dribles de seus times também.

Gol do Palmeiras, e a torcida palmeirense presente grita ao mais alto o hino do clube, também reproduzido nos autofalantes do bar. Alguns ainda sobem nas mesas do bar para gritar.

Uma mesa de mulheres palmeirenses recebe uma fila de homens que as queriam cumprimentar com o gol da equipe.

*"Palmeeeeeeeiras, Palmeeeeeeeiras!"*, gritam.

Quase que em seguida, um segundo gol da equipe de verde, gerando ainda mais festa na comemoração. Repetem-se os pulos, os abraços, a cantoria, mas aparentemente a alegria é maior.

Pode-se perceber que alguns torcedores já estavam roucos de tanto gritar.

Tanto a torcida do São Paulo quanto o seu time dentro de campo ficam sem reações, uns jogam mal outros ficam quietos no Bar Brasil. Alguns ainda reclamam da defesa e de alguns jogadores.

Já os palmeirenses, em uma jornada de alegria, comemoram o fim do primeiro tempo.

No intervalo, um são-paulino vem conversar comigo, falando que os torcedores devem fazer barulho, para não deixar essa bagunça toda para os palmeirenses.

Fora do bar também há bastante discussão política, sendo véspera da eleição do primeiro turno para a presidência e do poder legislativo.

Assim, perdi meu lugar enquanto comprava mantimentos para o segundo tempo: uma dose de cachaça e água. Logo encontro uma mesa com cadeira sobrando à frente e peço a licença de utilizá-la, dividindo a mesa com alguns palmeirenses.

Sento-me também mais próximo a um conhecido no bar, que brinca sobre a parcialidade da minha pesquisa neste dia por estar usando uma camiseta do São Paulo.

O resultado já transforma o jogo, Palmeiras joga lento e o São Paulo não tem reação.

A torcida do Palmeiras ainda tenta dar algumas dicas e cantam diversas músicas. Estes também voltam a "pegar no pé" do juiz, reclamando das faltas. Alguns ainda dizem que o juiz *"só pode ser corinthiano, por errar tanto contra o Palmeiras"*.

Torcedores são-paulinos quietos e torcedores palmeirenses falantes. Os palmeirenses comemoram até os passes errados do próprio time e até os erros do São Paulo parece que são gols do Palmeiras. Ainda gritam e cantam: *"Pooooor-co!"*

Mesmo com o resultado que parece ser garantido, os olhos dos torcedores ainda estão presos às telas. Durante as substituições dos jogadores, os palmeirenses ainda gritam com a

televisão para agradecer os atletas que saem.

O jogo começa a dar sono, como se os times já se conformassem com o resultado.

Agora quem ironiza são os são-paulinos, principalmente às defesas de Sidão, que era muito criticado. "*Olê, olê... Eu canto que sou Palmeiras até morrer!*", comemoram os palmeirenses com cada vez mais força e divertindo o bar.

Ao fim da partida gritos de "*Segue o líder!*" concretizam a liderança palmeirense.

Ainda, por ser um sábado, torcedores ficam mais tempo no bar. Eu como torcedor são-paulino fui embora chateado, e para piorar, com a música cantada pelos palmeirenses na minha cabeça.

### **17/10/2018 Coríntians e Cruzeiro**

1-2 (Copa do Brasil, final, quarta-feira – 21h45)

Este jogo marca a segunda partida da final da Copa do Brasil, cujo a primeira partida fora vencida pela equipe cruzeirense por um a zero.

Neste dia chovia muito em Londrina, a ponto de haver uma queda elétrica na região central da cidade, onde se localiza o Bar Brasil. Assim, ligo para saber se abririam para a partida e sou respondido pelo telefone que: "*Graças a Deus a luz voltou, vamos abrir!*".

Assim, mesmo com chuva chego ao bar. Sento e converso com um rapaz que diz me quanto gosta de futebol, que torce para o Londrina e um pouco para o São Paulo, mas que também gosta do Coríntians, só não gosta de corinthianos - se referindo ao estereótipo do torcedor. "*Coríntians joga igual aos argentinos, com muita raça*".

Com o bar cheio, consigo um lugar ao balcão lateral da ala bar. Muitos torcedores estão com camisetas do Coríntians, alguns ainda trazem bandeiras, mas não se vê torcedores cruzeirenses.

Ao estar atrás no placar, os torcedores corinthianos tentam decidir uma estratégia para reverter: "*Pedrinho corre, mas não aguenta muito, melhor para o segundo tempo*".

O bar recebe cada vez mais pessoas. A minha volta os lugares estão todos ocupados, e todos ali bebiam cerveja.

Com o show de encerramento do campeonato, um torcedor avista a bandeira do Londrina Esporte Clube e fica todos no bar procurando-a.

Os carros que passam ao lado ainda passam buzinando e gritando para o bar: "*Vai, Coríntians!*". Ainda explodem um rojão na rua, mas a ideia é má recebida pelos torcedores dentro do bar.

O bar cheio deixa a locomoção de torcedores e garçons complicada.

Antes do começo do jogo, o torcedor ao meu lado embrulhado em uma bandeira diz

para si, bem baixinho: "*Vai Corinthians! Vamos lá!*".

Um segundo rojão não causa reação aos torcedores.

Ao fim do hino nacional, os torcedores gritam frases de motivação para a equipe corinthiana, sempre seguidos de um "*Vai Corinthians!*"

"*Quanto vai dar o jogo?*", "*50% cada lado*". "*Mas os caras vão entrar fechados*".

O jogo começa com os torcedores muito reativos aos lances. Mesmo fora do bar se apertam nas janelas para ver a partida.

"*Mata o cara*", pedem os torcedores por uma falta que cortaria o perigo de gol adversário.

Em bons lances do Cruzeiro, os torcedores apelam para a amizade com a bola: "*sai, por favor!*". E também na costumeira reclamação com o juiz: "*foi nada, porra!*", "*filho de uma puta do caralho!*".

Os torcedores aplaudem as iniciativas de ataque corinthianas bastante animados. "*vai ser três a zero para nós*", grita um senhor em meio ao bar.

"*É encostar nos caras que eles caem e o corno apita!*"

Senta-se um rapaz e uma garota a minha frente, e um dos torcedores que já estavam no bar dizem que ele é flamenguista usando camisa do Corinthians. O bar fica acompanhando a resposta, que é confessada pelo flamenguista, gerando ainda mais risadas. Ao momento em que a garota se vai ao banheiro, o rapaz constrangido me diz que estava vestido para agradar a moça corinthiana que estava a paquerar.

Logo em seguida, o Cruzeiro faz um gol que desanima os corinthianos do bar, mas que reconheciam a força da equipe mineira: "*Esses desgraçados têm mais time que nós*", "*Dedé tá em todas*".

Outra bola bate na trave, mas a torcida que já esperava o pior se alivia.

Aos quarenta minutos, a torcida pede por um gol para dar ânimo na disputa, mas agora um pouco mais desesperada.

Um torcedor ao fundo do balcão grita em minha direção: "*Por que esse cara escrever tanto?*", a pergunta traz para mim a atenção do canto do bar, que me fez explicar para todos os que me cercavam de uma só vez. Os torcedores se mostraram animados com minha explicação, me faziam perguntas e comentários, inclusive alguns ainda me indicavam o que escrever depois disso.

"*A gente tá tudo anotado aí*", "*Tinha que ser da UEL*".

Embora o bom clima no bar, o jogo ainda não era favorável para os corinthianos que levavam suas mãos à cabeça nos lances de perigo da equipe. "*Vai, filho da puta, chuta esse*

*caralho!"*

Na conversa com os torcedores, um ainda pergunta pelo meu time e eu titubeio a responder, sendo cortado por um outro: "*Ele é são-paulino!*". Na hora fico pasmo e pergunto como sabia, recebendo a seguinte resposta: "*Você tá vendo o jogo sem torcer muito, para ser corinthiano e sem torcer contra, para ser palmeirense*".

O jogo chega ao intervalo e a conversa por alguns minutos volta a ser política.

Ao voltar do banheiro, tenho meu caderno de campo confiscado pelo casal de flamenguista e corinthiana, que desenham o brasão do clube em sua contracapa.

Continuamos a conversar sobre futebol entre aqueles do balcão, principalmente sobre as diferenças das torcidas corinthiana e flamenguistas no Bar Brasil. Assim, o flamenguista para mostrar que a sua torcida era mais empolgada puxa o coro acompanhado pelo bar todo: "*Aqui tem um bando de loucos, loucos por ti, Corínthians!*"

Logo ao início do segundo tempo, o var aponta pênalti para o Corínthians e que tem uma comemoração contida. Pergunto para o corinthiano ao meu lado, porque comemoraram tão pouco, a resposta que tive foi que "*Corínthians é sofrimento*". Ao cobrar o pênalti, gol do Corínthians, comemorado finalmente com rojões e muito entusiasmo. Ainda, torcedores acompanham o hino pelo bar.

Outro gol do Corínthians e a torcida comemora em toda euforia, com o resultado sagrar-se-iam campeões. Os torcedores ficam muito empolgados, se abraçando e pedindo o final do jogo, mas desta vez o V.A.R. anula o gol do time, voltando ao placar de um a um. A torcida lamenta e se cala. O torcedor ao meu lado me abraça e diz: "*calma que vamos ganhar ainda, molequinho*".

Os torcedores voltam a falar da minha pesquisa, dando dicas sobre o que prestar atenção. Um deles, ainda revoltado com o gol anulado diz: "*a graça do futebol é a dúvida, esse negócio de V.A.R. veio só pra estragar*". Outro ainda completa: "*anota aí outra coisa, a arbitragem brasileira é horrorosa*".

O jogo continua animado, mas a torcida ainda queria o gol que levaria para os pênaltis, já dizendo que em caso de pênaltis, o Corínthians seria campeão.

Aos trinta e seis minutos, gol do Cruzeiro desanima os corinthianos que ficam quietos: "*Corínthians adora tomar gol quando tá bem na partida*", "*Golaço, acabou!*", e ainda me perguntam: "*Você anotou isso?*".

O bar fica quieto, a emoção se acaba e sobra um pouco da tristeza dos que esperavam ser campeão nesta noite. Alguns ainda pedem mais raça ao time, pedindo vontade. Próximos ao fim da partida, em uma confusão em campo a torcida aproveita para extravasar sua raiva em

baixo calão: "*Vai tomar no cu*", "*vagabundo*", "*viado*".

Com o tempo chegando ao fim, o jogo fica cada vez mais irreversível, já que o Corinthians precisava fazer dois gols para levar a decisão aos pênaltis.

O que eu não falo para os torcedores, mas percebo nesta noite é que, as torcidas que eu costumo acompanhar no Bar Brasil poucas vezes saíram vitoriosas, levando a pensar a categoria nativa de "*zica*" da minha pesquisa.

Ao fim do jogo, os torcedores falam com suas corporalidades. Braços cruzados, bandeiras à cabeça, alguns mordendo o colarinho da camisa, roendo unhas, etc. Dentro do bar só se escuta a comunicação dos garçons com clientes e o barulho da narração na televisão.

O juiz prolonga o jogo com sete minutos de acréscimo, tempo em que o torcedor não desiste, mas não crê na vitória. A partida acaba e é aplaudida pelos torcedores que logo se retiram para não ver a festa da equipe mineira.

Ao pagar minha conta, ouço algumas meninas reclamando de assédio dentro do bar para Rhay, que responde não poder fazer nada já que o acusado já tinha se retirado.

#### **24/10/2018 Boca Juniors (Argentina) e Palmeiras**

2-0 (Copa Libertadores da América, semi final, quinta-feira – 21h45)

Para esta partida, chego as 21h00 com minha namorada - que já me acompanhara outras vezes - e, por acaso, encontramos um casal de amigos no bar que convidam para nos sentarmos à sua mesa.

Um dia de clima fresco e um bom público no bar. Começo a notar que estar no bar me faz ser cumprimentado pelos torcedores de forma mais frequente agora.

Juntam-se a nós outros amigos de meus amigos, fazendo a mesa se expandir e reclamação de um senhor ao lado em perder o gol da partida que passava no horário entre Fluminense e Nacional do Uruguai.

Esse amigo de meu amigo, chega demonstrando sua torcida pelo Corinthians para assistir ao jogo de seu rival e é respondido com brincadeiras de que "*garrafa vai voar para aí sem querer*".

Os torcedores comentam ansiosos sobre a partida principalmente sobre os jogadores do Palmeiras que tem um orçamento grande de contratação nos últimos anos.

O começo do jogo é aplaudido pelos torcedores do Palmeiras: "*Vamos, Verdão!*"

"*Vai, vai*", "*vira*", "*cruza*"... os torcedores buscam dar as dicas. "*Palmeiras parecendo o "Cirque du Soleil", em dois minutos de jogo e só cambalhota*", reclama meu amigo palmeirense.

"*Calma Dudú*", pedem os palmeirenses para que não perda melhores oportunidades.

"*Tirei a barba quando o Felipão entrou e até agora estamos ganhando*", declara sua superstição um dos torcedores.

O amigo de meu amigo faz algumas provocações em nossa mesa e para o bar todo, gerando risos naqueles que nos rodeiam.

Os torcedores aplaudem o bom momento do Palmeiras, que fica preso às defesas do Boca Juniors, mas sem correr riscos. Mesmo aplaudindo em todas as jogadas, o comportamento dos torcedores é apreensivo, reagindo com os braços e com xingamentos enquanto pedem ao time mais atenção.

O primeiro tempo acaba com o Palmeiras tendo a posse da bola, mas sem maiores emoções ou chutes ao gol.

Com o começo do segundo tempo, a cobrança da torcida palmeirense aumenta no Bar Brasil: "*Vai, joga pra frente!*"

Novamente temos críticas aos juízes que sempre jogam contra a equipe do torcedor.

Um torcedor grita gol em um momento bom, mas a não conclusão da jogada o leva ser culpado pelo bloqueio. "*Sai, zica!*"

O corinthiano começa a ironizar os lances do Palmeiras, e recebe a pergunta: "*Eu tô torcendo contra o Corinthians, pra você torcer contra o Palmeiras?*"

Em seguida, a torcida traz cantorias ao bar com "*Ô, vamos ganhar porco!*" e "*Olê, olê, olê, eu canto que sou Palmeiras até morrer!*" e assobios.

Quando os torcedores começam a comemorar mais as defesas do time que os lances de ataque, o Boca Juniors faz um gol que interrompe a animação das cantorias.

O corinthiano se levanta a comemorar, simulando uma grande comemoração com os braços abertos. Por mais que ele pudesse estar realmente comemorando, e torcendo naquele dia para o Boca Juniors, a comemoração foi definitivamente forçada, para fazer chacota dos palmeirenses. Em seguida é repreendido por um senhor mais velho ao lado: "*Oh, cidadão, pare de ser chato*". Essa rusga provoca uma breve discussão entre os dois e outros do bar sobre quais os direitos dos torcedores dentro do bar e sobre democracia. Outros comentários são feitos ao corinthiano: "*Deixa o argentino torcer*", "*Este aí deve ser eleitor do Bolsonaro*", ao fundo um outro canta mais incisivo: "*Doutor, eu não me engano, filho da puta é corinthiano*", mas que não foram reagidas pelo torcedor que causou o tumulto.

Ainda houve um segundo gol dos argentinos, que para os torcedores no bar, tampou o caixão palmeirense e que gera um grande silêncio no bar. O torcedor corinthiano volta a se levantar, mas sem gritos, dizendo que agora faria a comemoração com respeito.

A torcida reclama muito do estilo de jogo do Palmeiras, acusando um excesso defensivo. “*Vai se foder, time sem saída de bola!*”; “*Com os jogadores que tem, comete uns erros desses*”. Ainda, algumas ofensas para os jogadores que com o resultado estavam eliminados da Copa Libertadores. O jogo acaba e os torcedores vão embora quietos, comentando que a partida foi “um lixo”.

Ao ir embora fui convidado por Rhay para a confraternização de fim de ano do Bar Brasil, que seria uma pequena festa para os funcionários, amigos do bar e clientes mais “chegados”.

### **25/11/2018 Vasco da Gama e Palmeiras**

0-1 (Campeonato Brasileiro, 37ª rodada, sábado – 17h00)

Para esta partida, os torcedores tinham grandes expectativas, sendo que o Palmeiras poderia se tornar campeão brasileiro em caso de vitória contra o Vasco da Gama.

Chego ao bar trinta minutos antes da partida, e mesmo com o bar cheio, encontro uma cadeira junto a torcedores do palmeiras na frente da ala estádio-bar. Ao perguntar se podia me sentar junto me disseram que só poderia caso eu trocasse de camiseta, já que eu usava uma da seleção argentina.

Os torcedores ansiosos já ocupavam todos os espaços do bar, que contava com muita presença de mulheres, quase semelhante aos jogos da Copa do Mundo.

Os torcedores empurram o time com palmas, gritos e batuques nas mesas mesmo antes da partida iniciar.

No pequeno palco, embaixo do telão, os torcedores estendem suas bandeiras, lado a lado, como um altar.

Para ir ao banheiro, um torcedor corinthiano atravessa o altar, e é chamado de “gambá” pelos torcedores palmeirenses.

A torcida animada grita: “*vamos ganhar, porco!*”; comentários dos torcedores aos jogadores vascaínos é de que serão rebaixados, e que os palmeirenses comemorariam hoje na Avenida Higienópolis até o fim do dia.

Ao cantar o hino nacional, os torcedores trocavam as palavras por sucessivos “meu Palmeiras” com o mesmo ritmo da música. Ainda gritavam os nomes dos jogadores um a um, conforme a câmera da televisão os ia focando na fila de abertura da partida.

*“O deca vem aí, hoje eu vou beber até cair!”*

Ao começo do jogo os palmeirenses cantam o hino da instituição e se acalmam um pouco, ainda que aplaudindo cada jogada elaborada pela equipe verde.

Um torcedor ainda reclama do gol do Flamengo, principal concorrente do Palmeiras para o título deste campeonato, mas é apreendido por um outro: "Vamos assistir o jogo aqui, caralho".

A torcida reagia bastante ao que acontecia na partida: "*juiz desgraçado*", "*tira daí*", "*vai, Dudú*". Cada lance era extremamente ótimo ou péssimo para os torcedores que reclamavam dos gritos de gol antes da hora.

Havia muita tensão no bar, e que era expressado através dos palavrões e da forma brava que gritavam os torcedores. Apesar de ainda haver muito jogo em frente, a torcida parecia frustrada por ainda não poderem ter certeza que seriam campeões.

Alguns torcedores deixavam de ver o jogo do Palmeiras para torcer contra o Flamengo na outra partida, dizendo que o Cruzeiro, contra quem jogava o Flamengo, era um clube irmão por terem o mesmo no passado, Palestra Itália.

A animação continua no intervalo e no começo do segundo, esperando o gol para aliviar. Os torcedores pedem alguns nomes para substituição.

Mãos no rosto e gritos de incentivo conduzem junto a cantoria as práticas do torcer nesta tarde.

O palmeirense permanecia confiante, já que o Vasco não apresentava perigo e o seu time ia tomando força em campo.

Um jogador que saiu do Palmeiras sofre alguns comentários racistas ao seu substituído. Também se passam alguns comentários machistas às meninas que cruzam as mesas da frente para ir ao banheiro feminino, episódios que estragam o clima gostoso que ocorria dentro do bar.

Os torcedores começam a ficar apreensivos e xingar seus torcedores por não fazerem o golzinho pedido, chamando-os principalmente de "pipoqueiros".

Em seguida, o Palmeiras abre o placar causando nos torcedores palmeirenses do Bar Brasil uma grande festa. Os torcedores invadem o palquinho, jogam cerveja para cima, sobem nas mesas, tiram camisas, quebram acidentalmente algumas garrafas, se abraçam, entre outras ações emocionadas.

O hino é tocado e acompanhado com muita vontade. Em seguida, gritos de "*É campeão!*" que se repetirão até o fim do jogo. "*Ei, Palmeiras, minha vida é você!*"; voltam a cantar o hino, cada vez mais alvoroçados, batendo nas paredes como tambores e no próprio peito de uma forma que parecia bem dolorida. Do momento do gol ao fim, a torcida não para de gritar e cantar, o tempo parecia não passar para consumir a comemoração.

Ao assinalar cinco minutos de acréscimos, a torcida palmeirense canta: "*Ai, ai, ai ai, tá chegando a hora...*"; os torcedores pediam o fim do jogo, mas aproveitando o gostinho da vitória

na partida.

O juiz aponta o centro do campo, decretando o Palmeiras como campeão. Começa a comemoração no bar, com abraços, gritos e muito chopp jogado para cima. A torcida invade o palco pulando e vestindo as bandeiras que lá tinham deixados. O hino do clube se repete mais algumas vezes e sempre acompanhado com muita força nas vozes torcedoras.

Há um momento de muito abraços e fotografias entre os torcedores que começam a ocupar a rua ao lado do bar, festando ali por mais um tempo até tomar o rumo da avenida Higienópolis, onde os torcedores tradicionalmente comemoram os títulos de seus clubes na cidade.

#### 4.3 TORCEDORES, TORCIDAS E TIMES POR LONDRINA

Os torcedores no Bar Brasil estão lá, confiantes com a vitória de seus times, ao menos até que a bola role e comece a partida. Seguir um clube é acreditar, mesmo contra todos os indícios negativos, que o clube vai vencer, mesmo que o jogo seja uma dura batalha. Para o cronista Nelson Rodrigues (*apud* FRANCO JUNIOR, 2007, p. 295), o que os torcedores procuram no futebol é o sofrimento, pois até quando a emoção vem fácil, ela se esvai, também, facilmente.

Os torcedores do bar não são meros coadjuvantes; eles cantam, gritam, gesticulam, dão dicas para os jogadores, incentivando a si próprios e buscando desestimular os outros torcedores e seus times. *Seus* times, de forma literal, porque, para o torcedor, ele é parte do clube e o pronome possessivo revela a identificação que o torcedor tem; no fundo, cada torcedor torce para si mesmo.

A disputa do futebol não se dá, como sabemos, somente dentro do campo, mas nas festas das arquibancadas e nos debates de futebol durante o dia a dia. No bar não é diferente, os torcedores impõem uma competição entre eles para intimidar seus rivais, que costumeiramente retribuem na mesma moeda.

A esse tipo de interação para constranger e inibir outros torcedores, Gastaldo (2005) dá o nome de desafios verbais. São uma modalidade de interação verbal expressas em voz alta dentro do bar, em frases que, de forma curta e mordaz, são ditas a fim de menosprezar outras equipes e seus torcedores.

Por mais que pareça grosseiro, essas intimidações são, em sua maioria, humorísticas e divertem até mesmo os torcedores que são insultados. Estes são desafiados a retribuir o insulto,

refazê-lo contra o time ou o torcedor que primeiro proferiu. Assim, ciclicamente, os desafios verbais emanam no bar durante as transmissões de futebol.

Gastaldo (2005) ainda aponta outras formas de interação entre os torcedores durante as partidas de futebol, que são as interações com as imagens e com o locutor da partida. Ao ver cenas da partida em imagens durante as transmissões dentro do bar – e nos *replays* concedidos pelos canais de televisão, os torcedores tecem comentários sobre [quase] tudo que acontece em campo. Reclamam dos lances ruins, elogiam jogadas bem executadas, contrariam as marcações de falta, dão dicas aos jogadores etc. Ao mesmo tempo em que o jogo é jogado no campo, é mostrado nas televisões e narrado pela equipe de transmissão, ele é comentado pelos frequentadores do bar.

Ao que se ouve também se dá sentido valorativo, principalmente enquanto informações dos times, campeonatos e partidas que ocorrem. Porém, para o torcedor, o papel do narrador circunscreve-se somente o de descrever o que acontece em campo, nunca se assume que seu time fez uma falta, ou estava impedido em um lance de gol anulado, há sempre o complô contra sua equipe, a manipulação da mídia.

A mesma forma de interação serve para o juiz, que é sempre um “comprado”; o juiz nunca está certo, nem quando acerta. O responsável por regular o futebol de acordo com as leis que formam o jogo nunca tem amigos no bar.

No futebol espetáculo, como aponta Damo (2007), o clubismo é um sistema simbólico próximo a um totemismo moderno, diante dos sistemas de crenças e representações coletivas que são apresentadas pelos torcedores. O clubismo gera um sentimento de identidade e pertencimento dos torcedores entre o clube e entre a torcida de um clube, um ideal de união de uma comunidade imaginada em prol dos totens do futebol, ou seja, no caso do Bar Brasil, os clubes e a seleção brasileira contra seus oponentes.

Portanto, torcer por clubes e pela seleção nacional é, dentro do Bar Brasil, uma forma de ritual da sociedade londrinense com seus times e que se dá também pelas interações entre os torcedores, para além das interações face a face realizadas.

Esta investigação antropológica buscou compreender como os torcedores entendem seus símbolos e os valores que dão aos seus times, além de descrever formas particulares de interações realizadas dentro dos bares, que são componentes importantes nas emoções geradas pelo futebol. Existe um conjunto de significados inerentes ao torcer de futebol e como eles são representados nos bares pelas *performances* dos torcedores: comportamentos, gestualidades, discursos e, inclusive, indumentárias.

Destaca-se também como o futebol é compreendido como uma linguagem da socialização entre os indivíduos dentro do bar, que compartilham uma série de símbolos permeados de regras, etiquetas, tabus, rituais (DAMO, 2007).

Outra forma de comunicação empregada dentro no Bar Brasil durante as partidas de futebol são os palavrões e os xingamentos, expressos mais de maneira protocolar do que como uma ofensa direcionada. Entende-se a utilização dos palavrões assim, pois os significados da grosseria fazem parte do ritual de se expressar torcendo culturalmente, nas amplas reclamações feitas na emoção do momento inseridas no pertencimento clubístico (DAMO, 2005), mesmo que por ameaças ou insultos. Os palavrões são padrões de comportamento dramáticos e de comunicação entre torcedores e funcionam como parte do torcer (Toledo, 1996).

(...) todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (...) (MAUSS, 1979, p.153).

O “falar para todos” de Gastaldo (2005) é adequado para as falas de todas as alas do Bar Brasil. É uma forma de trazer o bar todo para uma conversa curta, não importando o grau de amizade dos membros, sendo que estar no bar já os torna próximos. Indagado por mim sobre as razões de fazer isso, um torcedor responde que é para animar o jogo, que assim aprendeu a torcer, e que é assim que diverte a si e ao ambiente, na “camaradagem”. Perguntei também se algum dia alguém já o tinha confrontado de maneira mais ríspida e o torcedor responde que não, que o Bar Brasil, principalmente, só era frequentado por “gente boas” e que brincavam junto.

Durante o estudo de campo, foi notória a forma como cada experiência do assistir de futebol no bar possui significação singular para os torcedores, pelos seguintes motivos: a) os times não são os mesmos da partida anterior, algo que contribui com a apreensão do resultado, que volta a ser zero a zero em cada início de partida; b) os torcedores rivais são também diferentes, não se sabe como reagirão e como será a interação entre eles durante a partida. Assistir ao seu clube é razão que leva o torcedor ao bar, porém o torcer e a sociabilidade são partes fundamentais do estar lá.

Desta forma, adaptando de Sahlins (1987), esses motivos apontam como antropológicamente é entendido o “evento” que, mesmo diante variações na significância de algumas partidas ou campeonatos, retrata diretamente os valores simbólicos das partidas de

futebol no bar para os torcedores brasileiros, diante da interpretação da cultura e dos eventos. A leitura de Sahlins nos leva a compreender também a importância da história no futebol, que é repleta de significados das emoções vividas.

Desta forma, no Bar Brasil, são notáveis esses tipos de comentários e como eles se repetem ao longo do evento da transmissão de futebol e nos outros dias de jogo. Os comentários são também parte do que motiva os torcedores a irem ao bar, já que algumas partidas podem ser vistas em casa. Diante das observações feitas, as interações faladas dos torcedores como brincar, xingar, discutir futebol, entre outras, são partes do fenômeno das assistências de futebol no bar, e um dos motivos de o local ser referência como espaço de sociabilidade e lazer.

Daí a importância de se confirmar o Bar Brasil como um bar de *ethos* futebolístico, para deixar a entender que lá, em evento de futebol, espera-se o comportamento condizente com o futebol, mesmo sabendo que nem todos ali estão para torcer ou são torcedores de alguma equipe. O *ethos* de um bar contribui para produzir o ambiente de troca entre os seus frequentadores, gerando certa simpatia, e essa é uma das razões que trouxe o Bar Brasil para o cenário desta pesquisa, por um bar com *ethos* de futebol, e não um *ethos* referente a algum time em específico.

Diante do presenciado em campo, ficou entendido que o primeiro ato do torcedor ao chegar ao Bar Brasil é garantir seu lugar, uma cadeira que tenha vista privilegiada para a tela, seja em mesa de qualquer ala ou em um dos balcões da ala bar. Como dito, não é incomum sentar-se com estranhos, pedindo permissão, para assistir às partidas quando não há outro lugar. Essa prática não é muito apreciada quando não há o futebol, mas às vezes não há onde se sentar, e os torcedores precisam ficar em pé ao fundo do bar, do lado de fora, espiando por entre as largas janelas, ou mesmo sentar-se ao chão.

Algumas vezes, o bar sobrelotou sua capacidade máxima, principalmente durante as partidas da seleção brasileira na Copa do Mundo, na partida em que sagrou o Palmeiras campeão do Campeonato Brasileiro e nos jogos finais entre Cruzeiro e Corinthians na Copa do Brasil. Nesses eventos, os torcedores se “espremiavam” para que todos coubessem, o que gerou alguns problemas na estrutura de serviço do bar, como filas para pegar cerveja e para uso do banheiro, atraso em pedidos e no trânsito dos garçons.

Ao procurar assistir às transmissões no bar de diversos lugares, descobri um lugar que me acolheu durante as transmissões dessas partidas de maior público, um banco em balcão localizado atrás de um grande pilar que cobria a visão para o telão principal da ala bar, mas que me possibilitava ampla observação dos torcedores sentados nas mesas à frente e no balcão ao lado. Desse espaço, pude conversar melhor com os torcedores e observá-los sem que eles me

notassem e, ainda, conseguia assistir às partidas pela televisão lateral, também sintonizada no “jogo principal”.

Durante essas ocasiões, em que nos sentávamos mais próximos dentro do bar, era também mais comum que os torcedores me perguntassem o que eu fazia com o caderno em mão, sempre anotando, curiosos com o meu comportamento de “não-torcedor” naquele ambiente. Sempre fui claro, respondendo sobre o que eu fazia lá dentro, explicando a eles, de forma resumida, que era parte de uma pesquisa que eu fazia pela universidade, o que gerava ainda mais a atenção dos torcedores; durante esses momentos nós conversávamos e olhávamos para a televisão concomitantemente.

Minha explicação não pareceu modificar muito o comportamento dos torcedores à minha volta, o que me leva a crer, de uma forma cômica, que ou os torcedores confiaram muito na cientificidade do meu trabalho, ou não deram bola para o que eu fazia ali.

Certa vez um torcedor me perguntou se eu era do jornal local, pelo fato de que eu não parecia visivelmente estar torcendo contra o Corinthians, muito menos a favor, e foi tentando adivinhar para qual time eu torcia.

Durante o tempo que acompanhei as partidas de clubes do futebol nacional, pude também perceber como os torcedores cultuam a equipe torcem, expressando o amor o quanto podiam, com músicas, gritos de guerra, gritos motivacionais e o desprezo às outras equipes. O antagonismo entre as equipes é nítido dentro do bar, principalmente por ser o espaço do convívio dos torcedores de equipes rivais.

A partir dessa dinâmica simbólica do torcer, entendemos o comportamento clubista e os pertencimentos dos torcedores do Bar Brasil e as relações deles com suas equipes. O sentimento de amor ao clube é um vínculo único de cada sujeito, dado pelo comprometimento emocional; e não basta amar o seu time, é obrigatório para o torcedor odiar os outros.

Assim se dá com o simbolismo das músicas entoadas no bar, que buscam engrandecer os times por suas conquistas passadas, por sua virilidade e imposição dentro de campo. Quando a torcida canta que ama a equipe, espera que os jogadores recebam esse amor e se portem mais aguerridos. Os torcedores querem mostrar que seu amor ao clube a empurra rumo à vitória. Ao mesmo tempo, o desprezo aos adversários os torna mais fracos. Desta forma os jogadores representam o clube, que representam os sentimentos individuais de cada torcedor àquele clube, seja favorável ou contrário.

Outras formas de *performance* também completam o ritual de torcer do futebol no Bar Brasil, como a gestualidade e as falas. O corpo dos torcedores reflete suas emoções na partida, como ansiedade, tristeza ou felicidade. Não à toa os torcedores se abraçam com um gol, ou

levam suas mãos à cabeça em um lance de perigo que não resulta no placar. É parte de um comportamento restaurado do se mostrar torcendo, empurrando o time ou sofrendo junto no comportamento e nas representações sociais.

Assim, as *performances* do torcer apresentadas no Bar Brasil consistem na ritualização de gestos e de sons que moldam as apresentações dos torcedores em coletividade em interações que são parte do jogo e do ritual. O mostrar-se torcendo também gera oportunidade de uma disputa entre torcedores do mesmo time, dentro do *status* de torcedor existente na representação coletiva do torcer, o fanático quer mostrar que seu amor ao time, como montante de investimento pessoal, é maior pelas loucuras que realiza e por parecer torcendo mais.

A observação etnográfica revelou alguns dados importantes para se pensar os torcedores por alguns padrões de ações: a) o torcedor costuma chegar poucos minutos antes do início das partidas, pois vai com o intuito de assistir ao jogo, mesmo o bar sendo um ambiente de sociabilidade e lazer entre torcedores e não torcedores; b) o torcedor busca sempre o melhor lugar disponível em relação aos televisores. Ele procura em qual aparelho vai ser transmitido o jogo que quer ver, em seguida busca por mesas em uma boa localização; c) O torcedor nem sempre vai sozinho, mas combina com alguns amigos de se encontrar no bar. A partir do momento que a mesma pessoa vai sempre ver partidas, ela começa a reconhecer alguns torcedores e ser reconhecida, facilitando uma interação ainda que distanciada entre os frequentadores do bar; d) faz parte da lógica desse grupo facilitar a diferenciação entre eles, e mostrar com qual time se identifica e é torcedor, principalmente pelo uso das camisetas; e) a maioria opta por consumir cerveja; f) nem todo torcedor interage em voz alta ou canta junto, mas reações com o corpo sempre acontecem; g) aqueles que costumam “falar para todos” são identificados logo ao início da partida; h) o intervalo é o momento da trégua, de diminuir as tensões para voltar novamente para a guerra emocional do segundo tempo; i) ao fim da partida, é costume da maioria dos torcedores rapidamente ir embora, principalmente nos jogos de quarta-feira à noite. Em jogos de sábado e domingo, por serem dias foras das obrigações do trabalho, alguns ficam mais tempo no bar.

O comparecimento dos torcedores ao Bar Brasil mostrou-se depender das condições de disputa que os clubes enfrentam no decorrer do ano e das competições. Os torcedores de clubes que estão indo em má fase, correndo riscos de rebaixamento, vão ao bar para torcer e empurrar seus clubes para que consigam resultados melhores, para que evitem a humilhação de ser rebaixado a um campeonato de nível inferior. Os torcedores de clubes que estão disputando títulos comparecem inflamados pela possibilidade de serem campeões, com esperança de que

essa boa fase não se encerre e que possam logo fazer a festa. Eles se sentem diretamente responsáveis com os resultados da equipe, mesmo não chutando a bola.

Comumente, o torcer de futebol se transforma em uma disputa de vontades e emoções coletivas, um pouco que religiosa, um pouco que pagã, sempre pedindo por vitórias sem limites para seus times e a extinção do clube rival. A ritualidade do futebol apresenta alguns componentes que extrapolam o mundo terrestre e são resolvidos enquanto magia - seja divina ou pela sorte. Quando o resultado da magia não é o esperado, logo se atribui a uma falha em como ela foi feita: na roupa usada, na falta de gestualidade, nas palavras mal proferidas.

Em alguns momentos o futebol visto de dentro do bar absorve os torcedores, isso é dado diante das partidas de maior emoção, que valem classificações, títulos e rebaixamento. O torcedor envolvido na partida e em meio a outros torcedores se comporta como se nada fora do bar fosse importante. Em meio às emoções de torcer, eles pulam forte, gritam, se desesperam junto com o seu time. É um momento que o relógio para, resta somente o torcedor e sua emoção, para a alegria ou para a tristeza, em que sua fé e sua vontade são testadas, embora o coletivo de torcedores sinta o mesmo, o que transforma, entre tudo, o ambiente dentro do bar. No Bar Brasil isso se deu em alguns momentos, em que os torcedores mordiam as mãos, evitavam olhar para a televisão, escondiam a cara, mordiam o crucifixo pendurado aos seu pescoço, se desesperavam esperando por uma vitória. Como aponta o escritor inglês Nick Hornby (2012, p.129), “times de futebol são extremamente inventivos nas formas que encontram para causar sofrimento a seus torcedores”.

Essa expectativa da vitória pelo torcer é denominada, nesse trabalho, por magia: elemento que dá sentido às práticas e aos rituais dos torcedores, enquanto um fato social. Magia é magia e não se explica, mas, para Mauss (2003), é um ato eficaz de agência humana que é parte de ritos e crenças coletivas, categorizado por sua repetição. O que distingue a magia de outras palavras e gestos é a eficácia, o garantir dos poderes de, no caso do futebol, modificar situações e manipular o estado físico e mental dos jogadores para conseguirem a vitória.

Estamos, pois, em posição de concluir que por toda parte existiu uma noção que envolve a noção do poder mágico. É a noção de uma eficácia pura, que, não obstante, é uma substância material e localizável, ao mesmo tempo que é espiritual, que age à distância e, portanto, por conexão direta, se não por contato, móvel e motora sem mover-se, impessoal e revestidora das formas pessoais, divisível e contínua (Mauss, 2003, p. 142).

Lévi-Strauss, em seu *O Pensamento Selvagem* (2008), procura distinguir magia de ciência e religião, mas entende que a diferença entre esses três se dá pela cosmologia vivida pela cultura, enquanto formas de conhecimento paralelas, tendo como base a bricolagem. Em

*Antropologia Estrutural* (1978), Lévi-Strauss aponta, sob a influência das dicotomias de linguagem saussurianas, que não há razão de duvidar da magia de um feiticeiro pela eficácia que esta tem dentro do sistema de crenças coletivas, presentes na cultura e na natureza.

Para Stanley (*apud* PEIRANO, 2000,) não há diferenças qualitativas entre a linguagem da magia e a linguagem do cotidiano, mas uma forma intensificada e dramatizada, que possui na eficácia a transferência de qualidade a um recipiente, dentro do caráter performativo do ritual. Para isto o autor afirma que a forma e o conteúdo do ritual estão inseridos dentro da crença cosmológica, isto é, o que compõe os universos de concepção das normas e processos dos quais a cultura faz parte.

Thus, while we must grant the importance of cultural presuppositions, of cosmological constructs, as anterior and antecedent context to ritual, we must also hold that our understanding of the communicative aspects of ritual may not be furthered by imagining that such a belief context adequately explains the form of the ritual per se. But the clue for synthesizing this seeming antinomy has already been revealed, in the fact that cosmological constructs are embedded (of course not exclusively) in rites, and that rites in turn enact and incarnate cosmological conceptions (Tambiah, *apud* Peirano, 2001, p. 25).

Outro dado importante identificado em campo foi a massiva presença masculina nos jogos do Bar Brasil, principalmente durante os jogos dos clubes e o predomínio numérico das mulheres durante os jogos da seleção. Atrelo a esse dado o fato de que o futebol ainda é um esporte predominantemente masculino. Mesmo tendo esse *status* mudando um pouco ano a ano, ainda os homens detêm o espaço do torcer. Nos jogos dos times de torcida mais numerosas, e principalmente em jogos que tiveram uma importância maior dentro dos campeonatos, se notabilizara mais a presença feminina dentro do Bar Brasil, mas ainda pequena – destacando jogos finais da Copa do Brasil e as últimas partidas do Palmeiras durante o campeonato brasileiro. Porém a frequência feminina no bar, analisada também durante dias em que não havia partidas de futebol, era quase igual à presença masculina.

Ao fator da diferença em presença dos gêneros nos dias de transmissão do futebol, é possível que seja algo parte da *performance* torcedora, como algo repetidamente feito, diante do fato de que o futebol historicamente é um campo de predominante atuação masculina, ensinado e exercitado aos filhos homens pelos pais desde que eram pequenos, e que ocorre diferente em relação a algumas mulheres na sociedade brasileira. Assim, o torcer, que é uma área aberta também às mulheres, reifica comportamentos emocionais e experiências miméticas já realizadas nas atividades do lazer, não sendo entendido como um problema de gênero com o torcer de futebol, mas de significação do esporte pelos gêneros em uma sociedade ainda machista.

Para além do futebol que é assistido, torcido e retorcido, existe também o comentado. Uma das grandes atrações para mim foi ver as formas com que os torcedores conversavam sobre o jogo, mesmo com desconhecidos. Os lances que acontecem na televisão são também comentados, via “falar para todos” de uma forma mais técnica, nem sempre somente por humor. Os torcedores comentam as regras do jogo, as formas de modificar os esquemas táticos das equipas, alterações que podem ser feitas para implementar um melhor modelo de jogo. Isso mostra um investimento dos torcedores em saber como o time joga, assim como os times rivais.

Comparece-se ao bar não somente para assistir à partida, mas para torcer. Isto se dá pelo apressado à magia, ao contribuir com o time através da sua vontade de que ele ganhe, visível nas dicas que dão os torcedores para a televisão, em esperança que os jogadores os escutem; nas músicas que entoam dizendo o seu amor e nas ameaças que fazem aos jogadores e juizes.

Sobre estes comentários, pode-se entender que é permitido aos torcedores ter julgamento e opinião dos próprios times; são feitas as análises táticas e as escalões dos times, e também críticas às formas de jogar, aos técnicos e aos atletas. Santos e Azevedo (2008) apontam que há um princípio de igualdade entre os torcedores, uma horizontalização do poder e que, por isto, as discussões sobre o futebol são intermináveis. Porém falar mal de outro time na presença de um torcedor rival rompe com esta barreira, trazendo novamente a disputa entre clubismos existentes em cada torcedor.

A atuação *performativa* dos torcedores no Bar Brasil pode ser compreendida, segundo descrito por Erving Goffman, (2011) como um esforço dos atores em fazer-se crer enquanto enunciados verbais, gestos e comportamentos que são *performatizados* na presença de outros. Essas atuações são avaliadas o tempo todo por outros torcedores, motivo dessas “fachadas” serem um constructo social nas relações de interação “face a face”: “regras do grupo e da situação que determinam quantos sentimentos devemos ter pela fachada e como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas fachadas envolvidas, conscientemente ou não” (GOFFMAN, 2011, p. 14). Seguindo esse raciocínio, o pertencimento clubista funciona como uma das diversas máscaras que os indivíduos adotam em suas existências, as quais definem o papel social dos sujeitos enquanto torcedores para outros atores.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento de fato que todo homem está sempre e em todo o lugar, mais ou menos conscientemente representando um papel [...] É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos.

Em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção de que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos por chegar a viver -, esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao final a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral

da nossa personalidade. Estamos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas (Park *apud* Goffman, 2009, p. 27)

As fachadas funcionam enquanto um código social de entendimento entre os autores e devem indicar a coerência da imagem que é representada pelo indivíduo, Assim aconteceu em meu campo diante da constatação do torcedor de que eu não era corinthiano, durante a segunda partida entre Corinthians e Cruzeiro, porque eu não parecia estar torcendo para o time, e não era palmeirense, por tampouco estar torcendo contra. Mal sabia o torcedor que eu, são-paulino, estava sim torcendo contra.

Neste dia em específico, por eu estar assistindo à partida do balcão e estarmos em muitos clientes no bar, os torcedores tiveram que ficar bem próximos uns aos outros, e o fato de eu estar anotando detalhes em um caderno chamou a atenção dos torcedores à minha volta, que ficavam curiosos sobre o que eu escrevia e, depois de explicado, me davam dicas do que eu devia escrever. Os torcedores compartilhavam também um pouco mais de suas histórias e do seu amor, mas não senti diferença nas *performances* do torcer.

A queda da minha fachada de torcedor do Corinthians foi algo que Goffman explicaria enquanto uma situação de constrangimento e, conforme o autor, os outros autores também buscaram por diminuir os danos desse constrangimento, alegando que, ao menos, eu também não era palmeirense. Goffman aponta que o “outro” é de fundamental importância para que o “eu” possa manter a fachada.

Precisamos identificar padrões e sequências naturais de comportamento que ocorrem sempre que pessoas entram na presença imediata das outras. Precisamos enxergar esses eventos como uma questão de análise por si só, analiticamente distinta de áreas vizinhas, como, por exemplo, relações sociais, pequenos grupos sociais, sistemas de comunicação e a interação estratégica (Goffman, 2011, p. 10).

Para Goffman (2010), o objetivo das interações sociais são a transmissão e a recepção de informações entre os indivíduos, que em lugares públicos compartilham de determinadas regras de conduta. Os indivíduos devem agir conforme o esperado, e na ocasião de torcer no Bar Brasil em um jogo final entre Corinthians e Cruzeiro, esperava-se que lá estivessem “nós” corinthianos e “eles” rivais, já que quase não se constata cruzeirenses na cidade de Londrina.

Nem só sobre futebol se falou no Bar Brasil. As eleições presidenciais foram assunto paralelo durante o período de campanha dos candidatos, uma eleição que foi marcada pela polarização do eleitorado brasileiro entre a volta do Partido dos Trabalhadores e o crescimento da extrema direita. A maioria das manifestações dentro do bar se dava em apoio ao candidato

do PSL, Jair Bolsonaro, que veio a ser eleito com 80,42% dos votos válidos<sup>47</sup> na cidade de Londrina. O candidato havia sido rejeitado pelas torcidas organizadas de diversos clubes ainda durante campanha, em uma nota coletiva, pois este admirava a ditadura ocorrida no país e possuía um alinhamento ideológico contrário às minorias, provocando repúdio das organizadas.

Tanto no bar quanto dentro dos estádios, as torcidas e jogadores demonstravam suas opiniões diante do cenário político brasileiro, e um dos primeiros atos de Bolsonaro após ser eleito foi estar presente no estádio do Palmeiras na premiação do Campeonato Brasileiro.

#### 4.3 A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2018

No *flow*, por onde a gente passa é *show*, fechou. E olha onde a gente chegou. Eu sou país do futebol, negô. Até gringo sambou, tocou Neymar é gol! Óh minha pátria amada, idolatrada, um salve à nossa nação! E através dessa canção, hoje posso fazer minha declaração. Entre *house* de *boy*, beco e vielas, jogando bola dentro da favela. Pro menor não tem coisa melhor e a menina que sonha em ser uma atriz de novela. A rua é nossa e eu sempre fui dela desde descalço gastando canela. Hoje no asfalto de toda São Paulo de nave do ano, tô na passarela. Na chuva, no frio, no calor. No samba, no *rap* e tambor, as mãos pro céu igual meu redentor. Agradeço ao nosso Senhor! Poeira no boot, é cinza, Kichute. Campão, barro na canela. Maloqueiro, *fut*, talento – é arte de chão, ouro de favela. Imaginei, pique Boy do Charmes. Voltei, estilo Charles Dow pra fazer a quebrada cantar mesmo, é tipo MC Lon. Eu vim pelas taças, pois, raça foi, quase dois palitos. Ontem foi choro, hoje tesouro e o coro grita "Tá Bonito"! Eu sou Zona Norte, fundão, *swing* de vagabundos de quem venceu a desnutrição e hoje vai dominar o mundo. (OLIVEIRA, Leandro "Emicida"; DANTAS, Guilherme "Mc Guime"; REIS, Victor. País do Futebol. São Paulo: Warner;Chappel Music, Inc.: 2013 (2:29)).

A Copa do Mundo é um evento organizado pela FIFA que atrai a atenção do mundo todo para o futebol, tendo se consolidado enquanto um espetáculo global no século XXI, uma "máquina cultural" que se envolve na economia, na política e no simbolismo (ALABARCES, 2002). No Brasil não é diferente, o autoproclamado país do futebol assimila a Copa do Mundo enquanto um momento de se mostrar para o mundo, exibindo um dos seus orgulhos, o futebol nacional, contra o resto do planeta em disputa por prestígio. Maior campeão do torneio, o brasileiro exalta que "todo mundo tenta, mas só o Brasil é penta".

A cada quatro anos os brasileiros se encontram olhando para uma tela de televisão, esperando a vitória da equipe canarinho. Essa percepção de identidade nacional une os

---

<sup>47</sup> Folha de Londrina: Em Londrina, Bolsonaro vence com 80,42% <https://www.folhadelondrina.com.br/politica/em-londrina-bolsonaro-vence-com-8042-1018786.html>

brasileiros em um momento ritual, despertando as memórias de outras Copas e torcendo para que a atual seja também triunfante. Os brasileiros compram camisetas, enfeites para decorarem a si, casas, ruas e carros, pintam seus rostos e cabelos, compram bandeiras, comida e cerveja e marcam encontro para assistirem aos jogos, que nunca devem ser assistidos sozinhos.

Como no resto do país, a Copa do Mundo no Bar Brasil foi um evento excepcional. Até certo momento, todos lá dentro torciam para a mesma equipe ganhar, era uma corrente sem rupturas. O bar estava decorado com faixas verde-amarelas, havia promoções especiais para os clientes, os horários de atendimento eram diferentes dos dias comuns. A Copa de 2018 proporcionou aos brasileiros jogos pela manhã e, não importando o horário, no imaginário brasileiro futebol de Copa merece uma cervejinha.

Exatamente assim, a Copa permite ao brasileiro algumas exceções, permite que o expediente do trabalho e da escola seja alterado, permite partilhar das emoções de um jogo com sua família, amigos e desconhecidos que estão torcendo juntos. Em relação a essa sensação de união dentro das fronteiras do país durante a Copa do Mundo, podemos utilizar o conceito de Benedict Anderson (2012) sobre “comunidades imaginadas”, isto é, um momento em que indivíduos sentem que estão compartilhando simbolicamente e afetivamente o pertencimento ao mesmo lugar, através de cultura, história, crenças e idioma, apesar da diferença entre eles. Os membros de uma comunidade imaginada, segundo Anderson, não conhecem uns aos outros em sua totalidade, mas se sentem fazendo parte dessa comunidade.

Esse sentimento de comunidade em um país grande e desigual como o Brasil explica como o futebol se apresenta enquanto identidade e símbolo do país, representando-o apesar das diferenças existentes entre as fronteiras. Assim, o selecionado nacional torna-se uma metáfora que engloba características que o brasileiro deseja ter, como a criatividade, a garra, a habilidade e a diversão.

O contexto da Copa do Mundo de 2018 é delicado no Brasil, pois o país enfrentava as vésperas de uma eleição presidencial que tinha como o candidato mais popular um ex-presidente preso por denúncias de corrupção, o qual se defendia por estar sendo injustamente acusado por um grande pacto de seus opositores. Seu principal concorrente, um militar capitão da reserva representante da extrema direita, se declarava contra as minorias. O país era governado por um vice-presidente de uma governante destituída sob um processo de *impeachment*; o país vivia uma grande crise econômica e mais de 12% de sua população total estava desempregada. No futebol, costumeiramente um alento do brasileiro, as coisas também andavam mal: dezesseis anos sem o título de uma Copa, sendo desclassificado da última por um placar de 7 a 1, em seus domínios, em Belo Horizonte. O uniforme amarelo da seleção era

um símbolo político utilizado por manifestantes liberais e de extrema direita, e a Confederação Brasileira de Futebol passava por inúmeras investigações de corrupção.

A fé do brasileiro em seu país estava abalada, mas a Copa confirmou no Bar Brasil ser um momento de festa, de esquecer o cotidiano e vibrar com os jogos que eram proporcionados. Durante os momentos das partidas, não importava a situação do brasileiro, sua tendência política ou religiosidade, e sim saber qual seria a melhor opção do técnico Tite para colocar em campo, quem seria o artilheiro do time e qual o resultado da próxima partida. Os times nacionais, paixão dos torcedores mais assíduos, não eram esquecidos, mas eram deixados de lado diante da parada de todos os campeonatos, para que víssemos os melhores jogadores do planeta em ação por suas seleções.

Até quem não torce para nenhum time torce para o Brasil. Esta frase afirma que o momento de festa da Copa do Mundo é até mais importante que o futebol, o torcer para o Brasil não é necessariamente dedicar-se à torcida de futebol, mas à experiência coletiva e emocional que o futebol propõe durante esse período, em ruptura ao cotidiano dividido dos brasileiros, que tirou os londrinenses da cama em um frio mês de julho para levá-los ao Bar Brasil, a acompanhar os jogos da seleção.

Sorrir, gritar, vibrar e se entristecer. A Copa provocou diversos sentimentos nos brasileiros do Bar Brasil; esperávamos que o país fosse um pouco mais adiante, mas a forma que caiu lutando nesta edição recuperou um pouco seu prestígio que houvera sido devastado em 2014. O brasileiro não voltou a confiar em seu escrete como antes, mas com voltou a sentir o futebol, deixar se emocionar com ele novamente.

## **5 - A VOLTA PRA CASA**

Podemos dizer que o Bar Brasil é parte de uma paisagem urbana e um centro lúdico na cidade de Londrina, por tratar-se de um local onde o futebol desencadeia um tipo de sociabilidade complexa por distanciamento, ou seja, uma sociabilidade sem intimidade, mas que ainda assim ocorre de modo informal, delimitando certos tipos de liberdade (TOLEDO, 1996) Esta se dispõe à criação de redes torcedoras, entre torcedores do mesmo time e de times rivais, sobretudo através de relações denominadas por Gastaldo (2010) como relações jocosas, que são as interações sociais lúdicas mediadas pelo futebol, geralmente em forma de provocações, sátiras, desafios ou apostas permitidos pelos que se relacionam. É uma forma de disputa territorial argumentativa entre os torcedores, pois quem se ofende acaba por perder. O

“falar para todos” (GASTALDO, 2005) foi também uma interação bastante presenciada no Bar Brasil em meio aos torcedores. Esta se configura quando alguns comentários sobre a partida se destacam, podendo ser cômicos ou não, e se dispersam entre os que assistem. São geralmente frases curtas e de efeito que se misturam à imagem e aos acontecimentos da partida.

Uma terceira forma de interação entre as torcidas é pela composição dos gritos de incentivo das equipes e de provocações com as adversárias, além das observações dirigidas aos juízes. Estes se alteram de acordo com o momento da equipe na partida, levando em consideração também a equipe adversária. Há ainda a cantoria das torcidas, em sua maioria, reprodução dos cantos das torcidas organizadas, mas que ecoam também dentro do bar, lembrando que existem em Londrina subseções das grandes torcidas organizadas de equipes paulistas e gaúchas. Dentre as tantas regras existentes no torcer, a que é tomada como um mandamento supersticioso é o de nunca gritar gol antes do momento, para não interferir no lance com o azar do fato prenunciado. Assim o torcer de futebol se manifesta em diversas regras que delimitam as formas de comportamento e de relacionamento que são aceitáveis e não aceitáveis, e o bar funciona como um operador simbólico dessas experiências.

Outra ferramenta epistemológica para a análise deste fenômeno é a Antropologia da *Performance*, para analisar os dramas sociais e as ritualidades dos torcedores nessas relações sociais. Entende-se aqui que *performances* (SCHECHNER *apud* LIGIERO, 2012) são ações liminares em que se objetiva fazer-se crer aquilo que se representa, um “metajogo” ritual de comportamentos restaurados que cria uma segunda realidade, não cotidiana, um espaço-tempo de estruturas próprias por um novo arranjo de funções, processos e experiências. Isso demonstra no futebol que a importância da vitória na partida dita uma série de dramas sociais e de modos de comportamentos por possuir função social e ritual de sons e gestualidades expressivas nos torcedores. Estes são transformados durante o curso da partida, no sofrimento exacerbado da derrota e na vitória épica contra o pior dos oponentes. Acredito ser pela antropologia da *performance* uma oportunidade para responder a Galeano (2004) sobre “quantos teatros existem em um jogo de futebol”.

O bar é o local de excelência para se jogar conversa fora, para se dedicar ao trago de uma boa bebida e para se assistir a uma boa partida de futebol. Assim, contribui para o encontro de amigos, e há uma centralidade da bebida na sociabilidade dos que lá estão. A cerveja e a cachaça já tomam posto no imaginário brasileiro como duas grandes paixões, e é no bar que essa combinação tem seu consumo estimulado pelas relações do local com a sociabilidade. "O álcool é uma bebida consumida como alimento e às vezes como remédio e possui um rico

significado simbólico quando usado em costumes e rituais sociais, culturais e religiosos" (EDWARDS *et al*, 1999, p.31).

Diante das cantorias das torcidas que encham o bar e da conversa mais séria sobre escalações de plantel, táticas e história das agremiações que acontece em menor número de interlocutores, o discurso nunca deixa de ser importante no espaço. Neste sentido, o dito é grande parte do espetáculo futebolístico que acontece no local, como a narração da televisão, os comentários e piadas feitas pelos torcedores, as previsões do futuro, os aportes ao passado, as lamúrias de um lance perdido, a alegria de uma boa jogada, os xingamentos a juizes e a jogadores em má jornada e o grito mais gostoso do bar, o de gol.

O que é falado e gesticulado dentro do Bar Brasil durante os momentos de torcer são o que caracterizam essa pesquisa como um estudo de um ritual específico contemporâneo. O torcer de futebol emana a magia que conduz o time à vitória. Simbolicamente, no fim não importa quem são os jogadores em campo, a disputa do futebol no bar é entre os feiticeiros que comandam o torcer, que gritam para a televisão, cantam e gesticulam. Até aqueles que preferem assistir quietos à partida expressam seu torcer com o corpo.

Esses apontamentos de início, do meu campo antropológico, apontam para uma dimensão de signos e simbolismos no futebol que expressam a grande paixão do esporte para quem a vive. Além disso, explicam a importância do bar enquanto um ambiente fora da responsabilidade rotineira, que realoca o espaço da preocupação e da seriedade, coloca no futebol matrizes que apontam como se dão as diferentes formas de identificação através de representações igualitárias entre torcedores e seus rivais. O futebol é um modo de vida, uma forma de expressão e, no bar, uma forma de lazer coletivo.

Torcer por um clube de futebol dentro do bar é comprometer-se com as intensas manifestações de emoções e sentimentos que se apresentam durante as partidas e para além delas. O sentimento do torcer atravessa a percepção ética, moral e estética vigente na sociedade do cotidiano e do trabalho, por códigos de condutas comportamentais próprias instituídos pelas emoções e pelas experiências revividas, apresentando o bar como um ambiente lúdico e desviado da regra. Durante o momento das partidas, a identidade torcedora e o clubismo influenciam as ações que acontecem dentro do bar por uma lógica articulada do reconhecimento das delimitações de quem torce conosco e quem torce contra nós, classificando-as em ações de amor ou de repúdio, expressas principalmente por via de uma relação jocosa entre os torcedores – também chamadas de zoeira, brincadeira ou tirada de sarro.

Emoções e sentimentos são construções históricas, de interação com o ambiente social e cultural. A cultura contribui com um padrão de aceitação às reações emotivas diante do

regramento estipulado pelas relações de poder e pela moralidade, delimitando as fronteiras de demonstração de sentimentos aceitáveis pelos grupos sociais (BANDEIRA; HIJÓS, 2017). Essas emoções são revividas no Bar Brasil durante a experiência coletiva do torcer pelo futebol quando é transmitido em uma grande televisão.

Se os sujeitos se revelam como pedem suas emoções, no bar podemos ver essas demonstrações em manifestações corporais e nos discursos entoados, como gritos, cânticos e reações aos lances da partida. As músicas entoadas cantam a união entre a torcida e o clube e exaltam o amor dos torcedores pela agremiação e seus símbolos, pois não à toa o distintivo do clube costuma ficar do lado esquerdo do peito em suas camisas.

Como apresentado anteriormente, a disputa de futebol entre as equipes dentro de campo – que consiste basicamente em vinte e dois jogadores em campo disputando a maior pontuação em gols durante noventa minutos de partida – é acompanhada pela disputa simbólica entre torcedores que, na busca por empurrar seu time para a vitória, fazem, por meio de discursos e *performances*, um embate à parte.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. “**A indústria cultural**”. In: COHN, Gabriel. (org.). Textos de Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- ALABARCES, Pablo. *Peligro de gol: Estudios sobre deporte y sociedade em America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- ALINO-SILVA, Clayton. **O Torcer de Futebol em Bar de Londrina-PR**. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, 2018.
- ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. **A morada do vale: sociabilidade e representações; um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal**. Londrina: Eduel, 1997.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expressão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 2012.

- ARCHETTI, Eduardo. *Argentinian football: traditions and national identity*. Em revista: Mader, Elke y Maria Dabringer, Von der realen Magie zum Magischen Realismus. Berlin, Brandes & Apsel, Südwind, 1999.
- ARCHETTI, Eduardo. *El potrero y el pibe: territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino*. Revista Nueva Sociedad, n.154. Caracas, 1998.
- BANDEIRA, Gustavo; HIJÓS, Maria. **Significados das emoções no futebol brasileiro e argentino: um diálogo em contextos etnográficos distintos**. Revista FuLia, v.2, nº1. Belo Horizonte, 2017.
- BARRAL, Gilberto Luiz. **Espaços de Lazer e culturas jovens em Brasília: o caso dos bares**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <  
[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5557/1/2006\\_Gilberto%20Luiz%20Lima%20Barra%201.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5557/1/2006_Gilberto%20Luiz%20Lima%20Barra%201.pdf)>. Acesso em maio de 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens: A Máscara e a Vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: memórias do futebol brasileiro 1894-1933**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CAMPOS, Edemilson Antunes de; REIS, Jéssica Galante. **Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo – Brasil**. Revista Interface. Saude, Educ., v.14, n.34, p.539-50, jul./set. 2010.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multinacionais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- DAMATTA, Roberto. “**Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**”. Revista USP, São Paulo, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago de 1994.
- DAMATTA, Roberto. “**O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**”. In: NUNES, E. (Org.) A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p. 30, 1978.
- DAMATTA, Roberto. **Antropologia do Óbvio**. Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, pp. 10-17, jun./ago. 1994.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado (Programa de Pós-

- Graduação em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e Identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei Sander. **O espetáculo das identidades e das alteridades**: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- DAOLIO, Jocimar (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores associados, 2005.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: Educação Física e Futebol. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- DAWSEY, John. **O teatro dos "bóias-frias"**: repensando a antropologia da performance. Revista Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 15-34, Dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832005000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832005000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 out. 2018.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGLAS, Mary. **A distinctive anthropological perspective**. In: (org). Constructive Drinking. Perspectives on drink from anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DOUGLAS, Mary. **Impureza ritual**. In: Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 19-56.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC1999.
- EDWARDS, Griffit; MARSHALL, Jane; COOK, Christopher. **O Tratamento do alcoolismo**: um Guia para Profissionais de Saúde. 3ª edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1995.
- FERNANDES, Natalia Morato. **A política cultural à época da ditadura militar**. Revista Contemporânea, 532X v. 3, n. 1 p. 173-192. Janeiro - Junho. 2013.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- FREYRE, Gilberto. *Foot-ball mulato*. Diário de Pernambuco, Recife, p. 4, 17 jun. 1938.
- FREYRE, Gilberto. **Prefácio**. In: RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez/EDUSP, 2000.
- GAEZLER, Lenea. **Ensaio à liberdade**: uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre. Porto Alegre: Luzzano, 1985.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. L&PM Editores, 2018.
- GASTALDO, Edison. **Futebol e sociabilidade**: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, vol. 1, p. 1-16, 2006.
- GASTALDO, Edison. **O fato social total brasileiro**: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da copa do mundo no Brasil. *Horiz. antropol.* [online]. 2013, vol.19, n. 40, pp.185-200. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832013000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832013000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- GASTALDO, Edison. **Ritos da nação**: Uma videoetnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, vol. 31, n.1, p. 209-222, setembro, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**. São Paulo, Editora Nova Alexandria, 2010.
- GIULIANOTTI, Richard; ARMSTRONG, Gary. *Reclaiming the game - an introduction to the Anthropology of Football*. In: *Entering the field: new perspectives on world football*. Oxford: Berg, 1997.
- GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Representação do Eu Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- GOLDAMN, Marcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**: Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia – USP*, v. 46, nº 2. São Paulo, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUTTERMAN, Marcos. **Médicos e o Futebol**: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. *Revista Projeto História*, São Paulo, edição 29,

- tomo 1, p.267-279, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/220903\\_Guterman\\_\\_Medici\\_e\\_o\\_futebol.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/220903_Guterman__Medici_e_o_futebol.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2018.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n° 2, jul./dez. 1997
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massas no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- HORNBY, Nick. **Febre de bola**. Companhia das Letras, 2012.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- JOST, François. **Seis Lições sobre Televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. Londrina –PR. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama> . Acesso em: 09 abril, 2019.
- LANCE; IBOPE. Última pesquisa LANCE/Ibope mostra Flamengo na frente, mas vantagem menor para o Timão. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/flamengo-segue-com-maior-torcida-mas-vantagem-para-timao-cai.html>>. Acesso em 08 junho, 2019.
- LANGDON, E. Jean. **Performance e preocupações pós-modernas em antropologia. Antropologia em primeira mão**. São Paulo: Editora 11, 1996.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Ed. 34, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “**O feiticeiro e sua magia**”. In: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 193-213.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papyrus, 2008.
- LIGIERO, Zeca (Org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**: ensaios. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e Torcidas**: Um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. Dissertação de Mestrado – Psicologia Social, PUC/São Paulo, 1998.
- MACIEL, Diogo Barbosa; BERBEL, Gustavo dos Santos. “**A representação do Eu na vida cotidiana**”. In: Enciclopédia de Antropologia, 2015. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/representação-do-eu-na-vida-cotidiana>> Acesso em maio, 2019.

- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.17. n.49. p.11-29. São Paulo: 2002.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme. **Etnografia Como Prática e Experiência.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 129-156, jul./dez. 2009.
- MARCUS, George. **“Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial”.** In: Revista de Antropologia, USP, n.34. São Paulo: 1991.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.
- MAUSS, Marcel. **Esboço de uma teoria geral da magia.** In; Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac & Naif, 2003, pp.47-181.
- MELLO, Paulo Thiago de. **Pé sujo, o botequim em seu estado mais puro.** In: Rio botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MULLER, Regina Polo. **Ritual, Schechner e performance.** Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 11, n. 24, p. 67-85, Dec. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em maio, 2019.
- NEVES, Delma Pessanha. **O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais.** BIB. São Paulo: n. 55, p. 73-98, 1º sem. 2003.
- ORIGUELA, Milena Avelaneda. **Futebol e cultura: assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba-SP.** Dissertação de Mestrado em Educação Física - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba: 2013.
- ORTNER, Sherry B. **Teoria na antropologia desde os anos 60.** Mana, Rio de Janeiro , v. 17, n. 2, p. 419-466, Aug. 2011 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132011000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132011000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em abril de 2019.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIRANO, Mariza. **O Dito e o feito.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.
- RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder.** Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1984.

- RIVITI, Thiago Garcia. **Futebol brasileiro na atualidade: história, cultura e profissionalização**. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.
- SAHLINS, Marshall. **O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção**". *Mana*, 3 (1 e 2): 1997.
- SANTOS, Daniel; AZEVEDO, Aldo. **“Os torcedores nos bares do DF: secundarização, identificação e sociabilidade na capital”**. In: AZEVEDO, A. A. (org). *Torcedores, mídia e políticas públicas de esporte e lazer no Distrito Federal*. Brasília: Thesaurus, 2008.
- SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **“Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento”**. In: ALABARCES, P. (Org.). *Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: Clacso-AFDI, 2000.
- SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.
- SCHECHNER, Richard. 2006. **“O que é performance?”**, em *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.
- SILVA, Eliazar João. **A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos da identidade nacional**. 2004. 303 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis: 2004.
- SIMMEL, George. **“A metrópole e a vida mental”**. In: VELHO, Otávio. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editora, 1979.
- SIMMEL, George. **“Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal”**. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2006.
- TAMBIAH, Stanley J. **“A Performative Approach to Ritual”** In: \_\_\_\_\_. *Culture, Thought, and Social Action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 123-166, 1985.
- TELLES, Marcio; SILVEIRA, Fabrício. **O Espetáculo do futebol: experiências estéticas e experiência midiática**. Intercon, XXIV Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. São Paulo: tese de doutorado, 2000.

- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcer**: A metafísica do homem comum. *Revisa de História*, n.163. São Paulo: 2010.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996.
- TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: Eduff, 2008.
- TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005. p. 137-158.
- TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974c.
- TURNER, Victor. **The Anthropology of performance**. Nova York: PAJ Publications, 1987a.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VASCONCELOS, Artur Alves. **Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais**: Bifiliação Clubística no Nordeste. *Ponto Urbe*, n. 14, 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1441>> Acesso em: janeiro, 2019.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Companhia das Letras, 2004.
- WEED, Mike. **The Story of an Ethnography**: the experience of watching the 2002 World Cup in the Pub. *Soccer and Society*, v. 7, n. 1, p.76–95, jan. 2006.
- WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Belo Horizonte: Boitempo, 2016.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## DOCUMENTOS OFICIAIS

- SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS. **I levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. [online]. 2007, Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio\\_padroes\\_consumo\\_alcool.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_padroes_consumo_alcool.pdf)> Acesso em: 20 nov. 2018.

## ARTIGOS EM REVISTAS, JORNAIS E WEBSITES

- SOUZA, Denaldo Alchorne. **Do “futebol mulato” ao “futebol arte”**. In: *Futebol Total*, Ludopedia. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/do-futebol-mulato-ao-futebol-arte/>>. Acesso em: 03 set. 2018.

FERREIRA, Daniel Vinicius. **O futebol e as lealdades: simpáticos e românticos**. In: Arquibancada, vol. 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-futebol-e-as-lealdades-simpaticos-e-romanticos/>> Acesso em: 30 jan. 2019.

BAIXA EXPERIMENTA. **Bar Brasil**. 73 anos de história do boteco mais antigo da cidade. 2014. Acesso em: <<http://baixaexperimental.com.br/2014/06/12/bar-brasil-73-anos-de-historia-do-boteco-mais-antigo-da-cidade/>> Acesso em 03 de jun. 2019.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Um dilema**. Jornal do Brasil, 30/11/1996.

### **REGISTRO DE PRODUÇÃO MUSICAL**

MARTINS, Miguel Gustavo. **Pra Frente Brasil**. Jingle. Rio de Janeiro: 1970

OLIVEIRA, Leandro “Emicida”; DANTAS, Guilherme “Mc Guime”. **País do Futebol**. Single, Warnner: Chappel Music, Inc: 2013.

PIXINGUINHA; LACERDA, Benedito. **1x0**. RCA: 1961

ZISKIND, Hélio. **Viajando pelo Tempo**. In: Coração de Cinco Pontas, Faixa 02. São Paulo: MDC: 2009.

### **REGISTRO DE PRODUÇÃO VISUAL**

**RITOS DA NAÇÃO**. Roteiro e direção: Édison Gastaldo. São Leopoldo, 2007.

**UMA TARDE DE JUNHO NO PAÍS DO FUTEBOL**. Direção e roteiro: Édison Gastaldo. Rio de Janeiro, 2010.

### **WEBSITES**

[www.ludopedio.com.br](http://www.ludopedio.com.br)

[www.nexojornal.com.br](http://www.nexojornal.com.br)

## APÊNDICES

### Lista de partidas acompanhadas no Bar Brasil

- 17/06/2018 **Brasil e Suíça**  
1-1 (Copa do Mundo, fase de grupos, domingo – 15:00h)
- 22/06/2018 **Brasil e Costa Rica**  
2-0 (Copa do Mundo, fase de grupos, sexta-feira – 8:00h)
- 27/06/2018 **Brasil e Sérvia**  
2-0 (Copa do Mundo, fase de grupos, quarta-feira – 15:00h)
- 02/07/2018 **Brasil e México**  
2-0 (Copa do Mundo, oitavas de final, segunda-feira – 11:00h)
- 06/07/2018 **Brasil e Bélgica**  
1-2 (Copa do Mundo, quartas de final, sexta-feira – 15:00h)
- 26/07/2018 **Grêmio e São Paulo**  
2-1 (Campeonato Brasileiro, 15ª rodada, quinta-feira – 19:30h)
- 29/08/2018 **Corinthians e Colo-Colo (Chile)**  
2-1 (Copa Libertadores da América, oitavas de final, quarta-feira – 21:45h)
- Cruzeiro e Flamengo**  
0-2 (Copa Libertadores da América, oitavas de final, quarta-feira – 21:45h)
- 04/09/2018 **C.S.A. e Londrina**  
4-1 (Campeonato Brasileiro Série B, 28ª rodada, terça-feira – 20:30h)
- 20/09/2018 **Colo-Colo (Chile) e Palmeiras**  
2-0 (Copa Libertadores da América, oitavas de final, quinta-feira – 21:45h)
- 06/10/2018 **São Paulo e Palmeiras**  
0-2 (Campeonato Brasileiro, 25ª rodada, sábado – 18:00h)
- 10/10/2018 **Cruzeiro e Corinthians**  
1-0 (Copa do Brasil, final, quarta-feira – 21:45h)
- 17/10/2018 **Corinthians e Cruzeiro**  
1-2 (Copa do Brasil, final, quarta-feira – 21:45h)
- 23/10/2018 **River Plate (Argentina) e Grêmio**  
0-1 (Copa Libertadores da América, semi final, quarta-feira – 21:45h)
- 24/10/2018 **Boca Juniors e Palmeiras**  
2-0 (Copa Libertadores da América, semi final, quinta-feira – 21:45h)
- 10/11/2018 **Corinthians e São Paulo**  
1-1 (Campeonato Brasileiro, 33ª rodada, sábado – 17:00)
- Oeste e Londrina**  
0-0 (Campeonato Brasileiro série B, 36ª rodada, sábado – 17:00h)
- 21/11/2018 **Palmeiras e América Mineiro**  
4-0 (Campeonato Brasileiro, 36ª rodada, quarta-feira – 21:45h)
- Flamengo e Grêmio**  
2-0 (Campeonato Brasileiro, 36ª rodada, quarta-feira – 21:45h)
- 25/11/2018 **Vasco da Gama e Palmeiras**  
0-1 (Campeonato Brasileiro, 37ª rodada, sábado – 17:00h)

## ANEXOS

### Lista de Músicas

Pixinguinha e Benedito Lacerda: **1x0** (<https://www.youtube.com/watch?v=yLAh6-nxtk4>)

Hélio Ziskind: **Viajando pelo Tempo** (<https://www.youtube.com/watch?v=nzR70JhA83k>)

Miguel Gustavo: **Pra Frente Brasil** (<https://www.youtube.com/watch?v=prMI6K9BOp4>)

Mc Guime e Emicida: **País do Futebol** (<https://www.youtube.com/watch?v=bWnS2dIDgQA>)

**Brasil, olê, olê, olê** (<https://www.youtube.com/watch?v=jTI-1-U1xU4>)

### Lista de Documentários

**Brasil, Olê, Olê, Olê.** Produção de Fernando Buchhorn, Marcelo Silva, Mateus Reginato, Matheus Camargo e Matheus Zampieri. 2018, Londrina.

**Ritos da Nação.** Produção de Édison Gastaldo. São Leopoldo, 2007. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=199&v=fU11O8VezXI](https://www.youtube.com/watch?time_continue=199&v=fU11O8VezXI)

### Fotos



Figura 8. Bar Brasil durante jogo do Brasil na Copa 2018. Imagem do autor, 2018.



Figura 9. Balcão do Bar Brasil antes de jogo da Copa 2018. Imagem do autor, 2018.



Figura 10. Ala estádio-bar do Bar Brasil cheia durante jogo do Brasil na Copa 2018. Imagem do autor,

2018.



Figura 11. Ala boteco do Bar Brasil pouco antes de jogo do Brasil na Copa 2018. Imagem do autor, 2018.



Figura 12. Torcedores assistindo ao jogo pela janela do Bar Brasil. Imagem do autor, 2018.



Figura 13. Torcedor escondendo o rosto na desclassificação do Brasil na Copa. Imagem do autor, 2018.



Figura 14. Torcedores da seleção comemorando um quase-gol. Imagem do autor, 2018.

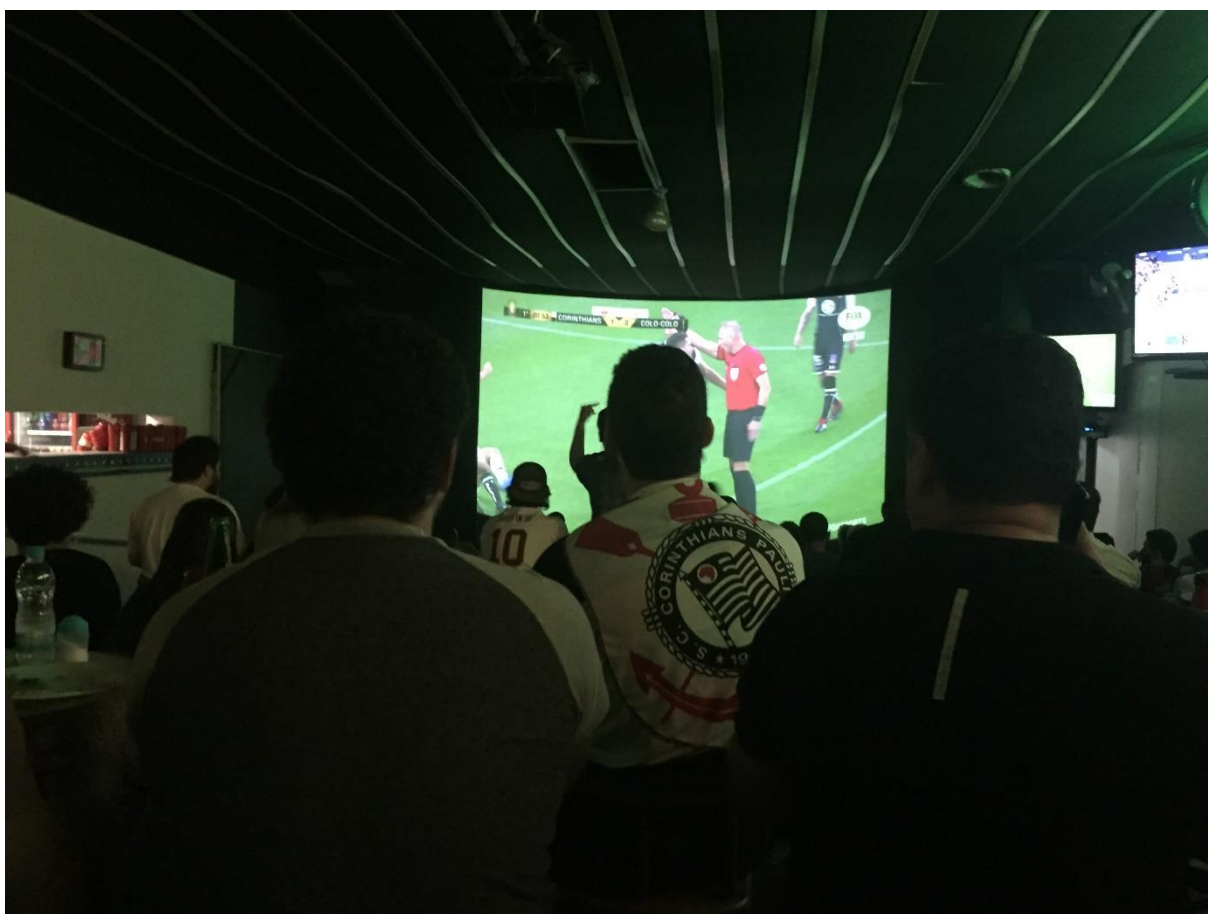


Figura 15. Torcedores do Corinthians assistindo a uma partida no Bar Brasil. Imagem do autor, 2018.



Figura 16. Torcedores do Palmeiras comemorando o título em frente ao Bar Brasil. Imagem do autor, 2018.